

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA – INHIS

ARIELLE FARNEZI SILVA

**PAPÉIS PARA MULHERES:
EDUCAÇÃO E ABOLIÇÃO NAS “CRONIQUETAS” DE ARTHUR AZEVEDO
(1885-1889)**

UBERLÂNDIA

2018

ARIELLE FARNEZI SILVA

**PAPÉIS PARA MULHERES:
EDUCAÇÃO E ABOLIÇÃO NAS “CRONIQUETAS” DE ARTHUR AZEVEDO
(1885-1889)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal de Uberlândia sob
orientação do professor Dr. Marcelo
Lapuente Mahl, para obtenção do título de
Mestre em História.

UBERLÂNDIA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S586p Silva, Arielle Farnezi, 1993 -

Papéis para mulheres: Educação e abolição nas “Croniquetas” de Arthur Azevedo (1885-1889) / Arielle Farnezi Silva. – 2018.
117 f. : il.

Orientador: Marcelo Lapuente Mahl.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.241>
Inclui bibliografia.

1. História - Teses. 2. Educação feminina - História - Séc. XIX - Teses. 3. Mulheres - Brasil - Periódicos - Séc. XIX - Teses. 4. Azevedo, Arthur, 1855-1908 - Critica e interpretação - Teses. I. Mahl, Marcelo Lapuente. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 930

FOLHA DE APROVAÇÃO

ARIELLE FARNEZI SILVA

PAPÉIS PARA MULHERES: EDUCAÇÃO E ABOLIÇÃO NAS “CRONIQUETAS” DE ARTHUR AZEVEDO (1885-1889)

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Célia Regina da Silveira

Prof. Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior

Prof. Dr. Marcelo Lapuente Mahl (Orientador)

A Fantasia é uma atividade humana natural. Certamente ela não destrói a Razão, muito menos insulta; e não abranda o apetite pela verdade científica nem obscurece a percepção dela. Ao contrário. Quanto mais arguta e clara a razão, melhor fantasia produzirá. Se os homens estivessem num estado em que não quisessem conhecer ou não pudessesem perceber a verdade (fatos ou evidência), então a Fantasia definharia até que eles se curassem. Se chegarem a atingir esse estado (não parece totalmente impossível), a Fantasia perecerá e se transformará em Ilusão Mórbida. Pois a Fantasia criativa se fundamenta no firme reconhecimento de que as coisas são no mundo assim como este aparece sob o sol; no reconhecimento do fato, mas não na escravização a ele.

Árvore e Folha, J. R. R. Tolkien.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, minha tia Ana Paula e ao Antônio (que desde que conheci tem sido um pai para mim) por sempre acreditarem em mim.

Ao Lucas Reis, Olávio Neto, Malu, Lucas Flávio e Jéssica Reinaldo por compartilharem comigo o desespero da escrita e estarem disponíveis nos momentos que eu mais precisava conversar.

Aos professores do Instituto de História da UFU pela minha formação e as ideias que me deram, principalmente a Daniela Magalhães da Silveira, Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro, Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior, Ana Flávia Cernic Ramos, Ana Paula Spini e Maria Clara Tomaz Machado. Cada um me ensinou algo que vou levar para toda a vida.

Ao meu orientador, Marcelo Lapuente Mahl, as leituras do texto, dicas e a paciência que teve comigo.

Ao professor Florisvaldo e à professora Maria Elizabeth, que compuseram minha banca de qualificação, agradeço pela leitura cuidadosa e as sugestões que me deram.

À professora Doutora Célia Regina da Silveira pela generosidade em aceitar ler o meu trabalho e compor minha banca examinadora.

Por fim, agradeço à CAPES pelo apoio financeiro ao longo desses 2 anos.

RESUMO

A presente dissertação se propôs analisar a educação pensada para as mulheres que viveram nas últimas décadas do século XIX no Brasil. Para tanto, utilizei como principal fonte a revista *A Estação*; que foi um periódico carioca de moda, publicado entre janeiro de 1879 a fevereiro de 1904, destinado às mulheres, que trazia em segundo plano um caderno de literatura. Dediquei especial atenção à seção de crônicas, “Croniquetas”, publicadas por Arthur Azevedo sob o pseudônimo de Eloy, o Herói. Para tal estudo, foi necessário compreender também o entorno da revista levando em consideração sua seção de modas e a parte dedicada a literatura. Aqui, analisei as “Croniquetas” publicadas entre dezembro de 1885 a dezembro de 1889. Este recorte temporal foi feito por ser um marco na educação feminina: na década de 1880 instituições educacionais que até então só aceitavam o ingresso de meninos, passaram a admitir matrículas de meninas, fazendo com que a formação das mulheres ganhasse atenção e virasse pauta nas conversas dos mais renomados intelectuais da época. Na composição desta pesquisa, também foi importante perceber como assuntos de cunho político e abolicionista, que estavam em discussão no momento e apareciam nas tais “Croniquetas”, ganharam algumas especificidades, de acordo com os ideais de Azevedo e do perfil daquele periódico.

Palavras-chave: Brasil; Imprensa Periódica; Crônicas; Mulheres; Abolição.

ABSTRACT

The present dissertation proposed to analyze the education designed for the women who lived in the last decades of the 19th century in Brazil. For that, I used as main source the magazine "A Estação"; which was a fashionable Rio's newspaper published between January 1879 and February 1904 for women, with a literature notebook in the background. I paid special attention to the chronicles section, "Chroniquetas", published by Arthur Azevedo under the pseudonym of Eloy, the Hero. For this study, it was also necessary to understand the surroundings of the magazine taking into account its section of fashions and the part dedicated to literature. Here I analyzed the "Chroniquetas" published between December 1885 and December 1889. This temporal cut was made for being a landmark in female education: in the 1880s educational institutions that until then only accepted the entrance of boys, started to admit enrollments of girls, making the formation of women gain attention and became the agenda in the conversations of the most renowned intellectuals of the time. In the composition of this research, it was also important to understand how issues of a political and abolitionist nature, which were under discussion at the time and appeared in such "Chroniquetas", gained some specificities, according to Azevedo's ideals and the profile of that periodical.

Keywords: Brazil; Periodical Press; Chronicles; Woman; Abolition.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
-----------------	----

CAPÍTULO I

Jornal para mulheres.....	16
1.1. Entre modas francesas e literatura brasileira.....	16
1.2. As leitoras e leitores da revista <i>A Estação</i>	29
1.3. Revistas femininas e discussões sobre o papel das mulheres nas últimas décadas do século XIX.....	38

CAPÍTULO II

Educação, política, teatros e abolição nas crônicas de Arthur Azevedo n’ <i>A Estação</i>	46
2.1. A crônicas de Arthur Azevedo n’ <i>A Estação</i>	46
2.2. O projeto de educação para as mulheres d’ <i>A Estação</i>	50
2.3. “Croniquetas”: Leituras para mulheres.....	57

CAPÍTULO III

Afinal, o que pensava Eloy, o Herói?.....	80
3.1. Conhecendo Arthur Azevedo.....	80
3.2. Discussões sobre autor e narrador.....	92

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que ficou para as mulheres?.....	109
------------------------------------	-----

FONTES.....	111
-------------	-----

BIBLIOGRAFIA.....	113
-------------------	-----

INTRODUÇÃO

Minha pesquisa, *Papéis para mulheres: educação e abolição nas “Croniquetas” de Arthur Azevedo (1885-1889)*, foi dedicada a tentar entender as atribuições femininas no Brasil durante o século XIX. Para isso, decidi usar como fonte as “Croniquetas” publicadas por Arthur Azevedo, sob o pseudônimo Eloy, o Herói, na revista de moda e literatura *A Estação*. As “Croniquetas” narravam o cotidiano da corte brasileira, demonstravam preocupação com a formação feminina e foram escritas por uma figura cheia de ideais; dessa forma, a educação pensada para aquelas mulheres e a vida pessoal e profissional de Azevedo acabaram sendo os dois pontos mais importantes do meu trabalho. Me propus a fazer um texto contando parte da história das mulheres no Brasil, usando para isso algumas crônicas que Arthur Azevedo escreveu especialmente para o público feminino.

Esta dissertação foi dividida em três momentos: o primeiro capítulo, destinei a apresentar a revista *A Estação* e seu público leitor, apresentei o universo das mulheres nas últimas décadas do século XIX no Brasil e falei um pouco sobre revistas femininas. O segundo capítulo compôs uma pesquisa mais específica; nele apresentei as “Croniquetas” de Eloy, o Herói, falei sobre o projeto de educação feminina do periódico e por último trouxe algumas crônicas que ajudam a entender melhor as condições impostas às mulheres que viveram naquele período. Por último, em meu terceiro capítulo, trouxe um texto contando parte da trajetória de vida de Arthur Azevedo para entender melhor as motivações por detrás das crônicas que compunham aquela série, e depois fiz uma discussão sobre narrador e autor tentando descobrir a real identidade do pseudônimo utilizado pelo escritor.

Para a introdução, coube apresentar o cenário brasileiro daquele século que interessa a esta pesquisa, principalmente no que diz respeito às mídias predominantes. Começo:

A cidade do Rio de Janeiro, então com 811 habitantes, será o nosso cenário. Os anos analisados são o período culminante de um processo de transformação urbana que, embora tenha conquistado a maior parte da elite letrada, não foi necessariamente apoiado pelas camadas populares urbanas, obrigadas a driblar os mecanismos do “processo civilizador” e a “etiqueta” requerida pelo “estilo de vida cosmopolita” das elites. Porém, mesmo os que viam as mudanças como positivas estavam imersos nas contradições e nas ambivalências da vida e da experiência humana, oscilando entre a defesa de certas tradições nacionais e a adoção de

sociabilidades *up-to-date* com as modas parisienses e londrinas. Pendulavam entre a valorização de um Brasil regional e diferenciado nos seus modos de viver e pensar e a aventura de uma visão mais conectada com os valores universais inspirados pela brisa europeia.¹

A imprensa tipográfica surge no Brasil em 1808, período que proporcionou tratar em suas folhas os mais marcantes acontecimentos políticos do país, como por exemplo, seu processo de independência, a escravidão e os caminhos para sua extinção, a luta por direitos das mulheres, o desenrolar do Império até a chegada da República, entre outros. Até então, aqueles impressos passavam por uma espécie de vistoria, realizada pela Mesa do Desembargo do Paço², que analisava se os textos estavam de acordo com os valores da época – o que queria dizer que as matérias só teriam permissão para serem publicadas caso não contrariassem o governo vigente e seus ideais. A imprensa só foi declarada livre após a assinatura do decreto de 18 de junho de 1822, que no ano seguinte virou artigo da Constituição do Império, e garantia a “inviolabilidade dos direitos civis e políticos dos cidadãos brasileiros”.³

A partir do Período Regencial (que foi de 1831 a 1840), a imprensa toma uma posição mais agressiva em relação à ideologias e se torna essencial nos impasses políticos, característica que ficou presente nesse veículo ao longo do século XIX e ganhou mais força nas últimas décadas do século XIX com a abolição da escravidão e a proclamação da República. Participando de todos esses marcos na política brasileira e até forjando opiniões que desenrolaram tais acontecimentos, a imprensa acaba por compor a cultura política do país (assim como devia acontecer em outros países com seu surgimento). Mais do que isso, a imprensa é naquele momento o principal meio de formação de opinião pública, pois além de atingir um grande número de leitores e leitoras, era para muitos a única forma de instrução já que as escolas ainda não eram acessíveis a qualquer um.⁴

Ao longo do século XIX, a imprensa representou diversas mudanças nos setores sociais, culturais e econômicos do Brasil; à medida que ela se modernizava, o país também se transformava, ou vice-versa. Ela era um espelho que refletia o desejo de

¹ SICILIANO, Tatiana Oliveira. *O Rio de Janeiro de Arthur Azevedo: cenas de um teatro urbano*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014. p. 19.

² A Mesa do Desembargo do Paço representava o tribunal de Portugal no Brasil, que durou até a primeira metade do século XIX.

³ De acordo com a Constituição Imperial brasileira disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm.

⁴ Ideias inspiradas pelo texto: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Mauad, 1999.

determinados grupos da sociedade brasileira. Entretanto, nem sempre a imprensa se manteve estável: com a posse de D. Pedro II ao trono brasileiro, o Império se fortaleceu e o caráter panfletário e influente dessa mídia enfraqueceu. Os jornalistas se acomodaram com a situação e mostravam certo apoio ao governo. Foi mais tarde, a partir da década de 1870, que a imprensa voltou a demonstrar incômodo com a situação do país e surgiram as maiores propagandas pró abolicionistas.

Na segunda metade do século XIX o Brasil passa por diversas transformações e, aos poucos, ganha ares de modernização nos âmbitos econômicos e principalmente sociais. A elite ansiava por desenvolvimentos no país espelhados nos modelos europeus que tinham como suas palavras de ordem: civilização e progresso. As luzes de Paris refletiam no Brasil e a influência francesa podia ser encontrada tanto na estrutura física das ruas brasileiras, quanto nos modos de vestir da época. Na imprensa, essas transformações também aconteciam e eram refletidas nos modos de produção das suas páginas, nas inovações gráficas e também no conteúdo daqueles periódicos que passaram a copiar a estrutura e seções que apareciam nos jornais europeus.

Ao passo que o país se modernizava inspirado nos ideais emergentes da *Belle Époque*, a Monarquia se mostrava insustentável evidenciando a necessidade de novas reformas em diversos aspectos. Com o fim da escravidão no Brasil, as raízes do sistema imperial ficaram ainda mais fragmentadas e os próprios governantes não viam por onde sustentá-las. Nesse momento, os intelectuais brasileiros passaram a ver que a influência francesa – aqui falo sobre os setores culturais – não mais cobria as necessidades do país. Assim, nasce nos homens letRADos o desejo de construir uma cultura que fosse brasileira seguindo os ideais progressistas da França, mas rompendo com o passado colonial e criando uma identidade particular a nossa cultura. Dessa forma, a literatura, a imprensa e o teatro, foram espaços privilegiados de onde se pode observar o desenvolvimento do sentimento nacional naquele segmento urbano da população. Intelectuais como Machado de Assis, Arthur Azevedo, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, entre outros que deixaram seus nomes marcados na história do país, defendiam que o teatro e a literatura eram os meios mais eficientes de propagar cultura à população.

O Brasil, de forma geral, absorveu diversos produtos culturais franceses justamente porque a França representava os conceitos de progresso e modernidade tão caros ao século XIX. Podia-se pensar que ao final daquele século essa influência

enfraqueceria, entretanto, na última década daquele período, com a crise no sistema monárquico, a França se torna o principal modelo de república e compõe as mudanças estruturais exigidas pelas camadas dominantes. Para além das mudanças estéticas nas cidades, principalmente na do Rio de Janeiro, parte das exigências desse projeto comandado pela burguesia focava no discurso médico, higienista e racial, em reformas políticas, nas discussões a respeito do papel das mulheres naquela sociedade, na maternidade, entre outros. É em meio a esse cenário e carregando essas influências que a revista de moda e literatura intitulada *A Estação* e os textos literários nela veiculados surgem.

É certo que os textos literários que compõe *A Estação* possuem caráter ficcional, como qualquer outra produção do gênero, entretanto, como defende Antônio Cândido em seu livro *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*, a literatura é composta por representações mentais (artigos, expressões e valores que são efeitos e instrumentos da cultura) que estão inseridas na realidade social do momento em que a obra foi escrita; mais do que isso, a literatura é um resultado do meio social do qual ela foi produzida. Os séculos XIX e início do XX, em especial, aqui no Brasil, compõem uma produção literária que é vista pela posteridade como não só uma forma de contar acontecimentos do passado, como também parte responsável na construção da identidade nacional no seu momento de circulação.

Para além da função de entreter, os romances, os contos e as crônicas, em algumas de suas atribuições, são também instrumentos de memória inseridos na época em que foram escritas. Essas formas de literatura, aqui em especial as produzidas nas décadas finais do século XIX, são protagonistas das grandes transformações no Brasil ao mesmo tempo que servem de registro para o futuro, um futuro que pode ser imediato. O período abordado nesta pesquisa – de 1885 a 1889 – abrange a escravidão e sua abolição, o Império, a crise desse sistema e a instauração da República no Brasil, fases em que a ideia predominante no imaginário social do país era o progresso. Esse recorte foi feito por alguns motivos: foram os primeiros anos da série “Croniquetas”, abrangia o período que a formação recebida pelas mulheres passou a ser repensada e seria interessante perceber como os principais acontecimentos políticos do país foram contados para o público feminino.

Até 1870, a produção literária nacional era bem tradicional e seus assuntos eram voltados para exaltação da natureza tropical, dos hábitos indígenas, da servidão, entre outros, e os intelectuais posteriores a essa década defendiam que aquelas produções mostravam costumes que a nação deveria abolir. Dessa forma, temas como a servidão e a obediência passaram a ser tratados de forma mais crítica nos contos e romances publicados nas últimas décadas do século XIX, mostrando que aqueles escritores estavam olhando para o futuro e, um pouco mais tarde, aguardando as transformações que a República prometia.⁵ Apesar das temáticas dos romances anteriores à década de 1870 serem consideradas de qualidade duvidosa pelos intelectuais posteriores imediatos, aquela era uma produção literária que discutia questões sociais e temas que refletiam os acontecimentos e impasses de seu próprio tempo, assim como as produções seguintes eram resultados das insatisfações de parcela da população com o sistema vigente.

Margarida de Souza Neves em seu texto “Uma escrita do tempo: Memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas” considera as produções literárias como documentos históricos, que como todo documento deve ser tratado com determinados métodos, e traz em seu texto reflexões sobre as relações entre história e memória. O texto de Neves trata das diversas formas de se fazer literatura, entretanto seu foco são as crônicas fluminenses do século XIX. Para ela, as crônicas são consideradas documentos, pois suas narrativas levantam aspectos do cotidiano de uma sociedade, apresentando “imagens de um tempo social”, o que possibilita uma reconstrução do passado.⁶

No século XIX, principalmente, a literatura era gênero íntimo da imprensa⁷ e, para trabalhar com essas duas formas de propagar cultura unidas, é preciso se atentar para certas particularidades reservadas à imprensa. No texto “Um agitador cultural na Corte:

⁵ Em 1850 foi promulgada a lei Eusébio de Queiroz, que proibia o tráfico negreiro, e em 1871 foi decretada a lei do Vento Livre, que garantia a liberdade aos filhos de escravas. Essas leis eram indicativos de que aquela sociedade estava mudando e, para os intelectuais do momento, essas transformações sociais deveriam ser assuntos dos seus contos e romances. Parte dessa discussão está presente em: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “A realidade como vocação: literatura e experiência nas últimas décadas do império”. In: GRINBERG, K. & Salles, R. (org.). *O Brasil Imperial, volume III: 1870-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

⁶ Discussão presente em: NEVES, Margarida de Souza. *Uma escrita do tempo: Memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas*. In: *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 76.

⁷ Naquele período, a imprensa foi responsável por apresentar as produções literárias de escritores iniciantes ou mesmo os já consagrados. Eram em jornais que eles tinham uma chance maior de publicar a primeira versão dos seus contos e romances.

a trajetória de Paula Brito”⁸ de Mônica Pimenta Velloso, a autora diz que a constituição da imprensa acontece por meio do diálogo e de forma mútua entre os criadores e colaboradores dos periódicos e o público leitor, ou seja, os assuntos que aparecem nesse tipo de fonte dependem das demandas da sociedade. Até mesmo a recepção daqueles jornais pelo público estava vinculada na relação entre seus produtores e seus leitores: aqui é percebido não só o que os leitores faziam de suas leituras como também quais os efeitos essas leituras tinham sobre a própria produção.

Além da importância que a imprensa exerceu na campanha pela autonomia das mulheres, esse foi um dos principais veículos responsáveis pela propaganda abolicionista que aconteceu na segunda metade do século XIX e também um espaço onde parte da população brasileira pôde mostrar outras manifestações de insatisfações, inclusive seu descontentamento com o Império. No final do século XIX, a elite, influenciada pelos ideais europeus, ansiava por transformações nos setores econômicos e sociais, ao mesmo tempo que pediam pela criação de uma identidade cultural própria, que fosse nacional. Com a República eminentemente acompanhada pela palavra de ordem “progresso”, o grupo de intelectuais preocupados com o cenário social do país encontrou nos principais meios de comunicação da época uma forma de educar e civilizar o povo.⁹

⁸ Texto que compõe a coletânea: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de & VELLOSO, Mônica Pimenta (org.). *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no segundo reinado*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

⁹ Essas são ideias encontradas em: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “A realidade como vocação: literatura e experiência nas últimas décadas do império”. In: GRINBERG, K. & Salles, R. (org.). *O Brasil Imperial, volume III: 1870-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CAPÍTULO I

Jornal para mulheres

1.1 – Entre modas francesas e literatura brasileira

Mirar a Europa industrializada como modelo a ser copiado, dotar-se de equipamentos urbanos “à inglesa” ou vestir-se e comportar-se “à francesa” foram ações que marcaram o Brasil oitocentista, principalmente a partir de 1850, quando o fim do tráfico de escravos liberou capitais antes imobilizados e os lucros do café fortaleceram a moeda brasileira, projetando o país no mundo. [...] Nesse processo de transformações no “gosto”, a ideia de civilização, definida como forma superior de viver, apareceu moldada pela influência cultural francesa, passando a compor um imaginário que consagrava Paris como modelo a seguir, comprovando a afirmação de Victor Hugo, de que esta cidade expressava o mundo.¹⁰

A Estação – Jornal Ilustrado para a família foi uma revista publicada pela tipografia Lombaerts & Companhia no Rio de Janeiro e comandada por Henri Gustave Lombaerts, nascido na Bélgica. Ela possuía uma periodicidade quinzenal, e circulou entre 15 de janeiro de 1879 a 15 de fevereiro de 1904. A revista era dedicada à família, embora, de acordo com uma leitura inicial, seja possível apontar que a maior parte do público fosse composto por mulheres. Era uma folha verdadeiramente artística, de acordo com os desejos de Lombaerts, e seguia os padrões dos jornais ilustrados mais elaborados do mundo. Atualmente, todos os seus números foram disponibilizados para acesso online pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital.

Essa revista durou quase três décadas, o que para o século XIX é considerado um jornal bem sucedido, visto que um grande número de periódicos daquele período duravam poucas edições, sendo poucos os que conseguiam completar mais de dois anos. Apesar de ser uma revista editada no Rio de Janeiro, *A Estação* conseguiu conquistar um grande número de leitores que pertenciam a diversas localidades brasileiras. Naquele período, encontrava-se poucas revistas de moda ilustradas no Brasil, sendo *A Estação* a maior e mais procurada. A concorrência era pequena, e os jornais que seguiam aquele estilo não

¹⁰ MENEZES, Lená Medeiros de. “Das modistas francesas ao *demi-monde* tropical. Reflexões sobre práticas e representações na capital brasileira.” In: MATOS, Maria Izilda Santos de & BRANCO, Pedro Vilarinho Castelo (org.). *Cultura, corpo e educação: Diálogos de gênero*. Editora Intermeios, 2011. p. 55.

alcançavam o nível desta revista, no entanto, posso considerar a *Gazeta Ilustrada dos Dous Mundos* e a *Ilustração da Moda* suas concorrentes mais próximas.

A *Estação* foi uma revista dividida em dois cadernos: o primeiro direcionado à moda e o segundo compunha-se de textos literários, ambos bem ilustrados, com desenhos delicados – seus editores acreditavam que a beleza estética era capaz de transmitir credibilidade. As páginas que continham textos eram compostas por três colunas largas em formato tabloide, enquanto as páginas ilustradas vinham com gravuras dispostas de forma simétrica e com textos que se adequavam ao redor dessas imagens, como mostra a figura número 1. Cada número contava normalmente com dez páginas e a qualidade da impressão no que diz respeito a nitidez do material era muito superior em comparação aos outros jornais impressos aqui no Brasil. As páginas eram impressas em preto e branco, entretanto, em raros números, algumas figuras eram publicadas em cores. As assinantes do periódico precisavam pagar anualmente 12\$000 para recebê-lo na capital da corte e, nas províncias, o preço era alterado para 14\$000, pois se incluía o valor de seu transporte.



Figura 1 – A imagem mostra que, no caderno de modas, as imagens eram dispostas ao redor dos textos de forma cuidadosa.¹¹

Logo na capa de cada número aparecia a “Chronica da Moda”, que era um texto sobre moda, ilustrado com imagens de mulheres muito bem vestidas, seguindo as tendências da moda europeia e, principalmente, parisienses. Logo no cabeçalho da revista é possível ver duas mulheres, uma segurando uma pena e outra lendo um livro, que transmite a ideia de que a imagem ideal de mulher estava vinculada ao bom gosto e à cultura, conforme mostra a imagem de número 2. Essa página de abertura compreendia ensinamentos sobre como deixar o marido e os filhos bem arrumados, indicando que esse era um dever das mulheres, tarefas essas que estão indicadas nas figuras que seguem de número 3, 4 e 5. Além disso, ainda possuía dicas de como decorar a casa, de móveis sofisticados para mobiliar cada ambiente do lar, ensinamentos de economia doméstica entre outras práticas de etiqueta que deveriam ser do interesse daquelas mulheres.¹²

¹¹ A ESTAÇÃO, 31 de janeiro de 1886, XV ano, n. 02, p. 04.

¹² Naquele período, a forma que a mulher se vestia condizia com a maneira que a mesma decorava sua casa; uma mulher elegante, tinha uma casa bem decorada. Essas ideias compõe a seguinte pesquisa: MALTA, Marize. “Fundo, detalhe e satisfação visual: decoração doméstica em A ESTAÇÃO.” In: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de & VELLOSO, Mônica Pimenta (org.). *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no segundo reinado*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.



Figura 2 – Imagem da primeira página da revista na qual se encontra a “Chronica da Moda”. Mostra como os desenhos e a estrutura do periódico eram bem diagramados.¹³

¹³ A ESTAÇÃO, 30 de junho de 1887, XVI ano, n. 12, p. 01.

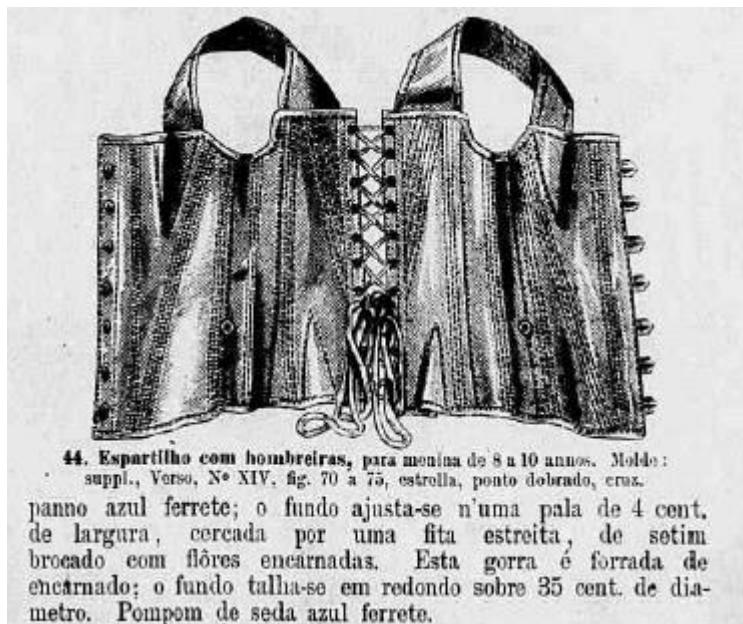


Figura 3 – O espartilho era um dos maiores símbolos de elegância feminina. A imagem é um molde de espartilho para meninas de 8 a 10 anos, mostrando que a preocupação com a estética feminina começava cedo.¹⁴

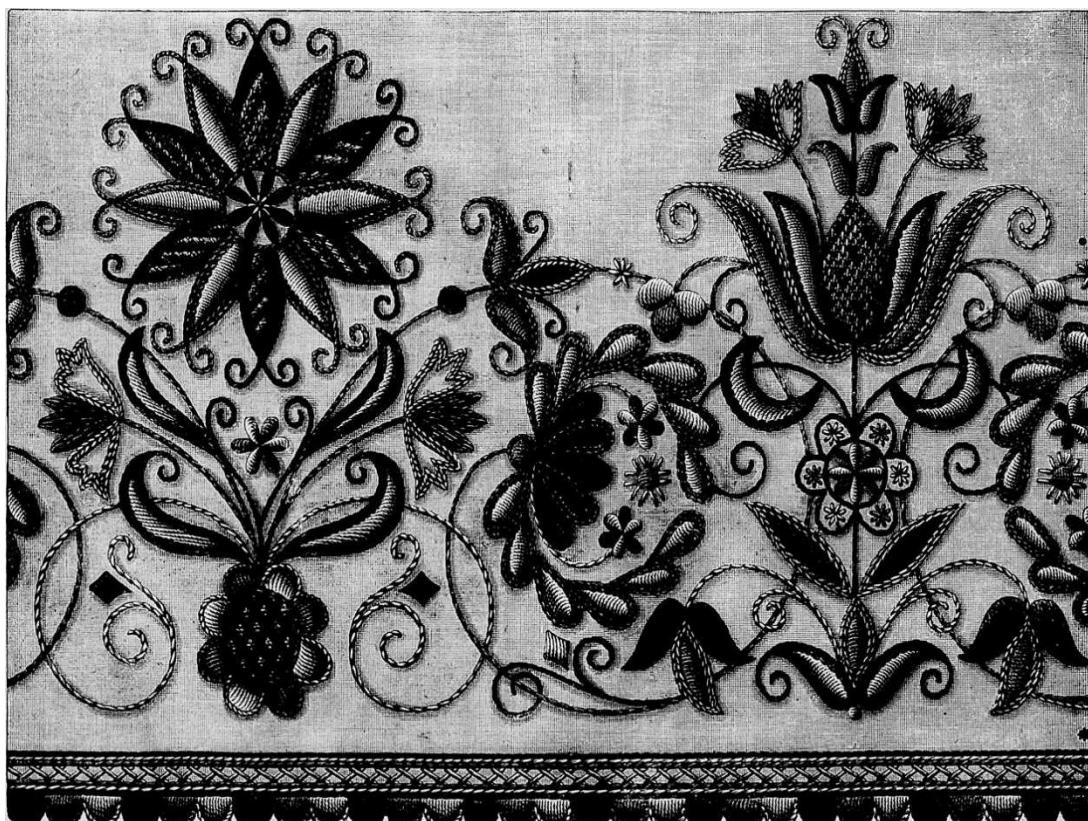


Figura 4 – Molde bem detalhado e ampliado de um bordado presente no caderno de moda. O objetivo era ensinar como bordar e o que bordar.¹⁵

¹⁴ A ESTAÇÃO, 15 de janeiro de 1885, XIV ano, n. 01, p. 05.

¹⁵ A ESTAÇÃO, 15 de março de 1886, XV ano, n. 05, p. 04.



Figura 5 – A imagem, também encontrada no caderno de moda, mostra senhoras vestidas de forma elegante, conforme o padrão da elite da época, e dão dicas para as leitoras de como aquelas mulheres deveriam vestir suas crianças.¹⁶

¹⁶ *A ESTAÇÃO*, 31 de março de 1886, XV ano, n. 06, p. 07.

Para além desse conteúdo, o caderno de moda projetava o que se imaginava ser o comportamento feminino e usa da linguagem escrita e visual para influenciar suas leitoras no que diz respeito a hábitos, costumes, gostos, entre outros. Ivan Teixeira analisa:

A “Chronica da Moda” falava tanto sobre tecidos, roupas e chapéus quanto sobre a maneira adequada de usá-los. Havia ênfase sobre o tema do comportamento, da formação da pessoa e do convívio familiar. Embora o objetivo principal fosse o elogio da aparência, a matéria empenhava-se em atenuar a importância da roupa, enfatizando a primazia da essência feminina. Em rigor, talvez fosse mais correto concluir que a diretriz do jornal valoriza a roupa sem desdenhar a suposta espiritualidade das leitoras, dualidade que se pode traduzir pela ideia de vestuário e informação. A leitora deveria ser elegante sem ser nêscia ou antipática. Ao contrário, o discurso da publicação sugeria sempre que a graça exterior dependia da projeção de um espírito forte e fundado em noções de ética e de boa formação cultural.¹⁷

Entre 1872 e 1878, *A Estação* já circulava no Brasil, no entanto apresentava o título francês *La Saison – Jornal de Modas Parisienses (Edição para o Brasil)* e continha apenas o caderno de moda, traduzindo matérias francesas e alemãs. Os editores da revista consideraram a necessidade de colocar um fim em *La Saison* e a sua consequente transformação num periódico de produção nacional, pois acreditava que, com algumas modificações, o público leitor seria ampliado. Assim, com a mudança de nome, a revista manteve a publicação da moda francesa (que adaptava algumas vestimentas para o clima quente brasileiro) e adicionou o “Suplemento Literário”, que fora criado exclusivamente para a publicação da literatura nacional, e faria d’*A Estação* um jornal destinado a toda família.

A edição francesa continha apenas o caderno de moda e seu público era voltado às mulheres. Colocar um caderno literário na revista pode ser um indício do interesse daqueles editores em aumentar o seu público, atingindo toda a família. Para os editores d’*A Estação*, a parte de moda era interessante apenas para as mulheres, mas a existência de textos literários faria com que o público leitor da folha fosse ampliado. Além disso, aquele novo espaço seria utilizado especificamente por autores brasileiros, com a função de divulgar uma literatura nacional. No texto de abertura da revista os editores deixaram claro seus objetivos editoriais:

Começa este número o oitavo ano do nosso jornal e foram tantas as provas de animação dispensadas a esta empresa desde o começo, pelo

¹⁷ TEIXEIRA, Ivan. *O altar & o trono: Dinâmica do poder em O Alienista*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 55.

respeitável público em todo o Império, que afinal vemos coroados os esforços constantes, as lutas de sete anos prestes a serem coroadas do mais feliz êxito e cada vez mais nos aproximamos ao fim que desde o princípio nos propusemos: criar um jornal brasileiro indispensável a toda mãe de família econômica que deseja trajar e vestir suas filhas segundo os preceitos da época. Acabamos de folhear a coleção dos nºs publicados sob o título *La Saison – Edição para o Brasil* e não é sem experimentarmos um intenso sentimento de satisfação que vimos as provas do pouco que temos feito, mas que muito foi para atingirmos ao alvo que almejávamos.¹⁸

A *Estação*, antes de ter sua edição brasileira ou mesmo a francesa, foi fundada originalmente em 1865 em Berlim, Alemanha, com o título *Die Modenwelt* pela editora Lipperheide. Mais tarde a Lipperheide firmou parceria com a tipografia Lombaerts & Companhia.¹⁹ O periódico tinha como intuito ensinar às donas-de-casa costura, bordados, dicas de bons modos e como decorar suas casas e, até então, o conteúdo não se diferenciava das edições francesa e, até certo momento, brasileira. Desde sua criação a revista era bem ilustrada, trazia desenhos bem detalhados e cheios de significados. Continha cerca de 6 páginas que tratavam exclusivamente sobre moda europeia. De acordo com o perfil da *Die Modenwelt*, posso concluir que seu público leitor era composto por diversas mulheres que poderiam pertencer a diferentes classes econômicas.

A revista foi publicada em pelo menos doze idiomas diferentes (inglês, alemão, espanhol, italiano, russo, polaco, húngaro, holandês, dinamarquês, sueco, francês e português)²⁰, sendo editada em vinte países, como por exemplo, Itália, Bélgica, França, Inglaterra, Espanha, Rússia, Dinamarca, alguns países da América Latina, entre outros, todas em parcerias com a empresa alemã, e tinha como missão espalhar a moda parisiense pelo mundo. É importante dizer que a moda divulgada pela revista, em qualquer parte do mundo que fosse publicada, era uma moda parisiense, entretanto desenhada em Berlim, de onde os esboços vinham, e o padrão estético da revista era o mesmo para todos os países que a publicavam. Os estilistas parisienses forneciam a parte estética da moda e os artistas berlineses trabalhavam para passar isso para o papel.²¹

¹⁸ A *ESTAÇÃO*, 15 de janeiro de 1879, VIII ano, n. 01, p. 01.

¹⁹ As origens da revista *A Estação* compõe a seguinte pesquisa: SILVA, Ana Cláudia Suriane da. *Moda e Literatura: o caso da revista A Estação*. Tradução publicada pela: Revista de Moda, Cultura e Arte. 2008.

²⁰ A *Estação* afirma que suas páginas foram traduzidas para quatorze idiomas, no entanto, de acordo com a edição de 15 de março de 1879, é listado apenas doze, não aparecendo outras edições com menções a outros idiomas.

²¹ De acordo com: SILVA, Ana Cláudia Suriane da. *Moda e Literatura: o caso da revista A Estação*. Tradução publicada pela: Revista de Moda, Cultura e Arte. 2008. p. 06.



Figura 6 – Abertura do *Die Modenwelt* de Berlim. A edição é de 1 de novembro de 1866, enquanto o caderno possuía apenas a parte de modas e uma versão para o Brasil ainda não era pensada. Em sua estrutura, a folha era bem organizada e ilustrada mostrando o melhor da produção impressa da Alemanha, sendo possível encontrar edições comemorativas em impressão colorida.²²

Nos primeiros anos da edição brasileira, espalhou-se o boato de que a revista era uma farsa, visto que dizia seguir o conceito de moda francês, mas na verdade seguia o alemão. Os editores tiveram de intervir em notas explicando que apesar do jornal ter, em alguns momentos, a tradução da edição vinda da Alemanha, a moda nele divulgada era a mesma vista nas ruas de Paris. Segue a nota publicada pelos editores na folha contrariando tais boatos:

“A *Estação*, dizem, é um jornal alemão, e vós que julgais, seguindo os seus conselhos, trajar segundo os preceitos da Capital universal da moda, que é Paris, enganai-vos redondamente porquanto vestis apenas trajes ideados em Berlim.”

Para tal argumentação baseiam-se os detratores da *Estação* no fato de serem algumas das edições em diversos idiomas deste jornal impressas, em Leipzig.

O tronco da organização de que *A Estação* é um dos ramos está na verdade plantado em Berlim. Ali publica-se *Die Modenwelt*, jornal de modas que hoje, só sob esse título tem edição maior do que a de todos jornais de modas publicados em Paris reunidos.

Ali é redigida, ali são gravados os seus desenhos, ali é impressa e ali traduzidas em alguns dos quatorze idiomas para dar à luz a vinte publicações diferentes, cujo elemento artístico é o mesmo. [...] Os elementos que compõe estes jornais são na sua máxima parte colhidos em Paris, onde a empresa tem senhoras exclusivamente empregadas na procura de modelos novos e originais, no que diz respeito a modas, pois só ali são lavrados os decretos do capricho, do gosto e da elegância.

²² *DIE MODENWELT*, 01 de novembro de 1886, II ano, p. 01.

Quanto aos trabalhos de mão não há negar que na Alemanha existem mais variados do que em parte alguma; a empresa, porém, tem publicado trabalhos de agulha de todos os países onde os há, inclusive belas amostras do nosso crivo e renda.

Já vêm nossos leitores quanto é falso o que diz um agente de jornais desta corte, afirmado em repetidos anúncios ser o único verdadeiro jornal *La Saison* a edição que se publica em Paris e ser o outro jornal de igual nome um periódico que só publica modas de Berlim. Todos nós sabemos que não há modas em Berlim. [...]²³

É importante pensar que para as leitoras da revista o *status* era fundamental e o que elas consideravam “bom” e “superior” vinha da França. A elite da capital da corte fazia questão de utilizar as modas europeias, principalmente a parisiense, e a revista oferecia isso a elas. Os modelos de roupas encontrados no jornal alemão eram exatamente os mesmos impressos em todos os outros jornais do grupo (inclusive na edição francesa) e isso gerava certo problema, considerando que enquanto no Brasil era verão, na Europa era inverno. A solução encontrada para a edição brasileira foi de orientar a leitora a utilizar tecidos mais leves que aqueles indicados nos desenhos.

A tiragem d’*A Estação* enquanto *Die Modenwelt* ou na sua edição inglesa, francesa, entre outras, era bem elevada, contando com mais de 300.000 mil assinaturas mundiais, mostrando o sucesso da revista em qualquer lugar.²⁴ Ainda sobre a dimensão que a revista alcançava, fosse em qualquer país, Ana Cláudia Suriane da Silva diz:

[...] O que é mais interessante tanto na nota do jornal inglês direcionada aos anunciantes quanto nesse editorial da revista brasileira é a confirmação de que o projeto de *Die Modenwelt*, orientado pela autoridade cultural francesa, reunia leitores de diferentes países em uma mesma audiência global, a qual aspiraria os mesmos sinais externos de prosperidade e bem-estar. O que dava forma a essa audiência global que a revista alega alcançar era o cultivo dos mesmos valores culturais europeus, tomados como universais. Porém, até que ponto podemos comparar, entre si, as audiências de cada periódico na sua circulação nacional? Mesmo que compartilhassem as mesmas aspirações de consumo, será que os leitores assumiam o mesmo escopo social em cada país?²⁵

No final da referência a autora levanta questões importantes para minha pesquisa, como por exemplo, o cultivo dos valores culturais europeus pelos brasileiros – entre indagações referente às adaptações de uma revista europeia para os trópicos – entretanto,

²³ *A ESTAÇÃO*, 15 de janeiro de 1885, XIV ano, n. 01, p. 15.

²⁴ Dados apresentados na seguinte edição: *A ESTAÇÃO*, 15 de março de 1879, VIII ano, n. 05, p. 08.

²⁵ *A ESTAÇÃO*, 15 de janeiro de 1885, XIV ano, n. 01, p. 15.

elas só podem ser respondidas a partir do momento que levo em consideração a revista por completo, unindo o caderno de moda com a parte reservada à literatura.

A melhor maneira de avaliar esse processo de adaptação da revista e o que ele resultou na conjuntura sócio-cultural no Brasil é a partir do “Suplemento Literário” que, de acordo com seu conteúdo, é bem particular à nossa cultura, enquanto o caderno de moda permanece praticamente o mesmo. A *Die Modenwelt*²⁶, em algum momento de sua produção, passou a adicionar um caderno de entretenimento que pode se assemelhar ao “Suplemento Literário” brasileiro, no entanto, como já foi afirmado, o último era composto apenas de produções nacionais. A maioria das versões dessa revista optaram por não acrescentar um segundo caderno, permanecendo apenas com o caderno de moda já que essa era uma fórmula de sucesso garantido. Assim, num panorama geral, *A Estação* se assemelhava mais com a edição alemã – inclusive algumas de suas edições copiavam quadros e imagens que eram impressos na *Die Modenwelt* na seção de entretenimento.²⁷

A abertura do “Suplemento Literário”, como mostra a figura de número 7, não era delicada como a do primeiro caderno nela vinha apenas os dizeres “Parte Literária” ou então já começava direto com o conto de abertura, mas, antes do início dessa parte, eram dispostas duas gravuras que ocupavam uma página inteira e que ao decorrer das seções desse caderno eram explicadas. Ao chegar no conteúdo do segundo caderno, a leitora tinha a oportunidade de saber mais sobre as novidades culturais e políticas ocorridas na Corte, nas províncias e no resto do mundo. Poderia acompanhar as notícias sobre as últimas peças representadas nos principais teatros fluminenses, além de ler a produção literária emergente da época assinada por autores como Machado de Assis, Raimundo Correia, Raul de Pompeia, Olavo Bilac, Guimarães Júnior, Alberto de Oliveira, entre outros, ler poesias ou artigos de Júlia Lopes de Almeida, uma destacada escritora da época que normalmente escrevia diversos conselhos às suas leitoras, além de contos e crônicas de Arthur Azevedo.

²⁶ De acordo com os estudos que Ana Cláudia Suriani da Silva realizou sobre a edição alemã da revista.

²⁷ A edição inglesa da revista, por exemplo, optou por adicionar um segundo caderno à folha e nele é possível encontrar produções literárias populares escritas por mulheres. De acordo com Ana Cláudia Suriani da Silva, as revistas que decidiram por incluir literatura nas suas edições costumavam dar espaço às publicações femininas. A edição brasileira também contava com publicações regulares de mulheres, como é o caso da autora Júlia Lopes de Almeida, que publicou em seções fixas n’*A Estação*. De acordo com: SILVA, Ana Cláudia Suriane da. *Moda e Literatura: o caso da revista A Estação*. Tradução publicada pela: Revista de Moda, Cultura e Arte. 2008. p. 19.

A ESTAÇÃO

PARTE LITTERARIA

LITTERATURA

CASA VELHA

IX

No dia 20 achei, com effeito, tudo mudado, Lalau suspeitosa e triste, Felix retrahido e seco. Este veio contar-me o que se passara, e acabou dizendo que o estudo moral da menina pedia a minha intervenção. Pela sua parte não queria mudar de maneira com ella, para não entrar num sentimento condenado; não ousava também dar-lhe noticia da situação nova. Mas eu podia fazel-o, sem constrangimento, e com vantagem para todos.

— Não sei, disse eu depois de alguns instantes de reflexão; não sei... Sua mãe?

— Mamá está perfeitamente bem com ella; parece até que a traz com muito mais ternura. Não lhe dizia eu? Mamá é muito amiga dela.

— Não lhe terá dito nada?

— Creio que não.

E depois de algum silêncio:

— Nem lho diria ella mesma. Ha confissões difíceis de fazer a outros, e impossíveis a ella; digo fazel-as directamente à pessoa interessada. Vamos lá; tire-nos desta situação dividida.

— Bem; verei. Não afirmo nada; verei.

Estavamo-nos sala dos livros; Lalau apareceu à porta. Parou alguns instantes, depois veio affrontemente a mim, expansiva e ruidosa, mas de propósito, por pírrica; tanto que não me falava com a atenção em mim, mas dispersa, e olhando de modo que pudesse apanhar os gestos do rapaz. Este não

dizia nada, olhava para os livros, Lalau perguntou-me o que era feito de mim, por onde tinha andado, se era ingrato para ella, se a esquecia; affirmando que também estava disposta a esquecer-me, e já tinha um padre em vista, um conego, tabaqueiro, muito feio, cabeça grande. Tudo isso era dito por modo que me dava, e devia doer a elle também; certo é que elle não se demorou muito na sala; foi até a janela, por alguns instantes; depois disse-me que ia ver os cavalos e saiu.

Lalau não podia mais conter-se; logo que elle saiu, deixou-se cair n'uma cadeira, ao canto da sala, e rompeu em lagrimas. A explosão atordoeu-me, corri para ella, peguei-lhe nas mãos, ella pegou-nas minhas, disse que era desgraçada, que ninguém mais lhe queria, que tinha padecido muito naquela dia, muito, muito... Nunca faltámos de sentimento que a acabrinhava agora; mas não foi preciso começar por nenhuma confissão.

— Não comprehendo nada, dizia ella; sei só que sofro, que choro, e que me vou embora. Porque?

— Não lhe dei resposta.

— Ninguan sabe nada, naturalmente, continuou ella. Quem sabe tudo já la vai caminhando para a roça. Devia ser assim mesmo; eu não valho nada, não sou nada, não tenho avô baroneza, sou uma agregadasinha... Mas então porque enganar-me tanto tempo? Para caçar comigo?

E chorava outra vez, por mais que eu defronte della, em pé, lhe dissesse que não fizesse barulho, que podiam ouvir; ella, porém, durante alguns minutos não attendia a nada. Quando caiou de chorar,

e exugou os olhos, estava realmente digna de lastima. A expressão agora era só de dor e de abatimento; desaparecera a indignação da moça obscura que se vê preferida por outra de melhor posição. Sentei-me ao lado della, disse-lhe que era preciso ter paciencia, que os desgostos eram a parte principal da vida; os prazeres eram a exceção; disse-lhe tudo o que a religião lhe poderia lembrar para obter que se resignasse. Lalau ouvia com os olhos parados, ou olhando vagamente; às vezes interrompia com um sorriso. Viria contar-lhe tudo; mas aqui confessou que não achava palavras. Era grave a noticia; o effeito devia ser violento, porque, conquanto ella cuidasse estar abandonada por outra, a esperança lá se aninharia n'algum recanto do coração, e nada está perdido enquanto o coração espera alguma cousa. Mas a noticia da filiação era decisiva.

Não sabendo como dizer-l-o, proseguir na minha exhortação vaga. Elia, que a princípio ouvia sem interesse, olhou de repente para mim, e perguntou-me se realmente estava tudo perdido. Vendo que lho não dizia nada:

— Diga, por esmola, diga tudo.

— Vamos lá, soegegue...

— Não soege, diga.

— Enquanto não soege não digo nada. Escute, Deus escreve direito por duas tortas. Quem sabe o que estaria no futuro?

— Não entendo; diga.

Em verdade, não se podia ser menos habil, ou mais atado que eu. Não ousava dizer a cousa, e não fazia mais que aguçar o desejó de a ouvir. Lalau



Figura 7 – A abertura para o “Suplemento Literário”. Como a imagem mostra, os anúncios publicitários eram grandes e, em alguns casos, ocupavam a maior parte das últimas páginas do segundo caderno. Os anúncios variavam e era possível encontrar propaganda sobre: perfumaria, medicamentos, vinhos, espartilhos, cigarros, objetos de toalete, suplementos alimentares, entre outros.²⁸

²⁸ A ESTAÇÃO, 15 de janeiro de 1886, XV ano, n. 01, p. 08.

Machado de Assis foi o colaborador mais importante da revista; nela o literato publicou mais de 30 contos, alguns inéditos, em formato de folhetim que abriam o caderno de literatura. Dentre os textos de Machado na revista, estão alguns dos mais aclamados pela fortuna crítica: “O Alienista”, publicado n’*A Estação* de 15 de outubro de 1881 a 15 de março de 1882 e selecionado mais tarde para compor a coletânea *Papéis Avulsos*, “Casa Velha”, publicado na revista de 15 de janeiro de 1885 a 28 de fevereiro de 1886, e o romance *Quincas Borba*, publicado em formato de folhetim de 15 de junho de 1886 a 15 de setembro de 1891, que ganhou um livro de volume único com consideráveis alterações na narrativa e foi lançado em 1892. Outra seção escrita por Machado chamava-se “Bibliographia”, onde o cronista fazia resenha de livros e dava dicas de leitura. Sua colaboração pode ser considerada contínua e dominante: durou de 1879, ano que marca o início do caderno de literatura, até 1897. A partir de uma análise do conteúdo publicado pelo autor na revista posso afirmar que o mesmo foi se tornando responsável pelo conteúdo do “Suplemento Literário”, o que, com o tempo, fez de Machado uma espécie de editor daquele caderno.²⁹

Foi justamente nesse espaço que apareceram publicadas a série de crônicas de Arthur Azevedo, as “Croniquetas”, assinadas com o pseudônimo Eloy, o Herói. Azevedo possuía na *Estação*, além das “Croniquetas”, outra seção chamada “Theatros”, assinada com as letras X.Y.Z., com comentários a respeito das mais recentes peças teatrais, algumas de sua própria produção. Mais tarde, em 1888, ele iniciou uma seção de contos assinada com o seu próprio nome e que se localizava, na seção literária, acima das “Croniquetas”. Com sua participação assídua, Azevedo pode ser considerado um dos principais colaboradores daquele periódico.

Naquele caderno, as leitoras ainda encontravam ensinamentos domésticos, partituras de piano, conselhos de beleza, pensamentos de figuras importantes da época, entre outras formas de entretenimento que eram distribuídos em seções como “Horas de ócio”, “Livrinho de família”, “Croniquetas”, “Theatros”, “Variedades”, “Erros e Preconceitos” (essa era a parte “científica” da revista onde era explicado à leitora a “veracidade de algumas credices populares”), “Poesia”, dicas de higiene, entre outras. O suplemento ainda contava com vários anúncios publicitários, colocados no final de cada

²⁹ Machado de Assis era amigo íntimo de Lombaerts e, com o passar dos anos, exerceu o cargo de editor da parte reservada a literatura n’*A Estação*. De acordo com: TEIXEIRA, Ivan. *O altar & o trono: Dinâmica do poder em O Alienista*. Cotia, SP: Ateliê Editorial: Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

página. As mulheres também poderiam encontrar, em algumas seções, dicas sobre economia doméstica.

Às nossas amáveis leitoras, àquelas que principalmente nos acompanham desde 1872 perguntaremos: cumprimos nós fielmente o nosso programa, auxiliando e aconselhando as senhoras mais econômicas, fornecendo-lhes os meios de reduzirem a sua despesa, sem diminuição alguma do grau da elegância à que as obrigava a respectiva posição na boa sociedade, incutindo ou fortificando-lhes o gosto para o trabalho e moralizando a família à que, por seu turno, saberão incutir sentimentos iguais?³⁰

A leitura de todas as seções criadas pelo periódico, de acordo com os princípios de trabalho, família, moral e sentimentos predominantes na época, possibilitaria uma formação completa para as mulheres, e era esse o objetivo da revista. No trecho acima, encontrado no caderno de moda, vejo indicativos de quem eram as leitoras e qual era a intenção da própria revista. Os editores insistiam em falar, tanto no caderno de moda quanto no de literatura, sobre mulheres econômicas e em oferecer dicas de como economizar o dinheiro do marido, o que pode ser mais um forte indício da classe social que aquelas leitoras pertenciam.

1.2 – As leitoras e leitores da revista *A Estação*

Assim como um ex-aluno pode, enquanto profissional, resultar dos métodos e do repertório de uma escola, a leitora de *A Estação* pode também ser interpretada como entidade cultural concebida pelo próprio jornal. Da mesma forma que se atribui ao espelho papel relevante na constituição da identidade do indivíduo, é possível supor que o perfil feminino imaginado pelo periódico tenha contribuído para o conceito de mulher no Segundo Reinado, sobretudo a da classe que assinava *A Estação*. Não se trata, evidentemente, de supor que a vida moral das pessoas que liam o jornal tenha-se moldado inteiramente por seu ideário, mas de conceber uma entidade ficcional da cultura com a qual a leitora empírica se compara no momento de fruição conceitual das matérias.³¹

No que diz respeito ao público leitor d'*A Estação*, de início, posso pressupor que era composto por mulheres, resta entender quem eram aquelas mulheres e se o público se restringia apenas a elas. De acordo com o imaginário social do século XIX, o desejo de vários pais, principalmente aqueles que possuíam algum poder financeiro, era de que suas filhas meninas fizessem um casamento vantajoso financeiramente e construíssem uma

³⁰ *A ESTAÇÃO*, 15 de janeiro de 1879, VIII ano, n. 01, p. 01.

³¹ TEIXEIRA, Ivan. *O altar & o trono: Dinâmica do poder em O Alienista*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 73.

família. Supunha-se que esse era o objetivo de vida das mulheres que viveram naquela época. A *Estação*, com todas as suas seções, oferecia para aquelas leitoras a oportunidade de se tornarem uma “dona de casa prendada”, uma “esposa ideal”; essa era uma das justificativas do sucesso da revista entre o público feminino.³² Nas próprias páginas da revista, como, por exemplo, nos contos ou mesmo em imagens, era possível encontrar algum incentivo ao casamento.

Após um estudo da revista, é possível fazer um levantamento sobre o seu público leitor por meio de notícias que os próprios colaboradores dão em suas seções. É certo que o caderno de moda é dedicado exclusivamente às mulheres, porém a parte literária deveria contar também com alguns leitores do sexo masculino. Enquanto a revista foi apenas uma extensão da francesa *La Saison*, o público era composto somente por mulheres, mas com a inclusão do caderno literário alguns homens deveriam ter o interesse pelo periódico despertado, afinal política e notícias do parlamento eram contadas em seções como a “Croniqueta” e esses eram assuntos de interesse do sexo masculino.

A partir da leitura da seção “Correspondência”, onde os leitores podiam enviar comentários pessoais para a folha, é possível encontrar cartas assinadas por homens, assim, posso afirmar que uma parcela daqueles leitores pertenciam ao sexo masculino. Normalmente esses homens não eram assinantes, mas quando casados podiam ler o exemplar de suas esposas. Naquela época, era comum os próprios editores se passarem por leitores e publicarem cartas, assinadas sob um nome ficcional, com algum comentário positivo ou que fosse gerar algum reboliço, o que me faz acreditar que algumas dessas cartas assinadas por homens não passassem de cartas escritas pela própria redação.

Considerando esses vestígios, os homens que liam *A Estação* compunham uma parcela mínima, sendo importante destacar que tais leitores existiam, entretanto, a própria revista afirmava quem era seu público leitor a partir da interlocução utilizada em todas as seções: “a leitora”. Além da interlocução utilizada, a forma dos colaboradores conversarem com o público do jornal e os assuntos por eles selecionados é bem específica e compõe a linguagem tradicionalmente utilizada com o público feminino no século XIX. Os assuntos eram determinados de acordo com o sexo: os homens se interessavam por

³² Esse desejo era incentivado e representado em revistas como *A Estação*. É importante lembrar que na segunda metade do século XIX, a sociedade estava em transformação e o espaço feminino acompanhava essas modificações; a mulher estava se desligando de certas tradições ligadas ao patriarcado.

política, comércio e administração e para as mulheres restavam assuntos “amenos” e sentimentais.

Como a maior parte do público esperado era composto por mulheres, o primeiro caderno da revista, que fala especialmente sobre moda, fornece-nos indícios de quem eram aquelas mulheres. No periódico existem textos sobre como se comportar e dicas sobre moda encontrados na seção “Chronica da moda” ou “Correio da moda”. Essas partes falavam sobre hábitos franceses e modas da alta costura que normalmente eram seguidos pelas leitoras, e é possível afirmar que as mulheres que se interessavam por tais assuntos e seguiam aquelas tendências tinham um alto poder aquisitivo, pois se vestir daquela forma custava caro: *A Estação* representava para o Brasil a “fantasia de identificação cultural com a Europa”³³. É possível que muitas mulheres não tão ricas pudessem também compor o público da revista, pois podiam ter acesso àqueles vestidos com tecidos de preço mais acessível; elas desejavam fazer parte do universo da elite, então copiar o modo de vestir e se comportar das mulheres sofisticadas era algo possível. O perfil das famílias que liam aquela revista compunha um ambiente onde as aparências reinavam: se não pertenciam à elite, eram de classes ascendentes ou queriam adaptar suas realidades àquele universo. Reforçando essas ideias, Ivan Teixeira diz:

O quadro de leitores hipotéticos do jornal integrava pessoas que viajavam à Europa, frequentavam conferências, aplaudiam concertos, consumiam poesia, apreciavam romance, frequentavam teatro, preferiam revistas ilustradas, dançavam nos bailes e acabaram por apoiar a Abolição, a República e a criação da Academia Brasileira de Letras. Pessoas que, mesmo admitindo as mudanças institucionais que se propunham, ainda possuíam escravos, iam à igreja, pagavam promessa e faziam caridade.³⁴

A seção de moda com suas muitas ilustrações e moldes de vestidos e bordados detalhados me faz pensar se aquele público era composto exclusivamente pela elite ou por mulheres com algum poder financeiro. As crônicas sobre moda mostram que o público se estendia também às costureiras que achavam utilidade em todas aquelas dicas. Além das costureiras, algumas mulheres pobres poderiam ler a revista, pegando emprestada com alguma amiga ou com a patroa. Essa prática de empréstimo era de conhecimento da folha e em várias notas os próprios editores mostram reprovação ao costume. Na seção “Correspondência”, por exemplo, onde os responsáveis d’*A Estação* respondiam cartas

³³ SILVA, Ana Cláudia Suriane da. *Moda e Literatura: o caso da revista A Estação*. Tradução publicada pela: Revista de Moda, Cultura e Arte. 2008. p. 21.

³⁴ TEIXEIRA, Ivan. *O altar & o trono: Dinâmica do poder em O Alienista*. Cotia, SP: Ateliê Editorial: Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 70.

enviadas pelos seus assinantes, o desgosto com relação aos empréstimos e o prejuízo que isso causava fica claro:

Se todos fossem como Vs. Ex. a *Estação* poderia estar mais perfeita, pois os próprios assinantes aproveitam do progresso que vai tendo o jornal. O que tem demorado a marcha progressiva da nossa folha é não ser cada leitor assinante. É infelizmente muito maior o número dos que aproveitam-se do jornal sem o pagar, do que os que assinam.³⁵

A prática de empréstimo não era vantagem para a revista: o número de leitores da folha aumentava, mas eles não recebiam mais por isso já que o número de assinantes continuava o mesmo. Além da nota acima, o jornal publicava em uma coluna irregular chamada “Jornais emprestados” seu descontentamento com a prática e pedia às leitoras que não fizessem isso, alegando que quanto mais assinantes tivessem, mais eles poderiam investir na qualidade da folha.

Além disso, apoiando em conceitos utilizados pela historiografia nessas questões e indo ao encontro com o pensamento de Roger Chartier a respeito da circularidade cultural, em seu livro *Leitores e Leitores na França do Antigo Regime*, o autor defende que o consumo cultural daquela sociedade era praticamente o mesmo, tanto para o sujeito que pertencia as classes altas, quanto aos que pertenciam as classes mais baixas. Para ele, existiam grandes possibilidades desses sujeitos terem acesso ao mesmo conteúdo já que a circularidade e o compartilhamento eram intensos. Então a formação pensada pela folha para as mulheres daquela época atingia um grupo muito maior do que as assinantes.

Outro indício sobre o perfil daquelas leitoras aparece no valor que a revista era vendida. A assinatura poderia ser anual ou semestral e seu valor de venda para a corte era de 12\$000 anual e 7\$000 semestral, e o preço para as províncias era de 14\$000 anual e 8\$000 para um semestre e não era possível comprar apenas um caderno. Para a época, este era um preço considerável, logo não era qualquer leitora que tinha acesso ao periódico e a própria revista levava isso em conta.³⁶ Por outro lado, é importante considerar que a tiragem da revista era alta, então pode-se afirmar que, para compor o público leitor, aquelas senhoras participavam de diversas classes econômicas. Para se ter uma ideia de sua importância e alcance, eram vendidos cerca de 10.000 exemplares d’*A Estação* por

³⁵ *A ESTAÇÃO*, 28 de fevereiro de 1888, XVII ano, n. 04, p. 12.

³⁶ A título de comparação, o jornal *Diário de Notícias*, que também circulava nas décadas finais do século XIX e era bastante popular, tinha assinatura anual de 12\$000 para corte, mesmo valor da revista ilustrada, no entanto suas edições eram diárias e não quinzenais como no caso d’*A Estação*.

edição. Esse número pode não corresponder com a tiragem real – a tiragem era fornecida pelos responsáveis pela folha e eles poderiam elevar esse número como tática para impressionar o público –, mas mesmo assim é bastante significativo. Para ter uma noção de como esse número era elevado, basta fazer uma comparação com outro jornal de grande circulação do mesmo período, o *Diário de Notícias*, por exemplo, que tinha a tiragem de 21.000 exemplares.³⁷ Apesar de contar com aproximadamente 10 mil assinaturas por edição d'*A Estação*, esse número não correspondia com a real quantidade de leitores e leitoras da folha: considerando a prática de empréstimos, os editores daquela revista acreditavam que para cada número assinado existiam 10 pessoas compartilhando sua leitura, ou seja, a revista poderia ter até 100 mil leitores por caderno vendido. Na edição de 15 de março de 1883, os editores questionam essa prática que impede o “progresso” da revista, eles dizem:

[...] Mas, por outro lado (e parece-me que isto explica e justifica o mistério), não há talvez país nenhum no mundo em que se emprestem livros e jornais com tamanha profusão como entre nós.

O tendeiro que assina o *Jornal do Comércio*, não julgue a leitora que o faça para o recreio seu, mas sim para o emprestar a vinte ou trinta famílias, que o reclamam vinte ou trinta mil vezes na roda do dia.

Com a *Estação*, particularmente, pode-se dizer que cada assinante representa, termo médio, dez leitores, o que nos dá uma circulação de cem mil leitores, quando aliás a nossa tiragem é apenas de dez mil exemplares. E pedem-se e emprestam-se jornais com uma facilidade assombrosa!³⁸

A partir dos anúncios que vinham nas edições da revista é possível delinear uma imagem mais clara no que se refere a classe econômica que aquelas leitoras e leitores pertenciam. Na figura que ilustra a folha de abertura do caderno literário, são encontradas propagandas de produtos que supostamente interessariam às mulheres. As mercadorias em questão ficam em lojas localizadas em Paris e, em outros anúncios que apareciam no final de cada página daquele suplemento também era possível encontrar propagandas com endereços parisienses, como mostra a figura de número 9. Isso indica que aqueles comerciantes que pagavam por um espaço de divulgação do seu produto na folha tinham algum retorno, ou seja, “os anúncios de *A Estação* pressupõem uma leitora que tivesse

³⁷ Essas ideias foram inspiradas pelo texto “*A locomotiva intelectual*”: a publicação dos contos de Machado de Assis nos periódicos fluminenses de Daniela Magalhães da Silveira.

³⁸ *A ESTAÇÃO*, 15 de março de 1883, XII ano, n. 05, p. 12.

certa familiaridade com as lojas e as ruas de Paris”³⁹, ou quisessem, procurassem ou mesmo fossem levadas a ter.



Figura 8 – Parte de um anúncio que apareceu no caderno de literatura. Na imagem, é possível ver o quanto as aparências e o que vinha da França eram caros aos editores da folha, com o texto da primeira propaganda que dizia: “Casas frequentadas pela aristocracia francesa e brasileira”. O corpo do anúncio ainda trazia os dizeres: “O nome de *Mesdames de Vertus* é universalmente conhecido graças aos seus maravilhosos espartilhos de um corte sempre perfeito e de extrema elegância. Essa casa, *a primeira de Paris*, é patrocinada pelas senhoras da alta sociedade da Europa e da América.”, ressaltando que o lugar de onde vinha a loja era mais importante do que qualquer coisa, com a referência aparecendo antes mesmo do seu nome.⁴⁰

³⁹ TEIXEIRA, Ivan. *O altar & o trono: Dinâmica do poder em O Alienista*. Cotia, SP: Ateliê Editorial: Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 68.

⁴⁰ A ESTAÇÃO, 15 de abril de 1884, XIII ano, n. 07, p. 11.



Figura 9 – Abaixo da figura que antecede o “Suplemento Literário” encontram-se propagandas de perfumaria, espartilhos, vestidos, entre outros objetos comercializados em Paris.⁴¹

⁴¹ A ESTAÇÃO, 31 de maio de 1887, XVI ano, n. 10, p. 09.

Em diversos artigos e colunas da revista, a intenção dos editores de ensinar às mulheres a economizarem o dinheiro dos seus maridos fica clara, ao mesmo tempo em que ela divulgava anúncios de produtos importados, ateliês caros, entre outros. A ideia defendida pelos editores da folha era de ensinar às mulheres uma forma de consumo consciente, visto que o ganho principal da revista vinha da divulgação de produtos de beleza na seção de anúncios. Em diversas edições aparecem publicações orientando as mulheres a comprarem menos; ao invés de encomendarem dez vestidos em um ateliê, elas deveriam comprar a metade disso, por exemplo.

De acordo com a própria estrutura da revista, o perfil das suas leitoras é o de mulheres pertencentes a uma elite conservadora e restritas ao ambiente doméstico. O caderno de moda ensinava àquelas mulheres como deveriam se vestir e agir, como sua casa deveria ser decorada, existiam artigos com dicas de economia doméstica para as esposas não abusarem do dinheiro do marido⁴², ensinavam a cuidar da família, incentivavam as mulheres a tocarem piano (às vezes o caderno trazia partituras de músicas), falavam de arte, entre outros ensinamentos. Em algumas seções do caderno literário, como, por exemplo, os contos e as crônicas, a visão sobre o espaço feminino foi se modificando. Agora, com a adição do suplemento literário, os assuntos não se limitavam ao lar, falava-se também sobre política. Os contos que abriam a segunda parte da revista, ou mesmo as “Croniquetas”, mostravam novas possibilidades e espaços para as mulheres do século XIX.

A combinação entre a necessidade de reduzir despesas e a exigência de certa elegância é indicativa de uma classe que, embora não seja a dominante, está muito próxima desta, participando dos mesmos círculos sociais. Pode-se dizer, portanto, que *La Saison* centrava sua atenção, de modo particular, na classe média burguesa, em que a mulher era a principal responsável pela vida elegante da família.⁴³

O “Suplemento Literário” é uma seção que não só mostra o perfil daquelas leitoras como também mostra o que a revista esperava delas. Considerando o conteúdo daquele caderno, observo que a revista esperava que suas leitoras tivessem familiaridade com as temáticas abordadas, que se identificassem com o gênero literário e os autores que se consagravam na época, obrigando que aquelas mulheres tivessem, pelo menos, uma

⁴² Esse é outro indício de que grande parte do público leitor do periódico era composto por mulheres da classe média, pois se preocupar com economia doméstica não correspondia ao universo das mulheres pertencentes à elite.

⁴³ CRESTANI, Jaison Luís. “O perfil editorial da revista *A Estação: jornal ilustrado para a família*”. *Revista Anpoll*, Vol.1, nº25, 2008. p. 328.

educação básica. Pode ser que a revista considerasse a autonomia do pensar nas mulheres, apesar de ainda ser uma revista escrita majoritariamente por homens para mulheres.

Ao procurar por vozes femininas n'A *Estação* me deparo apenas com algumas publicações da escritora Julia Lopes de Almeida, que fornecia dicas de bons modos às suas leitoras.⁴⁴ O universo político, os jornais, entre outros espaços públicos no século XIX eram destinados em sua maioria aos homens. Em uma publicação localizada no caderno literário, intitulado “Uma ideia nova”, feita por uma mulher desconhecida, é possível ver o retrato dessa realidade, que era consciente para aquelas mulheres. Assinada por Amália X., ela pede por espaço para mulheres na Câmara. Ela diz:

Vai fazer pasmar ao editor da Estação, e ainda aos seus leitores, que uma senhora escreva estas linhas; mas por mais absurdo que pareça à primeira vista, reconhecerá que digo uma coisa sensata.

O que peço à *Estação*, é que, assim como alguns políticos estão a querer os estrangeiros na câmara municipal, deem lá entrada às senhoras. Parecerá esquisito, mas vão ver os meus motivos secretos.

Uma vez que estejamos na câmara, (juro por todas as damas do Rio de Janeiro), faremos uma postura para que se não possa nunca, nem por nenhum motivo, seja de saúde ou de ordem pública, ou de melhoramento, ou dos diabos, nunca se possa pôr a rua do Ouvidor, a dos Ouvires, a de Gonçalves Dias e a da Quitanda, no deplorável estado que se tem achado e se acham, com o falacioso pretexto de águas pluviais.

Que temos nós com águas pluviais? Quando chover, ficaremos em casa. Não chovendo é que saímos, mas sair para andar naquelas quatro partes do mundo (não há outras) como sobre ruínas de uma cidade, palavra que é melhor dizer à gente que se mude.

Nada, nada, vereança para as damas! Advogue a Estação este programa, e não terá o desgosto de ver os nossos vestidos, feitos pelos seus figurinos, enlameados como pé de calceteiro, ou então metidos em casa, criando mofo. Eia, minhas senhoras! Audácia e vinguemo-nos.

Fiquem os homens com o resto do império, mas aquelas quatro ruas são nossas.⁴⁵

Essa publicação aparece no “Suplemento Literário” logo após o conto principal e antes da “Croniqueta” de Arthur Azevedo. Nela, a autora desconhecida pede que as mulheres tenham algum espaço na câmara municipal e justifica seu pedido; isolada de um contexto, a justificativa pode parecer banal, mas ao ler a “Croniqueta” desta edição é

⁴⁴ Júlia Lopes de Almeida é considerada uma das maiores escritoras do século XIX no Brasil. Seus textos colaboraram bastante com os estudos sobre trabalhos domésticos. Além disso, Almeida escrevia literatura e foi cogitada a ocupar um cargo na Academia Brasileira de Letras, entretanto essa honra não foi concedida, pois a academia ainda não admitia mulheres em seu núcleo.

⁴⁵ A *Estação*, 30 de junho de 1886, XV ano, n. 12, p. 08.

possível ver seu narrador fazendo as mesmas reclamações, além de críticas referidas aos políticos que deixam a principal rua do Rio de Janeiro esburacada e em estado deplorável.

Nesta revista, é a partir das imagens e do conteúdo cultural que as mulheres encontram caminhos para adentrarem no espaço público. Nas gravuras d'*A Estação*, as mulheres são ilustradas como “manequins”, entretanto, isso pode ser visto como um processo de expressão, luta ou resistência das mulheres no mundo da cultura por meio dessas imagens. É importante perceber que as gravuras que ilustram essa revista transmitem mensagens significantes; nelas as mulheres estão lendo, tocando piano ou violino, ou então o plano de fundo do lugar que elas foram retratadas mostram objetos de cerâmica, quadros, entre outras obras de arte, indicando a inserção da mulher no mundo cultural. Para além das imagens, o periódico oferecia a essas mulheres acesso à literatura, e esta está diretamente ligada à política e aos movimentos sociais em seu momento de produção – a abolição da escravidão, a proclamação da República e a luta das mulheres por direitos igualitários eram processos emergentes naquele momento – e essas questões apareciam nos contos e crônicas lidos naquela revista.

1.3 – Revistas femininas e discussões sobre o papel das mulheres nas últimas décadas do século XIX

Na delimitação dos assuntos de interesse da mulher, influiu uma concepção do feminino bastante característica do século XIX, em que a mulher figura como um ser frágil, “pueril”, de “sentimentos brandos e piedosos”, assinalado pelo signo do amor e da maternidade, cujas virtudes morais devem ser resguardadas com diligência. Esses conceitos estão nitidamente entranhados nas propriedades do discurso dos editoriais da revista e nos critérios que orientam a seleção das matérias que devem compor as suas páginas, evidenciando a preocupação com a amenidade dos temas, a moralidade das concepções e o enaltecimento dos sentimentos nobres, da sensibilidade materna e do pudor femininos. Dentro desse círculo de interesses, há uma nítida recusa por assuntos relacionados à política, vista como objeto de domínio exclusivamente masculino. À mulher, cumpre falar de coisas mais amenas, como flores, poesias e histórias sentimentais, moda, vida social e cultura, etiqueta, higiene, decoração, utilidade doméstica etc.⁴⁶

No século XIX era comum encontrar revistas destinadas ao público feminino. Essas revistas falavam sobre modas, comportamento e etiqueta, davam dicas de como

⁴⁶ CRESTANI, Jaison Luís. “O perfil editorial da revista *A Estação: jornal ilustrado para a família*”. *Revista Anpoll*, Vol.1, nº25, 2008. p. 345.

decorar a casa, entre outros ensinamentos domésticos e práticas que deveriam ser do interesse das mulheres daquela época. Entretanto, nas décadas finais daquele século, esse cenário estava sendo modificado: inspirados pelas palavras de ordem do período – reforma e modernização – o papel das mulheres passou a ser questionado pelos intelectuais da época que acreditavam que essas funções deveriam ser valorizadas. Assim, a publicidade e a divulgação dessas tarefas afirmavam a valorização de tais práticas e mostravam que aquelas mulheres estavam conquistando espaço no âmbito público e ganhando alguma visibilidade em suas funções.

O início de um movimento

O movimento feminista no Brasil teve início no século XIX com as primeiras ações contra a opressão que as mulheres sofriam e as exigências de seus direitos notados. É possível que antes desse período algumas mulheres já tivessem consciência da sua condição e ansiavam por um espaço menos desigual na sociedade, entretanto, como mostra o texto “Feminismo e Literatura no Brasil” e o livro *Imprensa feminina e feminista no Brasil* de Constância Lima Duarte, é justamente no século XIX que tais desejos são levados a público, principalmente pela imprensa.

De acordo com essa vertente do feminismo brasileiro, o movimento é dividido em quatro ondas que representam determinados recortes temporais. O recorte temporal da minha pesquisa abrange as chamadas duas primeiras ondas que vai do início do século XIX até o seu fim. Aqui, é importante ressaltar que *A Estação* foi uma revista que tinha objetivos conservadores, mas ela estava dialogando com diversos periódicos e livros que foram influenciados pela chamada primeira onda do feminismo, inclusive Machado de Assis e Arthur Azevedo, entre outros colaboradores da folha, concordavam com as exigências da parcela de mulheres que lutavam por igualdade entre os gêneros.

Na primeira onda do movimento o destaque dado é para o cenário brasileiro das primeiras décadas do XIX; o universo intelectual é destinado apenas ao sexo masculino. Até então as mulheres não tinham direito de aprender a ler ou escrever e as que tinham o privilégio de serem alfabetizadas em casa pertenciam, geralmente, a elite ou pelo menos as classes médias. Aquelas mulheres mantinham uma forte dependência em relação às

suas famílias, pois não saber ler ou escrever causava consideráveis restrições em um domínio que já era bastante limitado.

As pioneiras desse movimento foram mulheres que tomaram para si a tarefa de levar os benefícios proporcionados pela educação a outras mulheres. Como conta Duarte no texto “Feminismo e Literatura no Brasil”, o primeiro manifesto escrito no Brasil de cunho feminista foi datado em 1832 e recebeu um nome bem sugestivo: *Direitos das mulheres e injustiças dos homens* de Nísia Floresta Brasileira Augusta. Nísia Augusta baseou seus escritos no texto de uma autora europeia, adaptando alguns pontos de acordo com a sua própria experiência e casos do cotidiano brasileiro da época. É bom lembrar que o espaço reservado às mulheres brasileiras daquela época é diferente do espaço que as mulheres que viviam na Europa ocupavam naquele mesmo período. A autora brasileira escreveu aquele manifesto moldada nos pensamentos que acometiam a sociedade europeia, mas voltada para a realidade do seu país.

Mas afinal, o que pretendia aquele manifesto e quais eram as formas encontradas pelas mulheres para expressarem suas vontades naquela época? Ainda de acordo com o texto de Duarte, que faz uma rápida análise do *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*, Nísia Augusta requere direitos básicos à educação, direitos trabalhistas e pede que o sexo feminino seja respeitado já que até então o imaginário masculino da época acreditava que era dever das mulheres servir e que elas não poderiam adentrar no espaço público. Ainda sobre o texto fundante do movimento das mulheres no Brasil, Duarte analisa:

Nísia Floresta identifica na herança cultural portuguesa a origem do preconceito no Brasil e ridiculariza a ideia dominante da superioridade masculina. Homens e mulheres, afirma, “são diferentes no corpo, mas isto não significa diferenças na *alma*”. Ou as desigualdades que resultam em inferioridade “vêm da educação e circunstâncias de vida”, argumenta, antecipando a noção de gênero como uma construção sociocultural. Segundo a autora, os homens se beneficiavam com a opressão feminina, e somente o acesso à educação permitiria às mulheres tomarem consciência de sua condição inferiorizada.⁴⁷

As últimas décadas do século XIX foram marcadas pelo grande desejo de transformação em diversos aspectos, entretanto, no período que abrange essa primeira onda do movimento feminista, não havia estrutura para revoluções. O manifesto de Nísia

⁴⁷ DUARTE, Constância Lima. “Feminismo e Literatura no Brasil”. In: *Estudos Avançados*. 17 (49), 2003. p. 153.

Augusta pode até não ter sido um texto que modificou de imediato o pensamento predominante da época, mas carregava ideias com um teor transformador e compunha os esforços de luta do movimento.

Na primeira metade do século XIX já existiam jornais dedicados ao sexo feminino, mas estes eram dirigidos por homens pouco suscetíveis às mudanças no cenário social da época. Não podendo contar com o apoio do sexo masculino e para manter o passo e seguir com as transformações sociais propostas por Nísia Augusta no seu primeiro manifesto, e em outros livros publicados por ela, vieram outras mulheres que seguiram os caminhos desta autora e publicaram livros aqui no Brasil que tratavam das reivindicações femininas. O movimento das mulheres não parou nem se deixou abalar.

Em 1852 foi inaugurado o *Jornal das Senhoras*, um dos primeiros periódicos dirigido por mulheres e que tinham suas colunas também escritas por elas. A partir daí foram surgindo outros jornais dirigidos por mulheres, entretanto tais jornais eram vistos como inferiores aos que seguiam o padrão da época. Esses periódicos colocavam em prática o que textos como *Direitos das mulheres e injustiças dos homens* ansiavam: um caminho para a formação da mulher e a construção da sua identidade. Em suma, essa nova imprensa representava um avanço na trajetória feminina rumo à conscientização dos seus direitos.

Aqui, chamo a atenção do leitor para uma relação do então universo feminino com o que acontecia na sociedade brasileira da época. No cenário brasileiro, que até então mantinha forte dependência com Portugal, o sentimento nacionalista ainda não fora despertado e o país não possuía uma identidade que fosse sua. A influência europeia era forte, o Brasil não queria ficar para trás na conjuntura progressista e as moças responsáveis pela criação da imprensa feminina brasileira justificavam esse espaço como uma necessidade social e argumentavam que as mulheres do antigo continente já tinham acesso a todo tipo de informação divulgada naqueles periódicos. De início, esse foi um movimento iniciado por mulheres da elite que atingia apenas as mulheres da elite.

Então, a primeira onda do movimento feminista é marcada pela defesa das mulheres ao acesso a uma educação mínima. A chamada segunda onda do feminismo, a última que abrange meu recorte temporal, teve início em 1870 e foi marcada pela criação de diversos jornais de caráter feminista, como é o caso de *O Sexo Feminino*, que mais tarde passou a ser chamado de *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*, o *Jornal das*

Damas, A família, O Corimbo, A mensageira, entre outros. Esses jornais eram dirigidos e escritos por mulheres, apesar de ser possível encontrar em alguns números publicações escritas por homens. Seus assuntos variavam de exigências de direitos para as mulheres em relação a trabalho e estudos – nessa segunda onda do movimento as exigências femininas quanto à educação passou a ser de que fosse igualitária entre homens e mulheres – como também falava-se sobre modas e literatura, entretanto a principal pedida desses periódicos dizia respeito ao direito das mulheres ao voto.

Em 1881, foi promulgada a lei Saraiva que se constituía por diversas reformas, entre elas instituía o título de eleitor, sendo ele de direito apenas do cidadão que recebesse uma renda anual superior a um determinado valor e que não fosse analfabeto, entre outras limitações.⁴⁸ A lei sequer considerava o voto feminino e fazia algumas restrições quanto aos homens que possuíam esse direito. Essa foi uma lei com caráter excludente e elitista decretada num período de grandes tensões, pois, ao mesmo tempo que alguns intelectuais da época faziam campanhas em defesa da boa educação feminina, os aparatos legais evidenciavam a situação de exclusão das mulheres de todas as classes sociais daquela sociedade, assim como os pobres, escravos e analfabetos.

Na edição de 23 de dezembro de 1885 do *Diário de Notícias*, a seção de crônicas intitulada “De Palanque”, assinada por Arthur Azevedo, conta que durante uma discussão no Parlamento foi resgatado um projeto de lei de décadas atrás que tinha como objetivo proibir as mulheres de aprenderem a ler e escrever. A crônica trazia partes do projeto de lei e a opinião do narrador a respeito daquele texto, dizendo:

Se há assunto grave e complexo, que não pode ser tratado numa ligeira crônica, é o da educação das mulheres. Eu tenho ideias muito esquisitas a esse respeito, e, ingenuamente o confesso, tenho medo de externa-las assim a ligeira, entre duas facecias. Algum dia, que eu me achando com perfeita disposição de espírito para embarcar nessa galera, e expor-me ao vendaval da cólera feminina, não porei dúvida em atravessar a prancha que me separa da terra firme.

Por enquanto limito-me a oferecer ao leitor um documento bastante curioso. A *Revie rétrospective* transcreve-o de uma brochura anônima do ano IX, atribuída a Sylvain Marechal.

É um projeto de lei proibindo às mulheres aprenderem a ler:

“<< Considerando os inconvenientes graves que resultam para os dois sexos, das mulheres saberem ler;

⁴⁸ Essa lei está disponível no site do Tribunal Superior Eleitoral: <http://www.tse.jus.br/eleitor/glossario/termos/lei-saraiva>.

<<Que ensinar as mulheres a ler é uma obra má, prejudicial à sua educação natural, é um luxo cujo efeito foi quase sempre a alteração e ruina dos costumes;

<<Que essa flor da inocência que caracteriza uma virgem começa a perder o seu brilho e a sua frescura, desde o momento em que um mestre se aproxima;

<<Que a intenção da boa e sábia natureza foi que as mulheres, exclusivamente ocupadas nos cuidados domésticos, se honrassem de ter nas suas mãos, não um livro e uma pena, mas uma roca e um fuso;

<< Considerando quanto uma mulher que não sabe ler é cautelosa nos seus propósitos, pudibunda nas suas maneiras, parcimoniosa nas suas palavras, tímida e modesta fora de sua casa, como ao contrário, se ela sabe ler e escrever tem a inclinação para a maledicência, para o amor próprio e para o desdém a respeito de todos aqueles e aquelas que sabem menos;

<< Quanto é perigoso cultivar o espírito das mulheres, segundo as reflexões morais de La Rochefoucauld, que parecia conhece-las muito bem quando dizia “O espírito da maior parte das mulheres serve mais para fortalecer a sua loucura do que a sua razão”;

<< Quanto é simples conjugação do verbo amar, tem ocasionado grandes erros;

<< A razão quer, que as mulheres (donzelas, casadas ou viúvas) nunca ponham os olhos num livro, nem jamais lancem mão de uma pena;

<< A razão quer: para o homem a espada e a pena; para a mulher a agulha e o fuso. Para o homem a massa de Hércules; para a mulher a roca d’Omphale. Para o homem as produções do gênio; para a mulher os sentimentos do coração;

<< A razão quer: que se dispensem as mulheres de saber ler, escrever, imprimir, gravar, metrificar, solfejar, pintar, etc.

<< A razão quer, que as mulheres não sejam admitidas nas tribunas do corpo legislativo, nem nas sessões dos tribunais ou nos próprios tribunais, ou nas janelas das casas próprias, as praças públicas destinadas às execuções.

<< A razão quer que o pai, o marido, os irmãos e os filhos de cada casa nunca usem outros vestidos, que não sejam fiados e tecidos pela mão das filhas e das irmãs, das esposas e das mães.

<< Os pais e os maridos são responsáveis pela estrita observância da presente lei. Serão os únicos punidos pelas contravenções praticadas pelas suas filhas e mulheres.”

Depois desta transcrição, julgo conveniente sangrar-me em saúde e varrer a minha festada: entre o que eu penso e o que pensa aquele singular projeto – vai um abismo.

O que desejo é a coisa mais natural deste mundo: é que as mulheres não sejam homens.⁴⁹

O texto do projeto era mais do que conservador; tinha caráter extremista, buscava argumentos em uma razão não fundamentada, colocava as mulheres como incapazes, tentava fazer delas o mais dependente possível dos homens e era carregado de preconceitos que elas já sofriam há séculos. Não foi dado andamento ao tal projeto, entretanto essas notícias mostram a dimensão das desigualdades entre os homens e as

⁴⁹ DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 23 de dezembro de 1885, I ano, n. 200, p. 01.

mulheres daquele período e deixam claro as tensões que resolvem na época quando o assunto era a educação destinada às mulheres: por um lado existiam grupos que acreditavam que as mulheres deveriam permanecer cuidando da casa e da família, por outro tinham intelectuais e uma parcela de mulheres que defendiam e/ou lutavam por direitos igualitários para os dois sexos.

Esse projeto de lei só mostrava como a educação feminina, e consequentemente a conquista de direitos pelas mulheres, era temida, principalmente, pelos homens. Como parte do preconceito masculino em relação a educação feminina, Michelle Perrot diz: “Ao longo do século XIX, reitera-se a afirmação de que a instrução é contrária tanto ao papel das mulheres quanto a sua natureza: feminilidade e saber se excluem. A leitura abre as portas perigosas do imaginário. Uma mulher culta não é uma mulher.”⁵⁰. Perrot ainda alerta que durante aquele período o pensamento predominante entre os homens⁵¹ era de que as mulheres poderiam ser instruídas, mas de acordo com as necessidades de seus maridos e famílias para serem “agradáveis e úteis” socialmente. Então, para a autora, a demanda para as mulheres deveria ser por educação, não por instrução, pois instruir está ligado a ideia de dominação de pensamento.

Até a primeira metade do século XIX, no Brasil e no resto do mundo, apenas os meninos tinham direito a educação. As meninas que conseguiam alguma instrução eram as que pertenciam a burguesia e a formação que recebiam aconteciam em pensionatos religiosos onde elas tinham aulas de arte e música. Antes de ingressarem nesses pensionatos, as meninas recebiam alguma instrução em casa, com a ajuda das governantas ou com aulas particulares. É importante ressaltar que isso tudo faz parte do universo das meninas ricas e que a educação feminina se dava, normalmente, na esfera privada, sendo que as mulheres só conquistaram o direito de frequentarem a escola nas décadas finais do século XIX. Michelle Perrot mostra que a admissão de meninas nas escolas⁵² foi também vista como uma estratégia social por parte do sexo masculino: para os homens uma esposa instruída tinha condições de encaminhar a educação dos seus filhos e o mercado de trabalho também encontrava utilidade nos setores terciários para essas mulheres.

⁵⁰ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 93.

⁵¹ Aqui, Michelle Perrot inclui homens das mais diversas camadas, incluindo boa parte dos intelectuais mais renomados. Idem, p. 92.

⁵² Nesse momento da discussão, Michelle Perrot se refere aos interesses masculinos sobre essa conquista, não desconsiderando os méritos das lutas das mulheres pelo direito a educação. Idem, p. 95.

No livro *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX*, Mônica Jinzenji traz dados que mostram que mesmo no final do século XIX, o número de meninas matriculadas em escolas de educação básica era muito inferior ao número de meninos, não chegando a 35% de estudantes. Para a autora, a culpa disso pode ser atribuída ao Estado, que foi relapso quanto a permitir o ingresso do sexo feminino nessas instituições e tornar essa frequência obrigatória, e até mesmo às famílias dessas meninas, que por questões morais ou de necessidade preferiam ter suas filhas em casa cuidando de tarefas que era tradicionalmente resignadas a elas.

Ao final do século XIX, discussões sobre a educação das mulheres e a independência feminina estavam em foco em diversas produções literárias que tencionavam um diálogo com a sociedade por meio da visibilidade que a imprensa proporcionava. Aqui, vale a pena compreender como determinado grupo social, composto pela figura do homem intelectual, escrevia sobre as mulheres e como essa produção cultural, em especial as crônicas de Arthur Azevedo, eram recebidas por elas e pelo público em geral. Vale também perceber os interesses dos demais colaboradores e os próprios editores da folha e como eles conversavam com aquelas mulheres.

CAPÍTULO II

Educação, política, teatros e abolição nas crônicas de Arthur Azevedo n'A Estação

2.1 – As crônicas de Arthur Azevedo n'A Estação

A colaboração regular de Arthur Azevedo na revista *A Estação*, começou em 31 de julho de 1884, na seção “Teatros”, na qual o cronista criticava as mais recentes peças teatrais apresentadas na corte, utilizando-se para tanto o pseudônimo X.Y.Z; no ano seguinte, após conquistar a simpatia dos editores da folha, o escritor estreou a série de crônicas “Croniqueta”. Anos mais tarde, nos primeiros números do jornal publicados em 1888, Arthur Azevedo deu início a escrita de mais uma seção, intitulada “Contos”, a qual era assinada com o seu próprio nome, que aparecia logo abaixo do romance que abria o caderno literário. Com a longa duração de todas essas seções, é possível concluir que a participação de Azevedo naquele periódico, além de ter sido bastante intensa, era bem aceita por seu público leitor.

Arthur Azevedo iniciou a publicação da série “Croniqueta” n’*A Estação* em 15 de dezembro de 1885, assinando sob o pseudônimo Eloy, o Herói. A publicação da série se estendeu até 15 de dezembro de 1903, um ano antes do fim da revista, somando cerca de 430 crônicas publicadas (algumas crônicas não eram publicadas em determinadas edições da revista). Essas crônicas ocupavam a parte inferior do caderno literário, e apareciam, normalmente, abaixo do romance ou conto que abria aquela parte da revista. Como composição do gênero, as “Croniquetas” ocupavam um espaço “menor” no caderno; acontecia de sua narrativa ser interrompida por grandes anúncios publicitários ou quadros que chegavam a preencher uma página inteira da folha. Minha pesquisa tomou como fonte principal tais crônicas por encontrar nelas uma forma possível de compreender as intenções por detrás das publicações daquele escritor, que se utilizava de um pseudônimo para expor suas ideias, e por ser mais facilmente identificada a maneira que esse autor vê a mulher daquela época e como entende a educação feminina. Além do mais, o gênero crônica permitia àquele narrador conversar com suas leitoras diretamente e criava uma relação de intimidade entre escritor e leitor que não era possível acontecer no caso dos contos e romances.

Em sua estrutura, as “Croniquetas” eram divididas por temáticas, separadas por asteriscos, e na maioria das vezes essas partes conversavam entre si. O tamanho da letra dessa seção também era menor que a utilizada nos contos, romances ou qualquer outra parte do caderno literário. É possível perceber que, normalmente, existia uma continuidade na sequência de assuntos daquelas crônicas, fazendo daquela seção o espaço onde as leitoras tinham mais contato com as temáticas e discussões mais recentes. Partindo para uma análise do seu conteúdo, essas crônicas continham uma forte crítica política, entretanto, os assuntos mais comentados eram aqueles relacionados à arte e cultura. O cronista também relata alguns acontecimentos recentes com figuras importantes da corte, sempre que possível dava notícias sobre a família real, falava sobre as eleições e denunciava a corrupção de alguns políticos. Segundo Eloy, o Herói, política não era um assunto de interesse das mulheres, embora essa fosse uma das temáticas mais discutidas em seus textos. É perceptível que aquele narrador gostava mesmo de conversar sobre o que acontecia nos palcos fluminenses e esse assunto aparecia em quase todas as edições da série. Ele também destinava um bom espaço para falar sobre exposições artísticas, explicava a arte de alguns quadros e contava para suas leitoras a trajetória dos maiores artistas da época.

As “Croniquetas” foram escritas num período que o país passava por notáveis transformações, como por exemplo, a divulgação dos ideais abolicionistas pela imprensa, as terminações da Monarquia, a abolição da escravidão e a proclamação da República brasileira; esses eram assuntos comumente encontrados naquelas narrativas. Por contar fatos do dia-a-dia de determinada sociedade e alguns acontecimentos marcantes para a história política do país, essas crônicas tornam-se fontes ricas para pesquisa, mesmo que essa narrativa conte com certa subjetividade e interpretações do seu escritor. As crônicas por mim selecionadas são as publicadas entre 15 de dezembro de 1885 até 31 de dezembro de 1889, totalizando 98 publicações estudadas, justamente por esses serem os primeiros anos da série e também abordar os maiores acontecimentos das décadas finais do século XIX. Além do mais, essa pesquisa me permite analisar crônicas que foram adaptadas para contar esses episódios especialmente para o público feminino.

LITERATURA

CASA VELHA

IX

(Continuação)

Lalau tinha o sentimento das situações graves. Aquella era excepcional. Não me disse nada, depois da minha revelação, não me fez pergunta nenhuma; aperfeiou-me a mão e saiu.

Dous dias depois foi para casa da tia, a pretexto de não sei que negócio de família, mas realmente era uma separação. Fui ali velada; achou-a abatida. A tia fallou-me em particular; perguntou-me se havia alguma cousa em casa de D. Antonia; a sobrinha, interrogada por ella, respondera que não; quis ir á Casa Velha, mas foi a propria sobrinha que a dissuadiu, on antes que lhe impoz que não fosse.

— Não houve nada, foi a sua ultima palavra. O que ha é que é tempo de viver em nossa casa, e não na casa dos outros. Estou moça, preciso de cuidar da minha vida.

D. Mafalda não achava propria esta razão. A sobrinha era tão amiga da Casa Velha, e a família de D. Antonia queria-lhe tanto, que não se podia explicar daquelle modo uma retirada tão repentina. Nunca lhe ouvira o menor projecto a tal respeito. Acrece que, desde que viera, andava triste, muito triste...

Todas essas reflexões eram justas; entretanto, para que ella não chegasse a ir á Casa Velha, disse-lhe que a razão dada por Lalau, se não era sincera, era em todo caso boa. Pensava muito bem querendo vir para casa: eram pobres; ella devia acostumar-se á vida pobre, e não á outra, que era abundante e larga, e podia crear-lhe hábitos perigosos.

Nada lhe disse a ella mesma, nem era possível; fallámos juntos os tres na sala de visitas, que era também a de trabalho. Lalau procurou disfarçar a tristeza, mas a indiferença, apparente não chegou a persuadir-me; conclui que o amor lhe ficara no coração, a despeito do vínculo de sangue, e tive horror á natureza. Não foi só á natureza. Continuei a abracer a memória do homem, causa de tal situação e de tais dores.

Na Casa Velha fui igualmente discreto. D. Antonia não me perguntou o que se passara com elles, nem com o filho, e pela minha parte não lhe disse nada. O que ella me confiou, dias depois, é que a viagem de Felix á Europa era já desnecessária; cunhava agora de casal-o; fallou-me claramente nos seus projectos relativos a Sinhásinha. Parecer-lhe a escolha excellente; eu inclinei-me, aprovando.

Passaram-se muitos dias. O meu trabalho estava no fim. Tinha visto e revisto muitos papéis, e tomara muitas notas. O coronel voltou á Corte no meado de setembro; vinha tratar de umas escrécias. Notou a diferença da casa, onde faltava a alegria de moça, e sobrava a tristeza ou alguma cousa analoga do sobrinho. Não lhe disse nada; parece que D. Antonia também não.

Felix passava uma parte do dia comigo, sempre que eu ali ia; fallava-me de alguns planos relativamente a industrias, ou mesmo a lavoura, não me lembra bem; provavelmente, era tudo misturado, nada havia nelle ainda definido; lembramo-nos que já andára com ideias de ser deputado. O que elle queria agora era fazer alguma cousa que o aturdisse, que lhe tirasse a dor do recente desastre. Neste sentido, aprovava-lhe tudo.

Parece-me que o tempo ia fazendo algum efeito em ambos. Lalau não ria ainda, nem tinha a mesma conversação de out'ora; começava a apaziguar-se. Ia ali muita vez, á tardes; ella agradecia-me evidentemente a fineza. Não só tinha afecção, como achava na minha pessoa um pedaço das outras afecções, da outra casa e é o outro tempo. Demais, era-me grata, posto que o destino me tivesse feito portador de más novas, e destruidor de suas mais intimas esperanças.

A ideia de casal-a entrou desde logo no meu espírito; e nesse sentido falei á tia, que aprovou tudo, sem adiantar mais nada. Não conhecia o Victorino, filho de segero, e perguntei-lhe que tal seria para marido.

— Muito bom, disse-me ella. Rapaz serio, e tem alguma cousa por morte do pa.

— Tem alguma educação?

— Tem. O pa até queria fazel-o doutor, mas o rapaz é que não quis; disse que se contentava

com outra cousa; parece que está escrevendo de carterio... escrevendo não sei como se diz... mentado... paramentado...

— Juramentado.

— Isso mesmo.

— Bem, se puder falar com ella... sem dizer tudo... assim a modo de indagação...

— Verei; deixe estar.

Dias depois, D. Mafalda deu-me conta da invenção: a sobrinha nem queria ouvir falar em casar. Achava o Victorino muito bom noivo, mas o seu desejo era ficar solteira, trabalhar em costura, para ajudar a tia e não depender de ninguém; mas casar nunca.

Esta conversa trouxe-me a ideia de ponderar a D. Antonia que, uma vez que Lalau era filha de seu marido, ficava-lhe bem fazer uma pequena dedicação que a resguardava da miseria. D. Antonia aceitou a lembrança sem hesitar. Estava tão contente com o resultado obtido, que podia fazel-o. Confessou-me, porém, que o melhor de tudo seria, feita a doação, passados os tempos, e casado o filho, voltar a menina para a Casa Velha. Tinha grandes saudades della; não podia viver muito tempo sem a sua companhia. Repeti a ultima parte a Lalau que a escutou comovida. Creio até que ia a brotar-lhe uma lagrima; mas reprimiu-a depressa, e fallou de outra cousa.

Era uma terça-feira. Na quarta, devia eu ultimar os meus trabalhos na Casa Velha, e restituir os papéis, quando fiz um achado que transformou tudo.

MACHADO DE ASSIS.

(Continua).

CHRONIQUETA

O assumpto mais interessante da quinzena interessa mediodiariamente ás leitoras: as eleições. O partido conservador venceu em toda linha, o que aliás, era facil de adivinhar, porque o partido vencedor está no poder. Se em vez do conservador, estivesse o liberal, outro gallo cantaria.

Ora, vejamos um exemplo entre vinte mil: Na situação passada o Sr. Tautay, um dos deputados mais uicios ao seu paiz, foi vergonhosamente derrotado por um Sr. Schutel, que ninguem conhece. Mudam-se os tempos, sobe o par-



Figura 10 – Página de abertura do “Suplemento Literário” da edição de 31 de janeiro de 1886. Esse número mostra a nona parte do conto “Casa Velha” de Machado de Assis e logo abaixo aparece a abertura da série “Croniqueta”. Na imagem fica evidente que o tamanho da fonte utilizada na série de crônicas era menor do que a do romance, essa era uma característica bem comum ao gênero crônica daquele período.⁵³

⁵³ A ESTAÇÃO, 31 de janeiro de 1886, XV ano, n. 02, p. 10.

A crônica que deu abertura à série aparece na segunda página do “Suplemento Literário” do dia 15 de dezembro de 1885 e foi dividida em 7 partes que falavam de assuntos específicos do cotidiano carioca. Logo na primeira frase, Eloy, o Herói, diz que sua coluna estreia em más condições devido ao calor excessivo, fazendo com que não só ele, mas também boa parte da população carioca prefira ficar em casa a frequentar os espaços de danças e jogos. Nas “Croniquetas”, entre outras séries de crônicas do século XIX, era comum encontrar seu narrador dizendo que devido à alta temperatura ou às chuvas não havia assunto a ser comentado. Isso acontecia porque os cronistas dependiam diretamente dos assuntos recentes que acometiam a população do lugar de onde escreviam, além de compor uma estratégia de escrita que estabelecia certo tom pessoal na narrativa, criando uma relação de diálogo com o seu público.⁵⁴

Logo no começo daquela “Croniqueta”, o narrador já deixa claro para suas leitoras que é um abolicionista declarado, que tem grande admiração pelo Imperador e toda a família real. Eloy, o Herói, conta sobre um encontro realizado para entregar cartas de alforria a seres escravizados e a fala do Imperador o comoveu. Ele escreve:

A compensação encontrou-a ela no dia dos anos do Imperador, ao voltar a terceira página do Livro de Ouro, na pitoresca frase do presidente Cláudio. Durante a cerimônia da entrega de um “bandão” de cartas de liberdade, o que mais me deu no gosto foram as palavras do nosso grato soberano: “Espero em Deus não morrer sem deixar livre no Brasil o último escravo”.⁵⁵

Na parte seguinte, o cronista transmite notícias sobre o estado de saúde da Imperatriz; era bem comum para aquela série encontrar notícias a respeito do estado de saúde da família imperial. Partindo para as partes finais daquela crônica, o narrador conta para suas leitoras sobre as assembleias do Partido Republicano brasileiro mencionando personagens da Revolução Francesa, como por exemplo, Danton e Robespierre, dizendo que aqui no Brasil, especificamente no Partido Republicano, não se encontravam figuras revolucionárias que fossem capazes de mudar o cenário político brasileiro da época, principalmente no que dizia respeito a abolição da escravidão no país, que era o assunto que mais incomodava o cronista. Ele diz:

⁵⁴ Essa estratégia dos cronistas compõe parte das discussões da seguinte coletânea: CHALHOUB, Sidney, NEVES, Margarida de Souza, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *História em causas miúdas: Capítulos de História Social da Crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

⁵⁵ A ESTAÇÃO, 15 de dezembro de 1885, XIV ano, n. 23, p. 10.

Depois deste rapapé, eu poderia, para que me não acoimassem de áulico, registrar aqui a organização do partido republicano brasileiro, a que atualmente se procede numas assembleias açucaradas, onde não trovejam catapultuosos Robespierres, nem esbravejam Dantons, nem regougam blasfêmias de demagogos Marats de costa arriba.

A Estação, porém, é periódico mais de senhoras que de homens, e, na nossa terra, o belo sexo em geral, pouco se importa com o movimento político, atendendo a que sob todos os regimes Sua Majestade a Moda sempre reinou absolutamente. As minhas leitoras bem pouco se lhes dá de que sejamos governados por Bruto ou César, pelo Napoleão de 1848 ou pelo Napoleão de 1852.

Deixemos em paz os demolidores do trono de Bragança, e tratemos antes dos milagres do glorioso São Menezes Vieira.⁵⁶

Eloy, o Herói, costumava dizer que para suas leitoras não fazia diferença quem governasse o país, no entanto, ele insistia em criticar a política vigente e fazer propagandas em prol da abolição da escravidão no país. Nas últimas partes daquela crônica são contadas novidades na instituição de surdos-mudos do Rio de Janeiro e depois é noticiada a morte de um jovem, mostrando a diversidade de assuntos que apareciam em um só número da série.

2.2 – O projeto de educação para as mulheres d’*A Estação*

Na edição de 15 de agosto de 1881, *A Estação* abre o caderno de literatura com uma novidade para as mulheres da época: o Liceu de Artes e ofícios do Rio de Janeiro – que oferecia aulas gratuitas de desenho, arquitetura, inglês, música, história da arte, entre outras disciplinas – que até então só admitia alunos do sexo masculino, passou a aceitar o ingresso de mulheres. A notícia vinha acompanhada de um artigo intitulado *Cherchez la femme*, escrito por Machado de Assis. O texto é uma carta em defesa da boa educação como forma de independência para as mulheres, e vinha anunciando a abertura de vagas para o sexo feminino no Liceu de Artes e ofícios.

Durante a narrativa daquele texto, o escritor mostra duas possibilidades diferentes que essa nova instrução causaria na formação feminina: a primeira é a de que uma mulher bem instruída seria capaz de entender o homem, seu companheiro, e a outra perspectiva aponta que essa instrução viria como fuga dos ideais tradicionais de mulher para aquela época. O artigo ainda tentava convencer os seus leitores de que educar as mulheres era uma boa ideia: “a mulher é a estrela que leva o homem pela vida adiante, e que

⁵⁶ Idem, p. 10.

principalmente as leitoras d’*A Estação* merecem o culto de todos os espíritos elegantes. Basta-nos isto: educar a mulher é educar o próprio homem, a mãe completará o filho.”⁵⁷ A partir de então, a boa educação feminina passou a ser vista como um projeto por diversos intelectuais da época, como por exemplo, Machado de Assis e Arthur Azevedo.

Machado de Assis publicou n’*A Estação* desde que a revista criou o “Suplemento Literário”, em 1879, e a partir da publicação do artigo *Cherchez la femme* os assuntos reservados para o projeto de educação para as mulheres passam a ser mais facilmente identificados nos textos que o literato escrevia para aquele caderno. As principais obras lançadas na revista foram o conto “O Alienista” e o romance *Quincas Borba*, que em suas narrativas se utilizavam da ironia para fazer fortes críticas aos hábitos sociais daquela época, e se tornaram marcos no estilo do autor; seus temas compõem o cenário do Segundo Reinado brasileiro em sua fase de transformações e terminações. Os contos publicados a partir de 1881 tratam de temas relacionados a cidade, política, medicina, ciências, maternidade, religião, entre outros assuntos que, de acordo com o literato, contribuíam na formação de suas leitoras. Arthur Azevedo iniciou sua colaboração na revista após esse projeto de educação ter início, então desde o começo da sua série “Croniqueta” o literato leva questões relacionadas a formação das mulheres à série.

Os responsáveis pela revista também não deixaram de felicitar o ingresso de meninas ao tal Liceu. Abaixo da carta publicada por Machado de Assis, escreveram um texto que dizia que essa nova oportunidade seria enriquecedora para a própria mulher, sua família e até à Pátria brasileira. Essas mulheres poderiam receber instrução gratuita de uma das melhores instituições da América Latina. No final da nota, os editores pediam gentilmente para que as senhoras que possuíssem uma condição financeira mais favorável, fizessem uma doação para a Sociedade Propagadora das Belas-Artes (que fornecia verbas para o Liceu) para que mais mulheres tivessem a oportunidade de desfrutar daquelas aulas.

Os editores d’*A Estação* tinham o costume de conversar com as leitoras da folha por meio de notas que felicitavam o início de um novo ano, publicavam textos no final do ano agradecendo as leitoras por terem acompanhado todas as edições até aquele momento, entre outras publicações em datas comemorativas, e é por meio dessas notas que é possível compreender o que aquele grupo pensava a respeito do seu público. A nota

⁵⁷ *A ESTAÇÃO*, 15 de agosto de 1881, X ano, n. 15, p. 08.

dos diretores publicada no dia 31 de dezembro de 1887 contribuí para compreensão desse posicionamento:

[...] O que findou foi mais um elo da cadeia que nos prende a essa parte amável e graciosa da sociedade brasileira. Aos homens, a política, a administração, o comércio, as lutas exteriores de todos os dias. Não trabalhamos para eles, particularmente, embora saibamos que mais de um nos lê, nos acompanha e nos anima. A *Estação* foi estabelecida como um veículo das alterações elegantes e feminis que se dão no centro da vida europeia. Damos aqui os novos vestidos, os trabalhos de agulha, as mil invenções úteis ou só recreativas para a vida das senhoras. A menina, a moça, a que foi, e até a que, tendo colhido brilhantes triunfos outrora, chega afinal a idade da avó amada e respeitável, todas acham aqui o que Paris inventou e o que lhes fica melhor.

Não poderíamos viver muito tempo sem o apoio firme e geral do belo sexo brasileiro. Tivemo-lo e conservamo-lo. Durante anos a nossa revista tem ido em prosperidade interrompida. É claro que procuramos sempre corresponder ao apoio manifestado, desenvolvendo a folha, dando-lhe leitura amena e não faltando a pontualidade.⁵⁸

Os editores da revista desenham naquele texto os espaços reservados às mulheres na sociedade: enquanto o homem ficava com os lugares de “lutas exteriores”, as mulheres ocupavam espaço na esfera privada, se preocupando com atividades “recreativas”, como por exemplo, as modas europeias e dicas para decoração do lar.

Apesar de a revista delimitar lugares para as mulheres na sociedade daquela época, é possível encontrar também brechas onde a figura feminina poderia conquistar espaços diferentes. No caso da revista *A Estação*, por ser primeiramente um periódico de moda que após alguns anos adicionou à folha um caderno de literatura, fica claro que o interesse dos editores – além de dar dicas de economia doméstica, ensinar como as mulheres devem se vestir e comportar – era de entreter seu público. Entretanto, em algumas dessas notas que os editores soltavam ao longo das publicações, é possível perceber os interesses políticos dos mesmos e isso não pode ser ignorado. Na edição de 31 de maio de 1888, por exemplo, em seu primeiro número publicado após a abolição da escravidão, a revista pública uma nota no caderno de literatura felicitando o ocorrido. Vem escrito:

A Estação congratula-se especialmente com as suas leitoras pelo grande ato de treze de Maio, a lei que aboliu a escravidão no Brasil. Essa lei de justiça implica também um sentimento de caridade, e a caridade é o característico da alma feminina, mormente na brasileira.

Sim, desde o dia treze de Maio de 1889 não há escravos no Brasil. A alegria pública e as festas que duraram oito dias, mostram bem que o Brasil não almejava outra coisa mais ardenteamente.

⁵⁸ A *ESTAÇÃO*, 31 de dezembro de 1887, XVI ano, n. 24, p. 13.

[...] Por um encontro de circunstâncias, visto que o Imperador está ainda na Europa, foi sua Alteza Imperial a Senhora D. Isabel que assinou a lei de treze de Maio. Outro motivo de regozijo particular para as senhoras brasileiras, que vêm assim a primeira dentre elas a honrar o sexo, dando impulso a uma ação liberal e cristã, resgatando a injustiça dos séculos com uma simples penada de ouro.

[...] Está a pátria livre: está é a verdade do momento. Não era livre antes, quando uma multidão de homens vivia dominada por outra. A escravidão era uma exceção. Não faltou quem dissesse uma lepra, e disse bem. Curada a lepra, eliminado esse princípio de corrupção do organismo nacional, é de crer que vamos agora viver outra vida. [...]⁵⁹

No texto, é impossível não perceber ideias tradicionais no que se refere às características femininas, como é o caso do escritor em questão considerar que todas as mulheres são caridasas e que essas qualidades “amenas” e sentimentais compõe a personalidade de todo esse grupo. Essa forma de ver as mulheres, vinculando a alma e personalidade para a definição do sexo, está muito presente nos textos que compõe a *Estação*, e ao longo da minha narrativa menções desse tipo vão aparecer bastante. A citação também mostra que política é um dos assuntos tratados pela revista e, para além disso, os editores tentam exercer certa influência nas suas leitoras a esse respeito, mostrando que as mulheres terem uma opinião – mesmo que forjada – sobre tais assuntos era importante. A partir do próximo item essa questão será mais bem trabalhada com o auxílio das “Croniquetas” de Arthur Azevedo.

⁵⁹ A ESTAÇÃO, 31 de maio de 1888, XVII ano, n. 10, p. 08.

25 DE MARÇO

A *Estação* acompanhou jubilosa os magnificos festejos com que a capital do Imperio solemnisou a liberdade do Ceará, que é verdadeiramente o inicio da proxima libertação do nosso territorio.

Louvores pois e applausos sem conto aos heróes desta esplendida victoria que nem desembainharam as espadas, nem fizeram correr sangue de irmãos, e que muito breve nos seja dado inscrever nestas paginas destinadas á familia brasileira esta simples phrase, que contem a primeira aspiração da patria:

NÃO HA MAIS ESCRAVOS NO BRAZIL.

Figura 11 – Texto publicado pelos editores da folha na primeira página do Suplemento Literário daquela edição. Quando acontecia algum fato de grandes proporções em qualquer parte do país a revista costumava publicar uma nota comentando o ocorrido. Nesse caso, os editores fizeram questão de terminar a publicação mostrando que eram a favor da abolição da escravidão e que desejavam poder escrever em breve naquelas páginas a seguinte frase: “Não há mais escravos no Brazil”.⁶⁰

⁶⁰ A ESTAÇÃO, 31 de março de 1884, XIII ano, n. 06, p. 10.



Figura 12 – Página da revista que aparece o artigo *Cherchez La Femme*, de Machado de Assis, e o anúncio de que o Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro passou a admitir a matrícula de mulheres na instituição. A resolução da imagem não é das melhores, mas é possível ver as bordas da folha decoradas, o que não era comum de aparecer no caderno de literatura, além do título da matéria vir destacado em formato de arco, chamando a atenção das leitoras.⁶¹

⁶¹ A *ESTAÇÃO*, 15 de agosto de 1881, X ano, n. 15, p. 08.

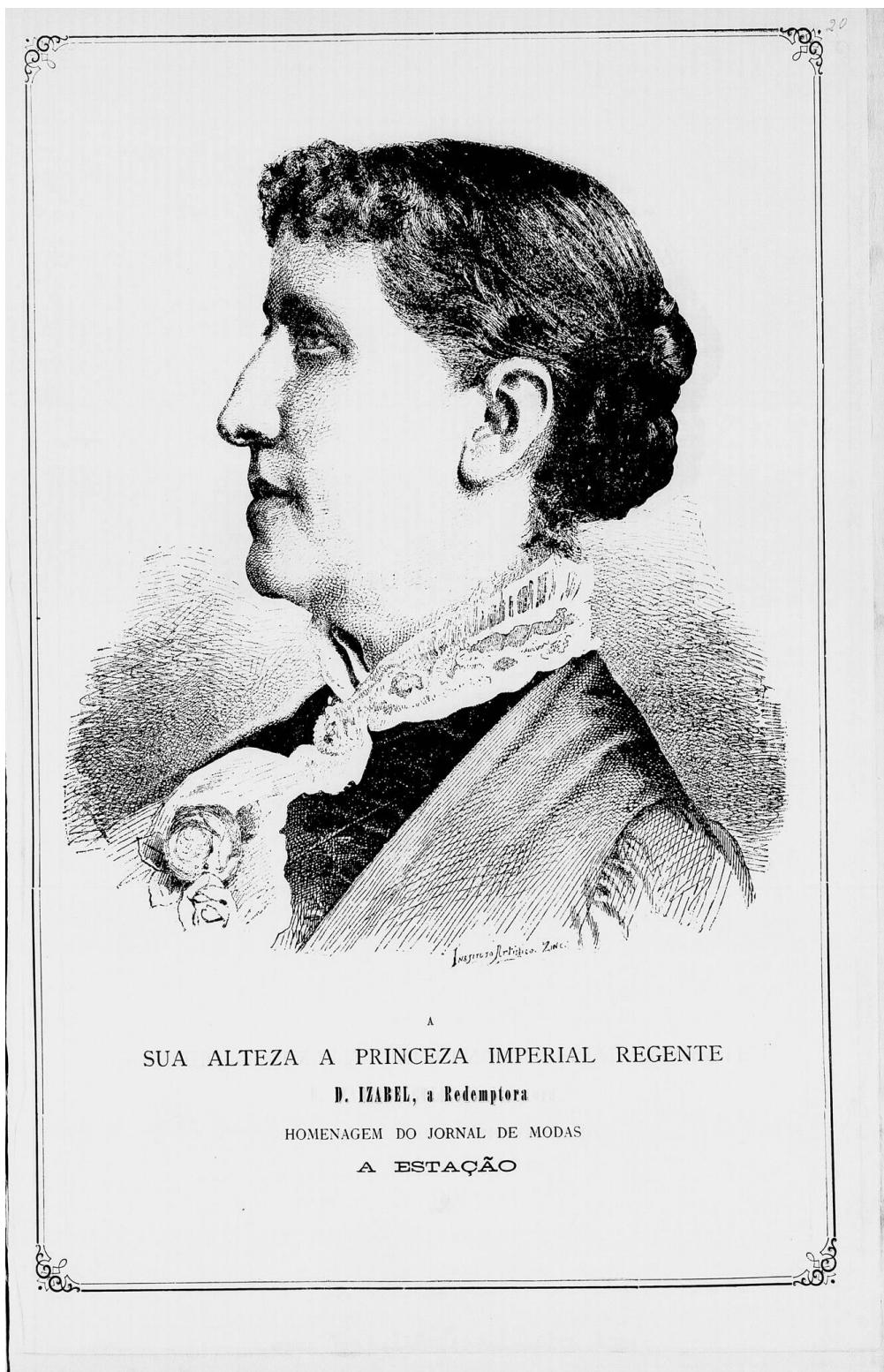


Figura 13 – A imagem aparece intercalada no “Suplemento Literário” e compõe uma homenagem que a revista fez à Princesa Isabel no número publicado após a lei que abolia a escravidão no Brasil ser promulgada. Essa é uma imagem importante, pois, normalmente, as imagens femininas que apareciam nas partes reservadas às obras de arte retratavam mulheres em tarefas domésticas ou maternais e daquela vez a edição levava uma retrato de uma mulher responsável por um dos maiores acontecimentos do país.⁶²

⁶² A ESTAÇÃO, 31 de maio de 1888, XVII ano, n. 10, p. 12.

2.3 – “Croniquetas”: Leituras para mulheres

Logo nas primeiras edições das “Croniquetas”, é possível perceber o tom provocativo de Eloy, o Herói, a respeito do lugar que as mulheres ocupavam na sociedade e sua opinião a respeito da formação que elas deveriam receber. Na crônica de 15 de janeiro de 1886, que foi dividida em 4 partes, o narrador traz dois pontos interessantes para análise na minha pesquisa; na primeira parte, o cronista tenta mostrar para as suas leitoras a importância das artes para a formação das mulheres e depois, na terceira parte, conta que os correios passaram a admitir o sexo feminino em seu quadro de funcionários. As demais partes dessa “Croniqueta” falam sobre música e trazem a propaganda de um tônico capilar. Nessa série, Eloy, o Herói, se dedica a convencer aquelas mulheres a buscarem uma formação em áreas artísticas ou a pelo menos se dedicarem a irem em concertos e peças para terem algum conhecimento a esse respeito. Logo na primeira parte, após fazer propaganda do trabalho de uma professora de música, ele diz:

Recomendo de muita boa vontade esta incansável professora [de música] às condescendentes e benignas leitoras das minhas obscuras ‘croniquetas’. A música é condição fundamental da educação feminina. Uma mulher que não sabe música é como um céu sem astros.⁶³

Na segunda parte daquela crônica, Eloy, o Herói, tece elogios às apresentações de música clássica que aconteceram no Clube Beethoven e lamenta o fato de o clube não aceitar a entrada do sexo feminino em seus salões. Após divagar sobre o concerto, o cronista conclui essa parte dizendo: “Antes de educar o espírito, convém educar os olhos e o ouvido. Sem boa música e bons quadros não há educação possível.”⁶⁴

A parte mais importante dessa crônica é aquela que anuncia que o ministro da agricultura autorizou o diretor geral dos correios a contratar mulheres para o serviço de repartição postal, que até então só admitia homens naquela função. Ele conta a notícia para suas leitoras da seguinte forma:

O Sr. Ministro da agricultura, que parece mais americano que qualquer dos seus ilustres predecessores, acaba de autorizar o diretor geral dos Correios a admitir mulheres no serviço das repartições postais. Era o caso da Estação, jornal de senhoras, deitar luminárias e queimar foguetes. O governo começa a perceber que as mulheres servem para mais alguma coisa que estar metidas todo santo dia em casa, a tratar dos

⁶³ A ESTAÇÃO, 15 de janeiro de 1886, XV ano, n. 01, p. 04.

⁶⁴ Idem, p. 04.

arranjos domésticos. Ainda bem. Já o telefono utilizou as mulheres; agora o correio; amanhã será o telegrafo; depois... quem sabe?⁶⁵

A notícia é dada com bastante entusiasmo e Eloy, o Herói, conversa com aquelas leitoras com o tom provocativo que foi se tornando característico da série. Com as passagens “ainda bem” e “quem sabe?” é possível perceber que o cronista incentiva o fato das mulheres estarem ampliando seu espaço no mercado de trabalho e acredita que por meio de etapas elas podem conquistar um espaço ainda maior.

Na sequência, a crônica de 31 de janeiro de 1886 traz uma análise interessante a respeito do que Eloy, o Herói, pensava sobre suas leitoras; ela é dividida em 6 partes e os assuntos predominantes são as eleições recentes e a política de forma geral. A crônica começa com a frase mais dita por esse narrador: “O assunto mais interessante da quinzena interessamediamente às leitoras: as eleições.”⁶⁶. Sobre as eleições para deputados, ele diz:

[...] O partido conservador venceu em toda linha, o que aliás, era fácil de adivinhar, porque o partido vencedor está no poder. Se em vez do conservador, estivesse o liberal, outro galo cantaria.

Ora, vejamos um exemplo entre vinte mil: Na situação passada o Sr. Taunay, um dos deputados mais úteis ao seu país, foi vergonhosamente derrotado por um Sr. Schutel, que ninguém conhece. Mudam-se os tempos, sobre o partido da ordem, e o mesmo Sr. Taunay derrota, não o Sr. Schutel, mas o Sr. Maciel, que era trunfo na situação liberal.

Depois destas e outras zangam-se porque os meus amigos Valentin Magalhães e Filinto de Almeida fazem da Opinião Pública nacional um ser híbrido e dorminhoco, que não é homem nem mulher, que não é carne nem peixe, que tão depressa está voltando para o norte como para o sul, dando vivas a gregos e troianos, abraçando escravocratas e abolicionistas, monarquistas e republicanos, nagôas e guayamús.

Bem sei que o triunfo completo do partido dominante é, em grande parte, devido às abstenções liberais, mas que poema (herói-cômico, já se sabe!) escreveria quem quisesse contar a curtíssima história de todas essas abstenções.⁶⁷

Ao conversar sobre política com as leitoras d’*A Estação*, Eloy, o Herói, deixa claro seu posicionamento, usa de muitas comparações e é bastante instigador. Aquele narrador faz questão de mostrar seu descontentamento com a política brasileira e defende uma mudança dos segmentos dos partidos, alegando que se, por exemplo, o partido liberal ganhasse as eleições, questões como a abolição da escravidão seriam resolvidas, entretanto, permanece o partido conservador, que não diz nem que sim, nem que não para

⁶⁵ Idem, p. 04.

⁶⁶ A ESTAÇÃO, 31 de janeiro de 1886, XV ano, n. 02, p. 10.

⁶⁷ A ESTAÇÃO, 31 de janeiro de 1886, XV ano, n. 02, p. 10.

a questão dos escravizados no Brasil. Mais à frente, Eloy, o Herói, continua com as provocações:

O povo ... Se o povo fosse eleitor, se tivesse o rendimento de 600 bagarotes e o diploma da Lei Saraiva, estávamos a estas horas seriamente zangados um com o outro. Mas não! Não foi o povo que arredou das urnas dois homens que todos os dias se esfalfam em proveito da liberdade dele. O povo é uma coisa, o eleitorado é outra.⁶⁸

Para o narrador, a situação do país se encontrava daquela forma graças, em parte, a lei Saraiva, que impedia que o eleitorado fosse de fato composto pelo povo, desconsiderando os pobres, os analfabetos, os negros, e incluía nessa categoria apenas os homens com boa condição financeira. A lei em questão também excluía o público feminino dessa categoria, mas a esse respeito nenhum comentário foi feito. Eloy, o Herói, fala da lei Saraiva sem dar maiores informações sobre o que ela significava, o que me faz levantar a hipótese de que o cronista acreditava que suas leitoras acompanhavam a situação política do país lendo jornais destinados ao grande público (aqueles que comentavam sobre a situação política do país diariamente) ou tinham alguma outra base para esclarecer determinados termos que apareciam nas suas crônicas.

A crônica de 15 de março de 1886, bem próxima das citadas acima, foi escrita em ritmo de carnaval: “Escrevo em pleno carnaval, ao som dos guizos e atabales da loucura, - por isso desculpem, minhas senhoras, se o meu artigo sair um tanto carnavalesco ...”⁶⁹. Todas as crônicas que eram próximas ao carnaval vinham em tom de festa e seus narradores chamavam toda a população para a rua. Essa era uma característica encontrada em todas as crônicas da década de 80 do século XIX no Brasil. Para os literatos daquela geração, havia o desejo de romper com a tradição romântica e eles encontravam nas festas de carnaval um caminho para despertar um sentimento nacional no povo; era uma oportunidade de criar algo particular à cultura brasileira.⁷⁰

A crônica em questão traz diversos assuntos aleatórios, mas a passagem mais relevante encontra-se em sua terceira parte, quando Eloy, o Herói, conta às suas leitoras sobre um caso na bolsa de valores e encerra o assunto falando que, sobre aquele tema, “o interesse da leitora será mediocremente despertado”⁷¹. Essa provocação por parte do

⁶⁸ A ESTAÇÃO, 31 de janeiro de 1886, XV ano, n. 02, p. 08.

⁶⁹ A ESTAÇÃO, 15 de março de 1886, XV ano, n. 05, p. 12.

⁷⁰ De acordo com: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004. 2ª Edição.

⁷¹ A ESTAÇÃO, 15 de março de 1886, XV ano, n. 05, p. 12.

cronista era bem recorrente na sua narrativa e ele gostava de enfatizar suas falas com o uso de advérbios, como por exemplo, “mediocremente” que é o que mais aparece naquelas crônicas. Como Eloy, o Herói, insistia em falar desses assuntos, posso supor que ele fazia disso uma provocação; sua seção dependia da boa aceitação das leitoras sobre aquele conteúdo, então se política e assuntos relacionados à economia apareciam quinzenalmente, é porque aquelas mulheres apreciavam. Na crônica de duas edições posteriores, a de 15 de abril de 1886, Eloy, o Herói, volta a falar sobre economia e diz, acredito que de forma irônica, o seguinte: “Mas meu Deus, onde vou eu? Bonito assunto, não há dúvida, para um jornal de senhoras! As minhas amáveis leitoras naturalmente não se interessam por questões de dinheiro; para isso lá estão os respectivos esposos.”⁷².

Na edição de 15 de maio de 1886, Eloy, o Herói, mostra um pensamento que até então escondia. A crônica é dividida em 6 partes: dessas 6, 3 falam sobre assuntos políticos, uma narra o caso de um desastre natural que aconteceu no Rio de Janeiro e outra notícia a morte de três figuras políticas, entretanto, em uma das partes, Eloy o Herói conta que duas mulheres foram mortas pelos próprios maridos naquela cidade, ele continua:

Ao que parece, a primeira dessas infelizes morreu inocente, vítima de um Sganarello maluco e alucinado; a segunda, a julgar pelo depoimento do assassino, era tão cínica, e tão depravada que não merecia as honras do punhal de Othelo. Deus as tenha na sua santa glória e inspire a todas as mulheres casadas o sentimento da honra e do dever.⁷³

O que Eloy, o Herói, relata naquela “Croniqueta” é uma relação servil entre marido e esposa. Normalmente, o narrador daquela série mostra pensamentos em defesa da igualdade entre homens e mulheres, no entanto, a citação acima deixa claro que, para ele, a mulher que não obedece e não honra seu casamento merece ser punida. Isso vale para lembrar que Eloy, o Herói, é um homem inserido no seu tempo e não está imune aos preconceitos dominantes da época.

Partindo para as publicações do ano seguinte, na crônica de 31 de março de 1887 é contada a história de Luiza Regadas, uma cantora talentosa que havia falecido. Eloy, o Herói, diz que a moça em questão costumava cantar em igrejas e teatros “mas era para a liberdade dos escravos que se mostrava sempre mais disposta.”⁷⁴. Ele ainda diz que mesmo com a saúde debilitada, aquela cantora fazia questão de se apresentar em matinês

⁷² A ESTAÇÃO, 15 de abril de 1886, XV ano, n. 07, p. 13.

⁷³ A ESTAÇÃO, 15 de maio de 1886, XV ano, n. 09, p. 11.

⁷⁴ A ESTAÇÃO, 31 de março de 1887, XVI ano, n. 06, p. 14.

abolicionistas e diz que “Luiza Regadas honrou o seu sexo.”⁷⁵ Aqui é importante perceber que para aquele cronista, os lugares de destaque que as mulheres deveriam ocupar eram os palcos, ou espaços relacionados à arte ou música. Para Eloy, o Herói, a arte era o que existia de mais importante no mundo e era inaceitável que suas leitoras não tivessem um conhecimento mínimo a esse respeito. Ele costumava exaltar mulheres que tinham inclinações para essas tarefas dizendo que elas honravam o seu sexo. Essa era uma ideia conservadora e geral daquela época; as artes privadas, como aulas de pintura e música, por exemplo, eram incentivadas e sinônimos de uma boa educação feminina no imaginário oitocentista, entretanto, até nessas instâncias eram negadas à mulher o ato de criar. As mulheres poderiam pintar retratos familiares, vasos de plantas, reproduzir músicas escritas por homens, apresentar-se em teatros ou igrejas, mas era só: “[...] a imagem e a música, linguagem são formas de criação do mundo. Principalmente a música, linguagem dos deuses. As mulheres são impróprias para isso. [...] As mulheres podem apenas copiar, traduzir, interpretar.”⁷⁶ Essas são chamadas tarefas decorativas que compunham um gênero secundário, o que cabia às mulheres que viveram no século XIX aqui no Brasil e em outros lugares do mundo.⁷⁷

Como já foi mencionado, Eloy, o Herói, criou o hábito de falar em suas crônicas que suas leitoras se interessavam de forma medíocre quando os assuntos em questão eram aqueles destinados, tradicionalmente, ao universo masculino. Na crônica de 15 de agosto de 1887, próxima à abolição da escravidão no Brasil, o narrador faz, mais uma vez, essa “brincadeira”, que prefiro encarar como provocação. A crônica em questão é dividida em 6 partes que falam sobre produções culturais e dão notícias sobre o estado de saúde de D. Pedro II. Logo na primeira parte é narrado um encontro em prol da causa abolicionista. Eloy, o Herói, diz que aquele assunto não desperta interesse no sexo feminino e, logo na parte seguinte, insiste em dizer que o interesse daquelas mulheres se encontrava nas artes. Ele diz:

⁷⁵ Idem, p. 14.

⁷⁶ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 101.

⁷⁷ Michelle Perrot afirma que, de acordo com o imaginário social oitocentista, as artes e a música deveriam ser ensinadas às mulheres apenas como forma de entretenimento. Elas não poderiam fazer dessas funções uma profissão nem tomar a liberdade de criar; elas podiam no máximo dar aulas particulares dessas disciplinas, e, no que cabe à pintura, podiam copiar quadros famosos ou produzir uma “arte menor”, como por exemplo, pintar vasos de flores. Não existia espaço para grandes artistas naquela época e a prova disso é que as escolas de artes, até o final do século XIX, não admitiam o ingresso de mulheres. Idem, p. 101.

Suas Exs. preferem, certamente, esperar pelo primeiro concerto especial do Club Beethoven, o qual já está anunciado, e se realizará no elegante salão ultimamente inaugurado no cais do Glória.

Vai afinal o belo sexo fluminense satisfazer uma curiosidade de cinco anos: entrar no Beethoven. Espero que as senhoras de uma vez por todas se convençam de que aquele é o clube mais inocente do mundo.⁷⁸

Essa crônica traz uma análise interessante que evidencia o caráter ambíguo de Arthur Azevedo, criador daquele personagem. Na primeira crônica analisada nesse item, a de 15 de janeiro de 1886, Eloy, o Herói, comenta justamente sobre a proibição das mulheres de frequentarem o Clube Beethoven. Para além dos benefícios que a arte traz à educação do “belo sexo”, é importante perceber como o narrador se refere a tal proibição e como se compadece com o sentimento feminino. Após tecer elogios ao salão, ele diz:

Bem sei que as leitoras da *Estação* antipatizam solenemente com o Beethoven. Compreendo e até respeito essa justa ojeriza. Eu, no caso de SS. EExs., não morreria de amores por um clube que cometesse a insigne grosseria de excluir o belo sexo dos seus salões, como se sem eles houvesse salões possíveis.

Mas a verdade deve dizer-se: o Beethoven tem prestado reais e valiosos à arte musical na nossa terra.⁷⁹

Ao longo da série “Croniqueta”, Eloy, o Herói, defende que as mulheres deveriam ter o direito de frequentar qualquer espaço artístico, especialmente o Clube Beethoven, que era o melhor salão da época. O Clube Beethoven foi fundado em 1882 pelo musicista Robert Jope Kinsman Benjamin, que queria oferecer à população masculina (que tivesse condição financeira razoável) do Rio de Janeiro a oportunidade de frequentar um salão que tocasse música de qualidade. As óperas ou cantos dramáticos que viraram febre no Brasil pós colonial, adquiriram um tom decadente no país: enquanto na Europa apreciar esse estilo significava poder aquisitivo e laços com a aristocracia, aqui essas apresentações correspondiam a eventos sociais que não davam a mínima para a estética dos cantos. Nas últimas décadas do século XIX, os concertos substituíram as apresentações musicais em teatros na Europa no que se refere ao bom gosto, dessa forma, o Clube Beethoven abriu suas portas seguindo esse novo estilo mais refinado, que dava foco para a própria musicalidade.⁸⁰

⁷⁸ A *ESTAÇÃO*, 15 de agosto de 1887, XVI ano, n. 15, p. 12.

⁷⁹ A *ESTAÇÃO*, 15 de janeiro de 1886, XV ano, n. 01, p. 10.

⁸⁰ Essa mudança na estética musical foi mais um dos segmentos que acompanham as transformações trazidas pelo processo civilizatório do país. De acordo com o texto “Entre a crítica e o deboche: a música nacional nas pautas da imprensa no Rio de Janeiro oitocentista (1882-1899)” de Avelino Romero Pereira presente na coletânea: ENGEL, Magali Gouveia; SOUZA, Flavia Fernandes de; GUERELLUS, Natália de Santanna (org.). *Os intelectuais e a imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2015. p. 111.

A propaganda que Eloy, o Herói, faz do clube procede e é por isso que ele faz tanto gosto de que as mulheres possam frequentar aquele espaço. Voltando para a crônica de 15 de agosto de 1887, ao dar a notícia de que finalmente as mulheres vão poder frequentar aqueles salão, a ambiguidade característica de Azevedo⁸¹ transpassa seu personagem. O narrador, que afirmou que as mulheres não se importavam com questões relacionadas aos “assuntos” masculinos, comemora a abertura das portas do clube para o sexo feminino, mostrando que ele não acreditava de verdade nessa falta de interesse delas por questões políticas e sociais, caso contrário não tocava no assunto.

Ainda nessa crônica, o narrador mostra, provavelmente sem esse propósito, o quanto forte era a dependência que aquelas mulheres mantinham em relação aos seus maridos e famílias (se fossem solteiras). Na parte em questão, Eloy, o Herói, faz a propaganda do lançamento de um livro de poesias escrito por Raymundo Corrêa e sugere a leitura dizendo: “[...] peçam aos seus esposos, aos seus pais ou a seus irmãos um volume dos *Versos e versões* de Raymundo Corrêa [...]”⁸², evidenciando que aquelas mulheres não tinham qualquer independência financeira e dependiam da figura masculina para adquirir um livro que fosse.

Eloy, o Herói, fez questão de salientar que a abolição da escravidão não era um dos assuntos que interessavam as mulheres que liam *A Estação*, entretanto, além do criador daquele personagem ser abolicionista declarado e lutar em prol da causa, existem diversas “Croniquetas” que mostram verdadeiras propagandas em defesa da liberdade dos escravizados no Brasil. É o caso da crônica que aparece na edição de 31 de outubro de 1887, onde o descontentamento com a política vigente, a impaciência com a inércia do governo a respeito da situação dos escravizados no país, ficam claros:

Ainda a Câmara dos Deputados não tinha voltado a si do atordoamento em que a deixou a carta do bis-ministro, e as portas da Cadeia Velha fechavam-se por este ano.

A momentosa e ponderosa questão do elemento servil, que tem causado uma extraordinária agitação em todo o país, não mereceu a menor referência na Fala do Trono. Esquecimento ... quem sabe?

No mesmo dia em que essa omissão surpreendia o povo, cento e cinquenta escravos fugiam de uma fazenda de Capivary, em São Paulo, e, perseguidos pela polícia, aprisionavam os soldados, e surravam-nos, depois de os despir e amarrar aos troncos das árvores.

Sempre que se fala desta questão, eu lembro-me que toda a gente tem, pouco mais ou menos, se pronunciado a respeito. Apenas a parte mais

⁸¹ Para mais informações sobre a personalidade de Arthur Azevedo ver item 1 do capítulo 3.

⁸² A ESTAÇÃO, 15 de agosto de 1887, XVI ano, n. 15, p. 12.

interessada continua a mostrar-se neutra, e não tem sido até hoje nem carne nem peixe.

Acerca do estado servil todos nós sabemos o que pensam o Parlamento, o Jornalismo, as Associações, as Academias, etc; mas ninguém sabe o que pensa o escravo, que até agora não disse que sim nem que não ...

O caso de Capivary não será um prenúncio de tempestade? A mim sobressalta-me que, enquanto se discute a liberdade do escravo, o escravo se deixa ficar de braços cruzados ... se é que ele tem licença para cruzar os braços.

Quanto a Fala do Trono, o Governo, achou talvez inconveniente a discussão de semelhante assunto.

Paciência.⁸³

A crônica em questão, foi dividida em 3 partes, as demais falavam sobre assuntos diversos, tentando trazer de volta a narrativa o tom ameno característico do gênero. Partindo para outro número, a publicação de 15 de novembro de 1887 contribui para mostrar a forma como Eloy, o Herói, conversava com suas leitoras quando o assunto era a escravidão e mostra mais uma vez a forte influência que o mesmo exercia naquelas mulheres quando se tratava dessa temática. É uma crônica razoavelmente longa, dividida em 11 partes que noticiavam em sua maioria a morte de diversas figuras ilustres da época. Na quinta parte é contada a morte de um importante conselheiro, que deixou um legado notável de trabalhos escritos, mas que não contribuiu de forma eficiente na política. Ao contar esse caso, o cronista mostra em sua escrita outra característica inferida por ele próprio às suas crônicas, o que ele costumava chamar de obscuridade; isso fica claro quando ele diz: “Quando um dia, na Câmara, lhe atiraram à face o seu passado de republicano, ele sorriu e disse: “- Sonhos da mocidade ...” Esse sorriso e essa frase caracterizam bem a nossa época.”⁸⁴.

Apesar de noticiar tantas notas de falecimento em uma edição só, na nona parte daquela crônica, o narrador diz que prefere os assuntos tristes aos vergonhosos e conversa com suas leitoras sobre um assunto sério, mantendo a maneira jocosa. Ele fala:

Prefiro os assuntos tristes aos vergonhosos, embora nestes possa encontrar margem mais ampla para dar largas em humorismo, que nunca deve abandonar um fazedor de crônicas.

Por isso, embora enchesse meu artigo de defuntos celebres, não ocuparei a atenção da formosa leitora com as correrias escravocratas, os assaltos de tipografias, o diabo a quatro, que tem havido em terras de Malvino Reis.

O bonito é que essas correrias tem sido em parte dirigidas por um capitão de polícia, - de polícia e de talento -, que é autor da peça *A lei de 28 de Setembro*, drama vibrante de patriótica indignação contra os mercadores

⁸³ A ESTAÇÃO, 31 de outubro de 1887, XVI ano, n. 20, p. 03.

⁸⁴ A ESTAÇÃO, 15 de novembro de 1887, XVI ano, n. 21, p. 13.

de carne humana! O abolicionismo será um *sonho da mocidade* d'este dramaturgo agaload?⁸⁵

Ainda nessa edição, o narrador conta que uma talentosa atriz chamada Aimée, responsável por consagrar o gênero teatral opereta no Brasil, havia falecido. Ele fala:

As famílias fluminenses falam ainda com terror da pobre Aimée. Muita gente está persuadida de que ela andou por aqui a comer a fortuna e a transtornar a cabeça aos homens. Mas nem o caráter da mulher, nem a vida trabalhosa da atriz lhe deixariam praticar as ignomírias que lhe atribuem. Ela representava todas as noites, ensaiava todos os dias e muitas vezes ainda depois do espetáculo. Era uma heroína do trabalho.⁸⁶

Conforme afirmou Michelle Perrot em *Minha história das mulheres*, ainda no século XIX os espaços públicos que eram aceitáveis para as mulheres ocuparem, principalmente quando o assunto era trabalho, encontravam-se nos palcos ou produzindo artes menores. Eloy, o Herói, foi um personagem que compadecia com esse pensamento e costumava exaltar mulheres que eram artistas. Admitir mulheres nessas funções eram passos muito vagarosos na caminhada para a “emancipação do sexo feminino”⁸⁷, no entanto, o narrador das “Croniquetas” fazia questão de não só exaltar as artes como também as mulheres artistas.

Se Eloy, o Herói, se mostrou confuso e ambíguo quando o assunto era a “emancipação feminina”, a “Croniqueta” de 15 de janeiro de 1888 traz algumas respostas quanto a seu posicionamento. Nela, o narrador faz um discurso em defesa dos direitos para as mulheres e, independente das ambiguidades possíveis, faz uma verdadeira campanha em defesa da causa. A crônica é dividida em 4 partes que falam sobre o universo feminino e a libertação de um grupo de escravizados, mas a parte que interessa é quando o narrador conta que foi inaugurado um bar na cidade do Rio de Janeiro e que naquele estabelecimento contratava-se mulheres para trabalharem como garçonete. A esse respeito, ele diz:

Já que me referi às *Notas à margem*, recomendo com muito empenho às leitoras algumas considerações que lá vem a propósito da sua necessidade de se empregarem as mulheres em ocupações entre nós exercidas exclusivamente por indivíduos do belo sexo masculino. Os marmanjos apoderaram-se despoticamente de todos os lugares. Usurpadores do trabalho e do salário, não deixam às mulheres o direito de fazer alguma coisa. Nesse sentido é urgente uma reforma nos nossos costumes: é preciso que a mulher viva também à sua custa, independentemente da

⁸⁵ Idem, p. 13.

⁸⁶ Idem, p. 13.

⁸⁷ Esse era o termo que Eloy, o Herói, costumava usar para falar sobre a autonomia das mulheres.

costura ou de quaisquer meios desonestos a que a exponham dificuldades de subsistências.

Essas considerações foram provocadas ao meu distinto colega pela inauguração de um botequim servido por moças.

Nesse fato, que por enquanto tem unicamente servido de pasto à curiosidade de numerosos basbaques, descobre o autor de *Notas à margem* um princípio de reforma, que não é certamente para desprezar. O novo botequim não faz uma revolução nos costumes, mas estou certo que, pelo menos, produziu certo movimento. A apostar como em já a estas horas novos botequineiros pretendem contratar pessoal feminino, muito mais atraente e delicado que o outro; a apostar em como muita moça sem recursos deseja a estas horas empregar-se no serviço de um café! ...

A propósito, lembra-me que aqui há tempos o Ministério de Agricultura autorizou a diretoria do *Correio* a engajar mulheres para o serviço da distribuição da correspondência. Não me consta que tenha sido aproveitada essa autorização. Pois, meus caros senhores, em toda a parte do mundo é a mulher que dá as cartas.⁸⁸

Na última parte da crônica, Eloy, o Herói, volta para as provocações habituais que costumava fazer às suas leitoras. Ele encerra a narrativa falando que na crônica em questão deixou de comentar sobre as últimas festas, bailes, concertos, entre outros assuntos que deveriam ser do interesse daquelas leitoras, para falar sobre conquistas de direitos e abolição da escravidão, que eram assuntos aquém dos interesses daquele público. A insistência em falar de tais temáticas junto com a instigação feita na parte final deixa claro que aquele narrador acredita que parte das suas leitoras se interessavam por tais questões, ele encerra: “Eu quando digo ao Sr. Lombaerts que sou o escritor menos competente para um jornal de senhoras ... Ah! O *Souvenir* aqui!”⁸⁹.

É possível perceber nas edições das “Croniquetas” publicadas no início de 1888, que Eloy, o Herói, restringe seus assuntos ao mundo das artes e a fazer propagandas de concertos e exposições de artes na corte; as crônicas são mais curtas e em alguns números d’*A Estação* a seção não é publicada. Isso podia ser devido as outras duas colunas que Arthur Azevedo mantinha naquela revista, como a seção de teatros e seus contos que começaram a ser publicados naquele ano, deixando o literato atarefado. Entretanto, mesmo nessas crônicas mais superficiais é possível encontrar o descontentamento de Eloy, o Herói, com situações excludentes em relação ao sexo feminino. Como exemplo disso, trago a seguinte passagem da crônica publicada em 15 de março de 1888: “Fundou-se agora um novo clube carnavalesco, intitulado Boêmios, formado exclusivamente por

⁸⁸ *A ESTAÇÃO*, 15 de janeiro de 1888, XVII ano, n. 01, p. 13.

⁸⁹ *Idem*, p. 13.

distintos cavalheiros. Queira Deus que não adote tão reprovado costume.”⁹⁰ A “Croniqueta” em questão foi dividida em 7 pequenas partes dedicadas a falar sobre apresentações de canto e a dar notícias sobre o que aconteceu no carnaval carioca.

Com a abolição da escravidão emergente no Brasil, a discussão a esse respeito no parlamento e na imprensa brasileira deveria estar em seu auge nos primeiros meses de 1888. Na “Croniqueta” de 31 de março daquele ano, Eloy, o Herói, além de dar notícias sobre o movimento às suas leitoras, deixa em evidência o papel da imprensa naquele momento. A crônica é dividida em 6 partes pequenas e logo no início é falado sobre os diferentes posicionamentos políticos dos principais jornais da época e na segunda parte ele continua:

O Sr. João Alfredo ainda não disse ao que veio, nem poderá dizê-lo antes da abertura do Parlamento; por isso, tanto o apoio como a oposição da imprensa me parecem extemporâneos e precipitados.

É verdade que o discurso abolicionista pronunciado há meses na câmara vitalícia pelo ilustre senador pernambucano, e o fato de ter sido chamado para o ministério o Sr. Antônio Prado, constituem um quase programa ... A imprensa faz obra por indução, guiada simplesmente pelos fatos que precederam à formação do gabinete: mas a lógica dos fatos nem sempre é infalível.

Não nos esqueçamos que o Sr. Cotelipe, que se opôs com unhas e dentes a marcha triunfal da ideia abolicionista, havia declarado, *inter pocula*, que o partido conservador devia, queria e podia decretar a emancipação

...

Entretanto, é de crer que essa fase seja o lema do novo ministério. O ex-presidente do conselho arranjou divisa para o seu sucessor.⁹¹

Nas partes seguintes Eloy, o Herói, afirma que seu posicionamento político já é de conhecimento daquelas leitoras e mais uma vez pede desculpas por trazer uma crônica que o assunto predominante fosse esse. Ele diz: “Bem sei que estes assuntos não agradam as leitoras; mas que hei de eu fazer, não me dirão? Durante a quinzena só se falou em política, e eu não posso colher assunto onde os não há.”⁹²

A crônica de 30 de abril de 1888 pauta nessas mesmas questões. Nela, Eloy, o Herói, começa dizendo:

A leitora não me perdoaria se eu fizesse do principal assunto da quinzena o assunto principal da cronieta. Não sei, mesmo, se me perdoará esta ligeira referência ao empréstimo levantado em Londres pelo Governo brasileiro.

⁹⁰ A ESTAÇÃO, 15 de março de 1888, XVII ano, n. 05, p. 12.

⁹¹ A ESTAÇÃO, 31 de março de 1888, XVII ano, n. 06, p. 11.

⁹² Idem, p. 11.

- Que tenho eu com isso? Dirá a leitora, e dirá muito bem. Falemos de coisas frívolas e alegres.⁹³

Realmente Eloy, o Herói, parte para assuntos amenos e transmite notícias da mais recente corrida de cavalos que aconteceu no Jockey-Club, mas logo nas partes seguintes o cronista dedica sua fala à eleição eminentemente para deputado na corte. A crônica foi dividida em 5 partes e em sua maioria Eloy, o Herói, conversa sobre a tal eleição. O tom que o narrador usa com suas leitoras é o mesmo encontrado nos jornais cujo público é em sua maioria do sexo masculino e ao falar da candidatura de um deputado que recebia forte apoio da Confederação Abolicionista a eminência da abolição fica evidente: “[...] Nesta eleição os únicos votantes que com certa lógica podem deixar-se ficar em casa são os escravistas, se é que ainda os há.”⁹⁴.

A crônica publicada no dia 15 de maio de 1888, dois dias após a promulgação da Lei Áurea no Brasil, ainda não traz essa notícia, pois o caderno foi impresso dias antes, entretanto, traz notícias importantíssimas sobre os rumos da escravidão no país e traz fragmentos da fala que a Princesa Isabel teceu na abertura da terceira sessão da 20º legislatura da assembleia geral realizada no dia 3 de maio daquele ano. O cronista conta:

O fato mais importante da quinzena foi a abertura do Parlamento e a festa que se lhe seguiu.

Sua Alteza a Princesa Imperial Regente deve ter gravado na memória o dia 3 de maio de 1888 como o dia mais feliz da sua vida. A ovação que lhe fez o povo foi muito significativa, e eu sinto que o *Diário de Notícias*, com uma proclamação espetacular, tirasse a essa manifestação popular o seu caráter de espontaneidade.

A Fala do Trono alvoroçou todos os corações. Deixai que eu registre nestas páginas, percorridas por tão formosos olhos, o seguinte trecho, que deverá ser inscrito em letras de ouro numa coluna de pórfiro:

“A extinção do elemento servil, pelo influxo do sentimento nacional e das liberalidades particulares, em honra do Brasil adiantou-se pacificamente de tal modo, que é hoje aspiração aclamada por todas as classes, com admiráveis exemplos de abnegação da parte dos proprietários.

Quando o próprio interesse privado vem espontaneamente colaborar para que o Brasil se desfaça da infeliz herança, que as necessidades da lavoura haviam mantido, confio que não hesitareis em apagar do direito pátrio a única exceção que nele figura em antagonismo com o espírito cristão e liberal nas nossas instituições.”

*

Ainda haverá deputado bastante corajoso para defender a escravidão, e assisti-la nos seus últimos arrancos?

É possível.

⁹³ A ESTAÇÃO, 30 de abril de 1888, XVII ano, n. 08, p. 10.

⁹⁴ Idem, p. 11.

Mas vejam lá, meus senhores; ainda estão em tempo de bater nos peitos e murmurar o *Peccavi*, que indultou o Sr. Moreira de Barros; só assim poderão evitar uma nota aviltante na nossa história; só assim poderão toda a odiosidade das suas ideias.

Eu desejava ver todos os brasileiros ligados para erguer aos céus um *Hosanna* uníssono, sem que uma única voz – nem mesmo a do Sr. Andrade Figueira – destoasse do conceito geral.

Nestes dias de tanto jubilo para a pátria livre deviam calar-se todos os ódios, todas as prevenções, todos os interesses mesquinhos.

A gente empobrece sem os escravos? Pois que empobreça! Deve ser consoladora a miséria nos braços da liberdade.⁹⁵

A crônica foi dividida em 5 partes e nas demais Eloy, o Herói, se dedicou a contar às suas leitoras sobre a publicação de uma revista chamada *Escândalos*, editada por Valentim Magalhães e Lucio de Mendonça que prometia contar a seu público todos os escândalos por detrás da política brasileira. Depois o cronista fala sobre uma corrida de cavalos, que ele acreditava ser um dos assuntos favoritos daquelas leitoras e, por último, noticia a morte de uma brasileira importante no mundo da moda.

Finalmente, na crônica de 31 de maio de 1888, Eloy, o Herói, pôde noticiar aquilo pelo que ele mais lutava. Ela foi dividida em 4 partes e todas foram dedicadas a falar sobre as comemorações que se estenderam no país durante 7 dias. Ele começa a narrativa da seguinte forma:

Depois da minha última croniqa produziu-se o fato mais importante de nossa vida social: foi declarada extinta a escravidão no Brasil.

Houve três dias que valeram por três séculos: está data – 13 de maio – vai figurar na nossa história com eternas irradiações.

Folgo de lembrar neste periódico de senhoras, que foi a mão de uma senhora que assinou a suspirada Lei, ao mesmo tempo libertando o escravo do cativeiro, e a nós outros, que nascemos livres, da inaudita vergonha de ter escravos. Honra e glória à princesa D. Isabel! Que o seu nome simpático seja transmitido à mais remota posteridade, envolvido nas bênçãos das mães dos oprimidos e dos escravizados! Que a História faça das suas páginas um sacrário que o guarde e um documento sublime que o santifique eternamente!

Virentes palmas e imarcescíveis coroas reserve o futuro para quantos colaboraram na grande obra do arrasamento dessa negra Bastilha – a Escravidão –, em cujas masmorras se achavam presos e manietados os brios deste vasto Império! À frente desses heróis invencíveis, que para a vitória tanto trabalho deram a cabeça como ao coração, conserve a História o nome glorioso de José do Patrocínio, o mais brilhante, o mais aparelhado, o mais lógico, o mais simpático e o mais popular dos apóstolos do abolicionismo!

E a minha glória consistirá na deliciosa contemplação da glória alheia.⁹⁶

⁹⁵ A *ESTAÇÃO*, 15 de maio de 1888, XVII ano, n. 09, p. 11.

⁹⁶ A *ESTAÇÃO*, 31 de maio de 1888, XVII ano, n. 10, p. 12.

Eloy, o Herói, assim como seu criador, Arthur Azevedo, sempre mostrou uma posição condenável à escravidão. A crônica acima foi escrita no dia 21 de maio de 1888 e é impossível não perceber a animação e o alívio do seu escritor ao transmitir aquela notícia e isso fica mais evidente na sua fala que tece diversos elogios aos principais responsáveis pelo ato: a Princesa Isabel e a José do Patrocínio. O cronista também não deixa passar despercebido o fato de ter sido uma mulher a assinar a lei que extinguia a escravidão no país. Naquela série, era bem comum encontrar Eloy, o Herói, chamando a atenção das suas leitoras para mulheres “notáveis”, sendo essa uma forma encontrada pelo cronista de mostrar a força do sexo feminino para as mulheres que liam *A Estação*. Aqui, no caso da Princesa Isabel, o narrador relaciona a assinatura da Lei Áurea ao lado maternal da princesa, qualidade que, tradicionalmente, toda mulher possuía de maneira quase instintiva.

Ainda nessa crônica, o narrador também credita o acontecimento à imprensa brasileira, que de fato foi a maior responsável em divulgar a propaganda abolicionista. Ele diz:

As festas da Imprensa Fluminense, projetadas, discutidas e realizadas em sete dias apenas, jamais sairão da memória do povo. Nunca a alma popular vibrou com tanta intensidade; nunca a imprensa mostrara tão evidentemente que nada sobrepuja a sua força, desde que a sua força seja dignamente empregada.

A missa campal de São Cristóvão, as corridas, as regatas, os espetáculos gratuitos, os bailes públicos, os fogos de artifício, o presto das escolas, e, sobretudo, essa inolvidável procissão cívica de domingo, - tudo esteve digno do sagrado objeto da comemoração.

O povo fluminense mostrou que sabe ser um grande povo. Nenhum distúrbio sério perturbou as festas. Dir-se-ia que a Lei de 13 de Maio, acabando com os escravos, acabara igualmente com os desordeiros.

Permita a leitora, que pela primeira vez, me desvaneça de pertencer também, embora obscuramente, à poderosa falange da nossa Imprensa.⁹⁷

Nas crônicas seguintes, os assuntos políticos ganham um tom mais sério e se tornam mais recorrentes. Nas “Croniquetas” de 15 e 31 de julho de 1888 o assunto em destaque são as indenizações que os senhores de escravos estavam exigindo do governo já que, para alguns, eles foram lesados financeiramente por perderem mão-de-obra. Para Eloy, o Herói, este é um pedido absurdo, já que durante todo o processo de escravidão e abolição as únicas vítimas foram os escravizados. Ele traz a notícia para as senhoras d’*A Estação* da seguinte forma:

⁹⁷ Idem, p. 12.

Não conseguiu o governo tapar a boca das vítimas da abolição com o projeto de criação de bancos regionais.

A indenização continua sendo o estribilho do coro dos despeitados. “Indenização ou República!” exclamam eles, como se a república pudesse nascer de uma questão de interesses pecuniários.

Deixá-los, mesmo porque as leitoras pouco aprazem estes assuntos políticos, embora a política só neles figure incidentalmente.⁹⁸

Sobre o assunto, na crônica da quinzena seguinte o narrador complementa:

O projeto de indenização, apresentado pelo Sr. de Cotelipe, caiu redondamente no Senado, e – oh! Caso raro e digno de memória! – a Confederação Abolicionista não fez *matinée* a propósito desse fato, que representa ainda uma vitória da grande ideia.

Seria lógico o deputado ou senador que se lembrasse agora de propor que os ex-senhores fossem obrigados por lei a indenizar os escravizados de ontem ...⁹⁹

Mesmo voltando a insistir que aquele assunto não era de interesse das suas leitoras, o narrador continuou conversando com elas a esse respeito e a forma que Eloy, o Herói, transmite a notícia é bem similar aos noticiários dos jornais de grande circulação. Os assuntos restantes dessa última crônica falavam sobre o aniversário da República Argentina (o narrador conta que houve comemorações aqui no Brasil e que a situação entre os dois países agora era de amizade, já que após a abolição da escravidão os ânimos dos países vizinhos em relação ao Brasil melhoraram significativamente), o também aniversário da queda da Bastilha – que completara naquele momento 99 anos – e o assassinato de dois políticos que acompanhou um comentário bem crítico daquele cronista: “A política brasileira, quando não mata, aleija. Na nossa terra, se um pobre diabo embrarra em não ser da opinião dos outros, pode contar que a desgraça terá que persegui-lo por toda a parte, e de todos os lados verá assestada contra si a garrucha do comendador.”¹⁰⁰. Entretanto, na última parte daquela crônica, Eloy, o Herói, diz que deixará aqueles assuntos de lado e convida suas leitoras a irem a uma exposição de arte.

Na crônica de 15 de agosto de 1888, o assunto que mais me chama a atenção foge das conversas políticas que fervilhavam as últimas “Croniquetas”. Eloy, o Herói, começa a sua narrativa contando sobre um assassinato: um homem traído, para honrar seu nome, matou o amante da sua esposa. Naquele período, era bastante comum encontrar notícias sobre os tais “crimes de honra” e nas narrativas o homem traído costumava ser colocado

⁹⁸ A ESTAÇÃO, 15 de julho de 1888, XVII ano, n. 13, p. 10.

⁹⁹ A ESTAÇÃO, 31 de julho de 1888, XVII ano, n. 14, p. 10.

¹⁰⁰ Idem, p. 10.

como vítima. Nesse assunto, a fala de Eloy, o Herói, é tradicionalista, entretanto, neste caso, o narrador mostrou-se menos severo à causa feminina falando que naquela história todos os envolvidos eram sujos e não mereciam “um dedal de tinta”. Depois de contar como o crime aconteceu, ele diz:

O povo pronunciou-se em favor do assassino, e vaiou e apedrejou a adultera, como se fazia no tempo em que Nosso Senhor Jesus Cristo andou cá por baixo. Não comprehendo esse procedimento do povo. Sillos, tendo, aliás, a atenuante de ser perseguido pelo amante da sua mulher, está longe de parecer um desses heróis diante dos quais a sociedade é obrigada a curvar-se, e ela, Maria das Dores, é uma pobre estúpida, sem educação, sem responsabilidade, sem imputabilidade, sem senso moral. Que diabo! O povo, se quiser ser lógico, tem que apedrejar a muita gente ...¹⁰¹

A crônica em questão foi dividida em 6 partes; a primeira que contava a história da traição ocupou um espaço maior comparado as outras partes, que só noticiavam passeios feitos nos centros cariocas por figuras importantes da corte. A partir dessa crônica, é possível ver Eloy, o Herói, tentando fazer de pequenos acontecimentos, às vezes nada interessantes, notícias das suas “Croniquetas”. Ele demonstrava esforço ao tentar fugir da temática política, mas na edição da folha de 31 de outubro ele diz: “Fora da política não há nada, absolutamente nada com que entreter as leitoras, a não ser uma infinidade de raptos e outras cenas escandalosas, mas pouco interessantes.”¹⁰². Nas demais partes, o narrador volta a contar sobre as exigidas indenizações para aqueles que tinham escravos como propriedade. Ele conta que o assunto voltou a ser discutido pelo então senador, e completa:

[...] Nas atuais circunstâncias políticas não pode haver ideia mais odiosa do que esta da indenização; mas durante o ilustre bate-boca o que mais impressão causou foi o silencio profundo dos liberais, enquanto o Sr. Lafayette falava da ruína do país, causada pela lei de 13 de maio ...
Tenho um dedinho político que me está dizendo que a indenização deve ser feita mais cedo ou mais tarde ... pelos liberais. Não será um ato de liberalismo, mas será um ato de liberalidade. Está dentro do programa.¹⁰³

De fato essa reivindicação dos antigos proprietários de escravos não foi para frente. Para aqueles que defendiam a abolição, essa era uma exigência sem cabimento e suas vozes tiveram força. Desde a Lei do Ventre Livre de 1871, que propunha um fim gradual ao sistema escravocrata brasileiro, é possível perceber por parte do governo certa

¹⁰¹ A ESTAÇÃO, 15 de agosto de 1888, XVII ano, n. 15, p. 13.

¹⁰² A ESTAÇÃO, 31 de outubro de 1888, XVII ano, n. 20, p. 11.

¹⁰³ Idem, p.12.

simpatia à situação que os grandes fazendeiros ficariam e em diversos artigos da lei de 1871, – como por exemplo, o artigo 4º que conferia ao escravo o direito a pagar por sua alforria (valor que era estipulado por seus senhores ou por um juiz) – fica evidente que a liberdade do ser escravizado ainda poderia ser manipulada pelos seus senhores.¹⁰⁴ Na fala de Sidney Chalhoub, o historiador tira das mãos dos políticos e outros a responsabilidade pelo fim da escravidão, atribuindo o mérito aos reais protagonistas da luta. Ele fala:

A reivindicação de indenização pela propriedade escrava em qualquer passo do governo em direção à emancipação de escravos consistiu em óbice sério à adoção de medidas a respeito do assunto até a Abolição, que veio porque tinha que vir, já que os escravos no verão de 1887/1888 tomaram o assunto nas próprias mãos e abandonaram em massa as fazendas de café. No entanto, talvez seja verdade que a monarquia caiu em 1889, entre outros motivos, porque os cafeicultores se mostraram inconformados com o fato de a lei de Abolição não ter contemplado a indenização dos proprietários pela libertação dos escravos.

A ideia de que a lei da Abolição tenha incorrido em confisco de propriedade escrava é curiosa, em vista da continuada diligência do governo imperial em ignorar o direito à liberdade de centenas de milhares de africanos, e de seus descendentes, escravizados à revelia da lei de 7 de novembro de 1831. Quando o assunto aflorava, era um corre-corre para silenciar os recalcitrantes.¹⁰⁵

Chalhoub atribuiu também à queda do sistema monárquico a insatisfação daqueles fazendeiros. O autor reconhece que houveram outros motivos e que, em 1888, o Império já estava em crise, entretanto, a falta de apoio daquele grupo de fazendeiros fizera com que o sistema enfraquecesse ainda mais. Em 15 de dezembro de 1888, Eloy, o Herói, traz notícias a esse respeito: “Chegou o simpático Lopes Trovão, arrancado aos belos boulevards parisienses para auxiliar o serviço de propaganda republicana, e ia já causando uma quase revolta na Escola Militar.”¹⁰⁶ A República estava por vir.

Para Eloy, o Herói, a instauração de uma república não era um de seus maiores desejos, ele afirma que: “[...] Uma vez que não temos um bom ditador que em três tempos endireitasse isto, qualquer governo me serve, contanto que seja feito por homens hábeis e honestos.”¹⁰⁷ O cronista sempre se mostrou descrente quanto a política vigente no

¹⁰⁴ Discussões presentes em: CARVALHO, José Murilo de (org.). *A construção nacional: 1830-1889*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

¹⁰⁵ CHALHOUB, Sidney. “População e sociedade”. In: CARVALHO, José Murilo de (org.). *A construção nacional: 1830-1889*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 75.

¹⁰⁶ A ESTAÇÃO, 15 de novembro de 1888, XVII ano, n. 21, p. 12.

¹⁰⁷ Idem, p. 12.

Brasil, fosse ela qual fosse, no entanto, sempre pediu por políticos mais competentes e direitos.

Durante as “Croniquetas”, o narrador não deixa de tocar no assunto da república eminente, mas também não esquece de falar sobre a condição feminina naquela sociedade. Na edição de 31 de dezembro de 1888, Eloy, o Herói, volta a discursar em favor das mulheres. Ele fala:

O fato a que aluído é o doutoramento da primeira brasileira que se formou em medicina, a Exma. Sra. D. Ermelinda Lopes de Vasconcellos.

A doutora foi aprovada com distinção na defesa da tese, e o mesmo grão de aprovação obteve em todos os anos e clínicas. Bravo!

É caso para dar parabéns às senhoras fluminenses, e enxergar nesse fato, extraordinário em nosso país, um passo dado para a emancipação do sexo que dizem fraco e é inquestionavelmente o mais forte.

Muito hei de estimar que o exemplo desta senhora notável seja seguido por outras, e dentro em alguns anos vejamos a nossa classe médica enriquecida por algumas doutoras, tão necessárias ao tratamento das pessoas do seu sexo.

Não se comprehende que, havendo na sociedade tantas senhoras inteligentes, que se podem aplicar ao estudo da vasta ciência do Hypocrates, sejam as doentes obrigadas a vencer os últimos escrúpulos para confiar a marmanjos os mistérios mais indizíveis do seu corpo.

O famoso “segredo profissional”, tão discutido e tão respeitado, não basta muitas vezes para que se vençam esses escrúpulos, e muitas senhoras tem sucumbido à falta de médicas, a quem se possam mostrar confiadamente sem ofender o melindre do seu pudor.

A Exma. Sra. D. Ermelinda deve a princípio sofrer os efeitos do nosso espírito rotineiro e desta estúpida crença de que as mulheres se inventaram exclusivamente para os trabalhos domésticos; mas dia virá em que a nossa ilustre patrícia será gloriosamente reconhecida o chefe de uma legião sagrada.

No Rio de Janeiro, onde se fazem manifestações a propósito de tudo, as senhoras brasileiras deviam manifestar à nova doutora a sua adesão e o seu reconhecimento.¹⁰⁸

Nesse momento, Eloy, o Herói, tece uma narrativa que contribui bastante nas falas sobre a “emancipação do sexo feminino”. O discurso chama a atenção das leitoras e leitores dizendo que as mulheres servem para outras atividades que não sejam os serviços domésticos e que, ao contrário do que alguns pensam, o sexo feminino não é frágil. Numa crônica mais à frente, a de 15 de julho de 1889, o cronista volta a falar desse assunto fazendo mais elogios à doutora e mostrando a importância do ocorrido: “[...] pela vitória brilhante que a doutora Ermelinda alcançara contra o preconceito do sexo, ainda mais terrível que o de raça; de reconhecimento, porque essa vitória era um grande passo no

¹⁰⁸ A ESTAÇÃO, 31 de dezembro de 1888, XVII ano, n. 24, p. 10.

caminho da emancipação da mulher brasileira.”¹⁰⁹ Para aquele narrador, o que falta para as mulheres são oportunidades, sejam de estudo ou de um lugar no mercado de trabalho.

Logo na primeira crônica do ano de 1889, Eloy, o Herói, conta para as suas leitoras que nas ruas estão sendo feitas diversas manifestações favoráveis a república, no entanto, os assuntos mais comentados são: o surto da febre amarela na cidade do Rio de Janeiro e o forte calor. Nas primeiras edições das crônicas daquele ano são noticiados diversas mortes decorrentes da febre e os rumos que o Império estava tomando ganham segundo plano. É na “Croniqueta” do dia 31 de maio de 1889 que o narrador volta a falar do assunto mais aguardado, mas ele decepciona ao dizer simplesmente que a insatisfação com o sistema imperial continua. Lembrando que as crônicas são escritas e impressas alguns dias antes do datado, é nesse dia que o narrador traz notícias do primeiro aniversário da Abolição. Ele diz:

A lei de 13 de Maio foi muito festejada no seu primeiro aniversário, mas não houve o entusiasmo que se esperava. Pelo contrário.

Foi isso devido, sem dúvida, aos aterradores boatos espalhados pelos inimigos do Governo. Falava-se numa revolução, numa espécie de Saint Barthélemy, que mais tarde seria conhecida na história do nosso país pelo “massacre dos republicanos”. Muita gente não se atreveu a sair à rua, com medo da Guarda Negra.

A chuva, por seu lado, arrefeceu o entusiasmo.

Foi pena. O 13 de Maio merecia uma comemoração estrondosa. Esse é o dia maior da nossa pátria.¹¹⁰

A data da proclamação da república está próxima e Eloy, o Herói, não demonstra nenhuma simpatia a causa, diferente do que acontecia quando seu texto falava sobre a abolição da escravidão no país. Na crônica de 15 de junho, é possível perceber sua animosidade com o assunto, além de mostrar que aquele narrador entendia que suas leitoras liam outros jornais que traziam notícias sobre o que acontecia na política brasileira, uma vez que o próprio não dava mais informações para aquelas leitoras compreenderem sobre o que ele estava falando. Ele fala:

Que a república “cresceu e apareceu”, não há a menor dúvida: que o diga a eleição senatorial de Minas; o que, porém, não me parece provável, é que a façam os *chefes* atuais, que mostram diante dela a mesma atitude de um grupo de crianças diante de uma bandeja de doces ...¹¹¹

¹⁰⁹ A ESTAÇÃO, 15 de julho de 1889, XVIII ano, n. 13, p. 12.

¹¹⁰ A ESTAÇÃO, 31 de maio de 1889, XVIII ano, n. 10, p. 11.

¹¹¹ A ESTAÇÃO, 15 de junho de 1889, XVIII ano, n. 11, p. 12.

A “Croniqueta” de 30 de junho de 1889 fez valer pela falta de assunto sobre a questão da república no Brasil. Logo no começo, o narrador conta que o Brasil se encontra em situação desastrosa e não perde a oportunidade de provocar suas leitoras a respeito desses assuntos:

Depois de minha última crônica deram-se fatos extraordinários na política do país. O governo foi desastradamente entregue pelos conservadores às mãos dos liberais, o Sr. Visconde de Ouro Preto apanhou a Presidência do Conselho, o Imperador dissolveu a Câmara dos Deputados, os Srs. Cesário Alvim e Padre João Manoel declararam-se republicanos, o Sr. Conde D’Eu partiu para as províncias do Norte em viagem de propaganda monárquica, e no mesmo paquete partiu o Sr. Silva Jardim em viagem de propaganda republicana.

A leitora já tem notícia dos desaguisados que a presença do valente agitador produziu na Bahia, e provavelmente notícias idênticas virão de outras províncias. O Sul é o Sul e o Norte é o Norte. Veremos quem vence nessa luta.

O que não se pode negar é que o Sr. João Alfredo efetivamente disse aos republicanos que crescessem a aparecessem, eles não se fizeram rogar. Apareceram, e já os há bem crescidinhos, benza-os Deus.

*

Mas isso pouco interessa à leitora, que nestes assuntos pensa naturalmente como eu: todos os governos são bons quando são bem dirigidos.

Desde que a República não deporte as modistas, não mande fechar os armários e não suprima a *Estação*, a leitora viverá bem com ela.

Venha a República desde que a reclame a opinião nacional, mas venha sem grave perturbação da ordem social, sem derramamento de sangue, sem guerra fraticida, sem um escândalo universal, e, sobretudo, respeite-se e considere-se a atual família reinante, a quem todos os brasileiros devem ser gratos.¹¹²

Ficou claro que Eloy, o Herói, não estava nada convencido pela instauração de uma república no país e mostrou que, para ele, aquilo não fazia diferença alguma desde que o país fosse governado por políticos honestos. Ele também acredita, ou pelo menos é o que diz, que para suas leitoras essa situação pouco importava, “desde que a República não deporte as modistas, não mande fechar os armários e não suprima a *Estação*, a leitora viverá bem com ela”, como se só essas questões fossem importantes para aquelas mulheres. O que o narrador também não esconde é um carinho pela figura do Imperador e por toda a família real; sempre que ele dá notícias sobre a realeza usa palavras como “estimada” e “querida”. Para Eloy, o Herói, mesmo que a república fosse instaurada, o povo brasileiro não poderia deixar de considerar o que o Imperador e a Princesa Isabel fizeram pelo Brasil e de fato a família era respeitada até pela oposição. Na crônica de 31

¹¹² A *ESTAÇÃO*, 30 de junho de 1889, XVIII ano, n. 12, p. 10.

de julho de 1889, por exemplo, o narrador conta que a família imperial foi assistir a uma peça no Teatro Imperial D. Pedro II e na entrada foram mal recebidos por um grupo de “baderneiros”. O fato teve grande repercussão e sobre isso ele diz:

Toda a imprensa, sem distinção, profligou o torpe atentado; os próprios republicanos mostraram – e fizeram muito bem – que são adversários da monarquia e não do monarca – e realmente merece o coro uníssono de simpatias que neste momento se ergue em volta de sua figura venerada e nobre.¹¹³

Após a crônica de 31 de julho, os assuntos da série ficaram reservados à arte e pequenas notícias sobre o cenário econômico nacional. Foi na crônica de 30 de novembro daquele ano, escrita no dia 19, que o narrador conta sobre o maior acontecimento recente:

Há quatro dias, precisamente ao distribuir-se o último número deste periódico, foi proclamada a República Federativa Brasileira. Há por ali muita gente que ainda se não convenceu da realidade, e se julga o ludibrio de um belo sonho.

Eu preferia que a República se fizesse no Parlamento, por vontade expressa do povo, e não pela força das armas; mas, uma vez que assim foi, aceitemo-la como um presente de Deus, e unamo-nos todos para que Ele conserve a paz e a tranquilidade deste belo país, reservados a grandes destinos.

Durante os dois primeiros dias da República, notava-se em muitos semblantes a consternação e mesmo o terror; a população, caminhando vagarosa, melancolicamente, parecia oprimida por um peso moral, por uma dor estranha e violenta. Só se agitava alegre essa plateia que aplaude indistintamente a vitória de todos os partidos.

Bem depressa, porém, desapareceu essa expressão de azedume, hoje me parecem todos satisfeitos e felizes. A cidade está em sossego, o comércio em movimento, o câmbio a 27,5, e os títulos brasileiros, que naturalmente baixaram ao rebentar a grande nova, subiram logo depois.

Decididamente há uma estrela que protege a nossa Pátria! Em nenhum outro país do mundo se transformaria assim da noite para o dia a forma de governo sem ser preciso derramar uma gota de sangue: em nenhum outro país se notaria nas ruas esta placidez e nas casas esta confiança, como se nada se passasse.¹¹⁴

Não foi só aquele narrador que não tinha uma opinião bem definida a respeito da República, no texto fica claro que a população também não entendia o que aquilo significava. Depois de contar a novidade às suas leitoras, Eloy, o Herói, faz uma despedida para a família real, que foi embora do Brasil no dia 17 de novembro. Entre os vários elogios, o narrador fala: “Console-os a ideia de que se sacrificam pela felicidade da Pátria, e de que, sejam quais forem os nossos destinos, nós, brasileiros, republicanos,

¹¹³ A ESTAÇÃO, 31 de julho de 1889, XVIII ano, n. 14, p. 10.

¹¹⁴ A ESTAÇÃO, 30 de novembro de 1889, XVIII ano, n. 22, p. 12.

lembra-nos-emos sempre do Imperador que tivemos, e do seu desejo de bem servir [...]”¹¹⁵.

A última “Croniqueta” que apresento para análise é a publicada no dia 15 de dezembro de 1889. É uma crônica relativamente longa e o narrador tenta mostrar para suas leitoras os resultados nas estruturas físicas da cidade causadas pelo fim do império brasileiro. De início, Eloy, o Herói, já diz que o país caminha para o progresso e espera que suas leitoras o acompanhem naquela caminhada. Depois é contado que o Palácio de Cristal, localizado em Petrópolis, também sofrerá mudanças devido ao novo sistema político vigente; ele se transformará em um Cassino com concertos e espetáculos, o que beneficiaria toda *high-life* fluminense.

No meio da crônica, o narrador conta sobre uma exposição de fonógrafos que estava acontecendo na Rua do Ouvidor e fala que aqueles instrumentos trariam certos benefícios para as moças. Ele escreve: “Diz muita gente que o fonógrafo não tem aplicação prática. A leitora solteira não será da mesma opinião, desde que refletir nas vantagens que resultariam de possuir num fonograma a promessa formal de casamento, proferida pelo seu namorado ...”¹¹⁶. Depois de tanta propaganda em defesa da liberdade feminina, Eloy, o Herói, volta a insistir na ideia tradicional de que toda mulher daquela época, principalmente suas leitoras, tinham o desejo de se casaram e constituírem família. No entanto, ele se redime no restante da publicação.

Lá para o fim da narrativa, Eloy, o Herói, indica uma coletânea de poemas para suas leitoras que retrata bem o período que viviam. Ele diz: “Armas terríveis são as *Vergastas*, de Lúcio de Mendonça. O título o indica. Versos vigorosos contra tudo quanto é opressão social e política. Inspiração, pensamento e forma: o que mais se pode exigir num livro que se intitula *Vergastas*? ”¹¹⁷. Lúcio de Mendonça foi um escritor, jornalista e advogado que lutou em defesa de questões como a abolição da escravidão e a Proclamação da República brasileira, temas que eram recorrentes em suas obras. Foi também o idealizador da Academia Brasileira de Letras e, em 1897, foi nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal.¹¹⁸ Partindo para o conteúdo do livro apresentado, que foi

¹¹⁵ Idem, p. 12.

¹¹⁶ A ESTAÇÃO, 15 de dezembro de 1889, XVIII ano, n. 23, p. 12.

¹¹⁷ Idem, p. 12.

¹¹⁸ Biografia disponível no site da Academia Brasileira de Letras, acesso pelo link: <http://www.academia.org.br/academicos/lucio-de-mendonca/biografia>.

publicado no início de 1889, Eloy, o Herói, já indica para suas leitoras o caráter político da obra; o próprio título, que significa “açoitar”, “chicotear”, faz menção ao período em que a escravidão era permitida no Brasil. Recomendar justamente aquele livro, que dizia ser “contra tudo que é opressão”, numa data tão próxima ao fim do Império brasileiro, e numa revista destinada ao público feminino, é muito significativo: a escravidão fora abolida, a república instaurada, agora restava as mulheres terem os mesmos direitos que os homens tinham.

CAPÍTULO III

Afinal, o que pensava Eloy, o Herói?

3.1 – Conhecendo Arthur Azevedo

Não cabe nestas linhas o relevo do comediógrafo fecundo, que perlustrou todas as formas teatrais e de lá trouxe os pequenos primores, que ficarão como a glória de uma fase literária; nem o do cronista leve e cintilante, que derramou, durante trinta anos, por todas as páginas impressas do Rio de Janeiro, a malícia suave, a aguda simplicidade que foram o segredo da pena inimitável de Arthur Azevedo. Mal nos referíamos ao poeta, que Arthur o foi, como os que o foram mais nesta terra, do lirismo, sem requintes nem sentimentalismos preciosos, que imprimem às rimas do autor do Sonetos, uma frescura eterna.¹¹⁹

Para compreender as relações entre Eloy, o Herói, e seu criador, Arthur Azevedo, é essencial conhecer a trajetória pessoal e profissional do literato; os ideais pelos quais lutou, suas produções, sua influência enquanto intelectual, entre outras questões. Nesta pesquisa, as obras por mim estudadas de Azevedo foram as literárias, no entanto, foi na dramaturgia que o mesmo criou carreira, e, talvez por isso, seja mais conhecido pelos historiadores do teatro.

Arthur Nabantino Gonçalves de Azevedo nasceu em São Luís, Maranhão, no ano de 1855, mudando de vez para o Rio de Janeiro aos dezenove anos.¹²⁰ Desde criança mostrava aptidão para o universo das letras, escrevendo romances, artigos jornalísticos e peças teatrais. O dom para a escrita foi revelado ser algo de família: em 1857 nasceu seu irmão Aluísio Azevedo, que mais tarde seguiu os passos de Arthur se mudando para o Rio de Janeiro e fazendo carreira na literatura. Aluísio, apesar da sua contínua contribuição na imprensa brasileira da época, se consagrou como romancista com as obras *O cortiço* e *Casa de pensão*.

O momento que Arthur Azevedo dava início a sua carreira coincidiu com o período em que o teatro era o principal meio fomentador da opinião do público carioca e a expressão cultural mais presente no cotidiano daquele povo. O literato se identificava

¹¹⁹ *O PAÍS*, 23 de outubro de 1908, XXV ano, n. 8786, p. 01.

¹²⁰ Boa parte dos livros que trazem fragmentos da biografia de Arthur Azevedo dizem que o escritor chegou ao Rio de Janeiro aos dezoito anos, entretanto, de acordo com um depoimento do próprio publicado no dia 15 de dezembro de 1885, na sua seção de crônicas no jornal *Diário de Notícias*, sua chegada a então capital do Brasil aconteceu quando ele tinha dezenove anos.

bastante com a chamada nova geração de escritores, aqueles que a partir da década de 1870 pareciam entender melhor a influência que as produções culturais divulgadas pela imprensa causavam e as transformações que elas possibilitavam.

Para complementar o orçamento mensal, Azevedo, além de trabalhar como professor e colaborar em diversos jornais desde a sua chegada ao Rio, trabalhou na Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas no final da década de 1870.¹²¹ Quando ingressou nesse novo cargo, Azevedo passou a ter maior contato com Machado de Assis – que na época já era um intelectual respeitado em seu meio – e foi responsável por exercer grande influência nos trabalhos de Azevedo. Os dois compunham o grupo fundador da Academia Brasileira de Letras. A admiração de Azevedo por Machado era grande e o convívio entre os dois intenso; além dessas atividades já mencionadas, eles escreviam colunas nos mesmos jornais e, após conquistar espaço no mundo das letras e já ser consagrado como escritor, em 1908, Azevedo foi nomeado para o cargo de Diretor Geral no Ministério da Viação e Obras Públicas (cargo que pertenceu a Machado de Assis até a sua morte).¹²²

Funcionário público, teatrólogo, cronista, poeta, professor, romancista, crítico teatral, comediógrafo, tradutor e jornalista foram algumas das ocupações de Azevedo, mas o autor sabia que seria lembrado pela sua colaboração na dramaturgia e não por um de seus contos, por exemplo. Azevedo tinha o costume de entregar para Machado alguns de seus textos literários, pois via nele a figura de um mestre, no entanto, Machado não achava aquelas produções grandes coisas (o que não abalava a relação dos dois, pois ele acabava concordando com a opinião de Machado). Apesar da contribuição de Azevedo na literatura brasileira, ele estava certo sobre seu futuro e sua marca foi mesmo deixada nos teatros; o próprio tinha consciência disso e em uma crônica que escreveu para o jornal *A Notícia*, em 22 de setembro de 1898 – fala que mais tarde foi usada em sua lápide como epitáfio – disse:

Quando eu morrer, não deixarei meu pobre nome ligado a nenhum livro, ninguém citará um verso nem uma frase que me saísse do cérebro; mas

¹²¹ Trabalhar em áreas de funcionalismo público era algo comum aos escritores brasileiros que viveram no período oitocentista. De acordo com: MENCARELLI, Fernando Antonio. *Cena Aberta: A absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo*. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 1999. p. 45.

¹²² Arthur Azevedo não pôde aproveitar o cargo, pois no mês seguinte a nomeação faleceu devido ao agravamento de uma doença. No entanto, a escolha para ocupar o posto de Diretor Geral no Ministério da Viação e Obras Públicas mostra que Azevedo alcançou o auge não só na carreira literária e teatral. (Machado faleceu em setembro de 1908 e Azevedo em outubro daquele mesmo ano).

com certeza hão de dizer: “Ele amava o teatro”, e este epítápio moral é bastante, creiam, para a minha bem-aventurança eterna.¹²³

Além de escrever peças aclamadas pelos maiores críticos da época, uma das maiores conquistas de Azevedo foi a criação do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. A campanha que iniciou para a construção do teatro costuma ser datada de 1894 em livros que estudam parte de sua obra ou mesmo aqueles que contam sobre a história do teatro. Para mim, conhecendo parte do trabalho de Azevedo, acredito que essa data é equivocada, já que desde o início das “Croniquetas”, entre outras publicações mais antigas, o autor sempre defendeu a necessidade de construir um teatro municipal na cidade do Rio de Janeiro. O principal palco de seus discursos a esse respeito foram nos jornais *A Notícia* e *O País*, no entanto, ele falava sobre a importância de criar um teatro em qualquer periódico para o qual colaborava.

A lei que instituía a criação do Teatro Municipal do Rio de Janeiro foi aprovada em 1895, mas a construção do teatro só aconteceu anos mais tarde, em 1904, sendo finalizado em 1909. Arthur Azevedo colocava a culpa dessa demora nos governantes da cidade e fazia questão de cobrar regularmente que os responsáveis dessem início as obras. Azevedo também exigia do Estado verba para arcar com os custos de uma companhia teatral, além dos honorários daqueles trabalhadores. Em 1897 foi sancionada a lei que instituía a Fundação Teatro Municipal do Rio de Janeiro (FTM/RJ), que tinha por finalidade “promover, incentivar e executar atividades culturais, especificamente nos campos da música dança e representações cênicas, no âmbito de atuação do Teatro Municipal do Rio de Janeiro [...]”¹²⁴. Em teoria, no final do século XIX, estava tudo estruturado para que o teatro fosse construído e funcionasse e é justo dar os créditos a Arthur Azevedo.

Nos primeiros anos do século XX foi realizado um concurso de projetos arquitetônicos para o futuro teatro e Azevedo participou da sua comissão avaliadora, mas não comentou sobre isso em nenhuma das seções dos jornais para os quais trabalhava. Isso mostra que a prefeitura do Rio de Janeiro reconhecia os esforços de Azevedo e fazia questão da sua presença para definir questões essenciais quanto àquela obra – mesmo que a prefeitura não aprovasse, Azevedo impunha sua presença fiscalizando o andamento das

¹²³ Arthur Azevedo, *A Notícia*, 22 de setembro de 1898. Apud: SICILIANO, Tatiana Oliveira. *O Rio de Janeiro de Arthur Azevedo: cenas de um teatro urbano*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014. p. 35.

¹²⁴ Lei disponível no JusBrasil: <https://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/154538/lei-1242-87>.

obras e o trabalho dos envolvidos. A magnitude do desenho contribuiu para o projeto de civilização e modernização das cidades no Brasil, ao mesmo tempo que incomodava Azevedo em um aspecto: a maior preocupação do autor é que houvesse nesse teatro espaço para as produções nacionais, pois até então a arte nacional não era valorizada.¹²⁵



Figura 14 – Fotografia da fachada do Teatro Municipal do Rio de Janeiro tirada durante os primeiros anos de funcionamento do estabelecimento.¹²⁶

Azevedo tinha receio de que aquele espaço fosse utilizado para representar as artes internacionais como as óperas, enquanto o mesmo defendia que lá era lugar para encenar dramas e comédias escritos por dramaturgos brasileiros (como ele próprio). Azevedo costumava dizer que os teatros daqui, como o Teatro Imperial D. Pedro II (o maior da corte, até aquele momento), não davam espaço para apresentações nacionais e que os teatrólogos que tinham algum prestígio se limitavam a copiar os gêneros franceses. Então para o literato as principais demandas, além da criação do Teatro Municipal, eram por produções nacionais (e de qualidade). Para ele era um desperdício o Brasil ter teatros com estruturas físicas impecáveis (considerando também o que estava por vir) e serem usados para reproduzir a arte europeia. Ele dizia: “Só em 1909 o teatro estará completamente pronto e [não terá] um grupo de artistas digno de inaugurar-lo. Não me conformo de ver

¹²⁵ De acordo com: SICILIANO, Tatiana Oliveira. *O Rio de Janeiro de Arthur Azevedo: cenas de um teatro urbano*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014. p. 40.

¹²⁶ Fotografia de Augusto Malta pertencente ao acervo *O Globo* disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/incoming/augusto-malta-fotografo-do-rio-21456734>.

essa honra entregue ao estrangeiro, por mais célebres, por mais ilustres que sejam [...]”¹²⁷. Ainda nessa coluna sobre teatros no jornal *O País*, Azevedo “cutucava” o poder público: “Dê a municipalidade aos nossos artistas ao menos a satisfação de inaugurar apenas, um teatro que a lei criou para eles; depois entregue-o aos forasteiros líricos ou dramáticos.”¹²⁸.

É importante lembrar que esses protestos surtiam efeito já que foi por meio deles que o autor conseguiu a criação e aprovação da lei para construir o Teatro Municipal, a instituição da FTM/RJ e, mais tarde, a Sociedade de Teatro Brasileiro.¹²⁹ Quanto a sua participação nesses processos, Azevedo sempre foi muito modesto, mas não deixava de reconhecer os próprios esforços: “Parabéns ao Rio de Janeiro, parabéns ao Dr. Oliveira Passos e (perdoem-me a vaidade) parabéns a mim mesmo, que tenho a satisfação de haver contribuído muito para a construção do Theatro Municipal.”¹³⁰.

Quando o Teatro Municipal foi finalmente inaugurado, Azevedo já havia falecido há quase um ano. Ele não teve o prazer de ver a obra pela qual dedicou sua vida concretizada, mas não foi esquecido no dia da cerimônia de abertura do teatro. No dia da estreia foram colocadas flores no túmulo do autor e no discurso de inauguração, feito pelo também intelectual Olavo Bilac, ele foi mencionado. Como retribuição à luta de Azevedo, os responsáveis pelas obras do teatro mandaram fazer um busto seu que foi colocado em lugar de destaque na casa.¹³¹

¹²⁷ *O PAÍS*, Rio de Janeiro, 31 de maio de 1908. Apud: SICILIANO, Tatiana Oliveira. *O Rio de Janeiro de Arthur Azevedo: cenas de um teatro urbano*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014. p. 44.

¹²⁸ *Idem*, p. 44.

¹²⁹ O dramaturgo achava essencial a criação de uma Sociedade de Teatro Brasileiro e essa era uma das suas principais pedidas. A sociedade só foi criada em 1917, com o nome Sociedade Brasileira de Autores (SBAT), mas parte do crédito pode ser dada a Azevedo.

¹³⁰ *O PAÍS*, Rio de Janeiro, 31 de maio de 1908. Apud: SICILIANO, Tatiana Oliveira. *O Rio de Janeiro de Arthur Azevedo: cenas de um teatro urbano*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014. p. 45.

¹³¹ No teatro existem apenas cinco bustos homenageando os concretizadores daquele projeto: o de Azevedo, do prefeito que deu andamento ao projeto, do prefeito que participou da inauguração do teatro e de um músico e um ator brasileiros importantes para época.



Figura 15 – Busto do Arthur Azevedo, feito pelo artista plástico Rodolfo Bernardelli (que era padrinho de Azevedo), localizado no hall do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.¹³²

Arthur Azevedo foi responsável por repercutir no Brasil as revistas de ano, gênero teatral que gerou as óperas cômicas. As revistas de ano surgiram por volta do século XVII nas ruas parisienses e contavam de maneira cômica os acontecimentos recentes mais importantes do lugar em que eram representadas. No caso das revistas escritas por Azevedo, seu conteúdo dependia do cotidiano do povo carioca, contando dos empasses do Império e depois da República, por exemplo, ou criticando a situação dos escravizados no país. Foi desse gênero que resultaram as principais peças escritas por Azevedo e que faziam propagandas da causa abolicionista: *O Liberato*, de 1881 e *A família Salazar*, escrita em parceria com Urbano Duarte em 1882.¹³³ As apresentações foram censuradas pelo Império, mas mais tarde, em 1884, Azevedo reuniu-as em um coletânea chamada *O Escravocrata*. Sobre a censura e o conteúdo das peças, Azevedo escreve um *prólogo* no livro, falando por ele e por Duarte:

O Escravocrata, escrito há dois anos e submetido à aprovação do Conservatório Dramático Brasileiro sob o título *A família Salazar*, não mereceu o indispensável *placet*. Embora não trouxesse o manuscrito nota

¹³² Imagem retirada de um site de compartilhamento de experiências em viagens: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g303506-d311272-i253975870-Theatro_Municipal_do_Rio_de_Janeiro-Rio_de_Janeiro_State_of_Rio_de_Janeir.html.

¹³³ Urbano Duarte foi um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras e amigo de Azevedo. Azevedo costumava escrever peças em parceria com outros dramaturgos que também eram seus amigos.

alguma com declaração dos motivos que ponderaram no ânimo dos ilustres censores, para induzi-los à condenação do nosso trabalho, somos levados a crer que essa mudez significa — ofensa à moral, visto como só nesse terreno legisla e prepondera a opinião literária daquela instituição. Resolvemos então publicá-lo, a fim de que o público julgue e pronuncie. Sabemos de antemão quais os dois pontos em que a crítica poderá atacá-lo: imoralidade e inverossimilhança. Conhecendo isso, sangramo-nos em saúde.

O fato capital da peça, pião em volta do qual gira toda a ação dramática, são os antigos amores de um mulato escravo, cria de estimação de uma família burguesa, com a sua senhora, mulher neurótica e de imaginação desregrada; desta falta resulta um filho, que, até vinte e tantos anos de idade, é considerado como se legítimo fosse, tais os prodígios de dissimulação postos em prática pela mãe e pelo pai escravo, a fim de guardarem o terrível segredo.

Bruscamente, por uma série de circunstâncias imprevistas, desvenda-se a verdade; precipita-se então o drama violento e rápido, cujo desfecho natural é a consequência rigorosa dos caracteres em jogo e da marcha da ação.

Onde é que se acha o imoral ou o inverossímil?

As relações amorosas entre senhores e escravos foram e são, desgraçadamente, fatos comuns no nosso odioso regime social; só se surpreenderá deles quem tiver olhos para não ver e ouvidos para não ouvir.

Se a cada leitor em particular perguntássemos se lhe ocorre à memória um caso idêntico ou análogo ao referido no *Escravocrata*, certo estamos de que ele responderia afirmativamente.

A questão de moralidade teatral e literária diz respeito tão somente à forma, à linguagem, à fatura, ao estilo. Se os moralistas penetrassem na substância, na medula das obras literárias, de qualquer época ou país que sejam, de lá voltariam profundamente escandalizados, com as rosas do pudor nas faces incendidas, e decididos a lançar no index todos os autores dramáticos passados, presentes e futuros.

Repetir estas coisas é banalidade; há, porém, pessoas muito ilustradas, que só não sabem aquilo que deveriam saber.

Seria muito bom que todas as mulheres casadas fossem fiéis aos seus maridos, honestas, ajuizadas, linfáticas, e que os adultérios infamantes não passassem de fantasias perversas de dramaturgos atrabiliários; mas infelizmente assim não sucede, e o bípede implume comete todos os dias monstruosidades que não podem deixar de ser processadas neste supremo tribunal de justiça — o teatro.

Não queremos mal ao Conservatório; reconhecemos o seu direito, e curvamos a cabeça. Tanto mais que nos achamos plenamente convencidos de que, à força de empenhos e de argumentos, alcançaríamos a felicidade de ver o nosso drama à luz da ribalta. Mas esses trâmites seriam tão demorados, e a ideia abolicionista caminha com desassombro tal, que talvez no dia da primeira representação do *Escravocrata* já não houvesse escravos no Brasil. A nossa peça deixaria de ser um trabalho audacioso de propaganda, para ser uma medíocre especulação literária. Não nos ficaria a glória, que ambicionamos, de

haver concorrido com o pequenino impulso das nossas penas para o desmoronamento da fortaleza negra da escravidão.¹³⁴

A fala da abertura de *O Escravocrata* representa bem a moral e os ideais de Azevedo. O texto é bem característico do escritor, que costuma provocar o governo, passar lições e criticar certas práticas daquela sociedade. Ao falar do teatro como “supremo tribunal de justiça”, ele deixa claro que é ciente da influência que aquele meio é capaz de surtir e que a intenção por detrás das propagandas abolicionistas que suas peças fazem é de mostrar que aquele sistema era absurdo mesmo.

As revistas de ano eram bem populares, pois tinham suas narrativas focadas no espetáculo; elas começaram a ser representadas nas feiras de Paris e em meados do século XIX passaram a ser a principal forma de divertimento da população francesa ganhando espaço nas salas de teatros. Nas últimas décadas do século XIX, esse tipo de apresentação era comumente encontrada nos palcos do Rio de Janeiro graças as obras de Azevedo. O gênero beneficiava todos os lados: o público, que se divertia e seus produtores, que eram recompensados financeiramente.

Apesar de agradar ao povo, o gênero não era bem visto pelos intelectuais aqui no Brasil, que achavam aquela uma forma de cultura inferior. Azevedo concordava com isso (mostrando nesse momento contradições em seus ideias), mas para ele aquela era a maneira do teatro fazer sucesso no país, além disso esse era seu ganha pão. As óperas cômicas também não condiziam com o projeto de urbanização e o desejo de criação de uma identidade que fosse nacional, então a solução encontrada pelo escritor foi de depois de adaptadas as peças francesas, criar narrativas voltadas para a cultura brasileira. Com certas modificações e um pouco de sofisticação, o gênero conseguiria acompanhar o processo de modernização do país e foi isso que Azevedo fez: as mudanças apareceram na peça *O Mandarim*, escrita em parceria com Moreira Sampaio em 1884, que satirizava determinados acontecimentos políticos da época. A repercussão foi positiva, agradou seus companheiros intelectuais e logo foi a forma de fazer teatro mais seguida pelos demais dramaturgos.

Desde sua infância até o ano de sua morte, o literato não parava de escrever e dirigir peças teatrais. Nesse sentido, sua militância foi tão intensa que após a sua morte o

¹³⁴ AZEVEDO, Arthur. Prôdomo. *O escravocrata*. [S.I.]: Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/escravocrata.pdf.

teatro de sua terra natal, fundado em 1817 e que até então chamava-se Teatro São Luís, foi renomeado na década de 1920 e passou a ser chamado de Teatro Arthur Azevedo. Em questão de estrutura e beleza, o Teatro Arthur Azevedo – que seguia o estilo neoclássico e fora construído por portugueses – não devia nada ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro, considerando que a diferença entre a construção de um para o outro é de praticamente um século. Mais tarde, em 1956, foi inaugurado na zona oeste do Rio o Teatro Arthur Azevedo. Este foi o primeiro teatro construído naquela parte da cidade; sua estrutura era simples comparada ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro e ao Teatro Arthur Azevedo em São Luís, no entanto é uma homenagem resultante dos esforços do dramaturgo em valorizar a dramaturgia no Brasil.

A carreira como literato de Arthur Azevedo foi, assim como a de muitos outros profissionais da época, facilitada pela imprensa. A imprensa era o principal meio de divulgação da literatura naquele momento e, em alguns casos, era o único espaço que os intelectuais tinham para compartilhar suas produções, além de compor uma forma de renda fixa para aquele grupo. Azevedo era conhecido como um intelectual das massas, pois seus textos tinham uma linguagem fácil e eram bem humorados. Azevedo “[...] além de ser bastante popular, assumiu de forma consciente escrever para ser consumido por leitores ou por uma plateia não necessariamente intelectualizada, procurando agradá-los e entreter-los.”¹³⁵. Ele acreditava que o público leitor dos jornais de grande circulação eram mesmo os homens trabalhadores, mais do que a própria elite, e sua maior preocupação era de que suas narrativas fossem capazes de instruir quem as lia.

Azevedo dedicou mais de 35 anos da sua vida à imprensa carioca, isso sem contar os anos que trabalhou em periódicos enquanto ainda morava em São Luís. Atuou como cronista, crítico teatral, contista, tradutor de folhetins, entre outras funções, em folhas de diferentes perfis, tendo colaborado para quase todos os jornais que circulavam na cidade do Rio de Janeiro. Publicou para a *Gazeta de Notícias*, *A Notícia*, *Kósmos*, *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *A Estação*, *Diário do Rio de Janeiro*, *A Reforma*, entre outros, e alguns que ele mesmo fundou – como é o caso da *Gazetinha*, fundado por Azevedo em 1880 com um nome que fazia clara referência à *Gazeta de Notícias*. Azevedo iniciou vários jornais, mas a *Gazetinha* foi sua criação mais popular: além de custar pouco, seu conteúdo agradava seus leitores. Foi em *O País*, uma das folhas com a maior tiragem da

¹³⁵ SICILIANO, Tatiana Oliveira. *O Rio de Janeiro de Arthur Azevedo: cenas de um teatro urbano*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014. p.147.

época, que o literato teve sua maior participação: nele publicou ao longo de 24 anos séries de crônicas, folhetins e críticas teatrais. A maioria das participações de Azevedo em periódicos tinham durações longas, mostrando que ele era considerado pelos editores talentoso e responsável.

Azevedo faleceu no dia 22 de outubro de 1908, aos 53 anos, devido a complicações causadas por uma cirurgia mal sucedida; pouco antes disso, no dia 29 de setembro, o dramaturgo enterrava seu amigo Machado de Assis. O país sofreu duas perdas lastimáveis e muito próximas para a literatura, dramaturgia e jornalismo. Ambos os funerais foram marcados pela comoção e pelo número elevado de pessoas que acompanharam o cortejo. O carinho do povo e a importância que Azevedo representava para o mundo das letras ficou evidente nas homenagens prestadas a ele e até o presidente da República compareceu ao seu enterro. A maioria dos jornais noticiaram sua morte acompanhada de textos contando a trajetória de vida de Azevedo, ocupando até uma página inteira da edição para isso. A *Gazeta de Notícias*, um dos maiores jornais da época, fez uma homenagem na edição seguinte à morte do escritor falando dos feitos de Azevedo e a falta que o dramaturgo faria. Parte da notícia, que vinha logo na primeira página do número, dizia:

Arthur Azevedo, membro da Academia, diretor de secretaria, morreu no apogeu da glória – a glória que o Brasil pôde dar a um homem de letras. A sua penúltima pela, *O Dote*, causou um colossal sucesso. Indo à Minas e à São Paulo vê-la representar, as populações desses dois estados aclamaram o autor, e como não bastasse isso, uma companhia italiana representou-lhe primorosamente a peça.

Arthur Azevedo vivia numa trepidação de sucessos, e quando a morte ceifou, tão moço ainda, o homem de coração, o chefe extremoso de uma família, o escritor que representa todo o movimento da nossa arte dramática. Arthur Azevedo chegava ao apogeu da sua carreira artística e ao mais alto posto como burocrata.¹³⁶

¹³⁶ GAZETA DE NOTÍCIAS, 23 de outubro de 1908, XXXIV ano, n. 297, p. 01.

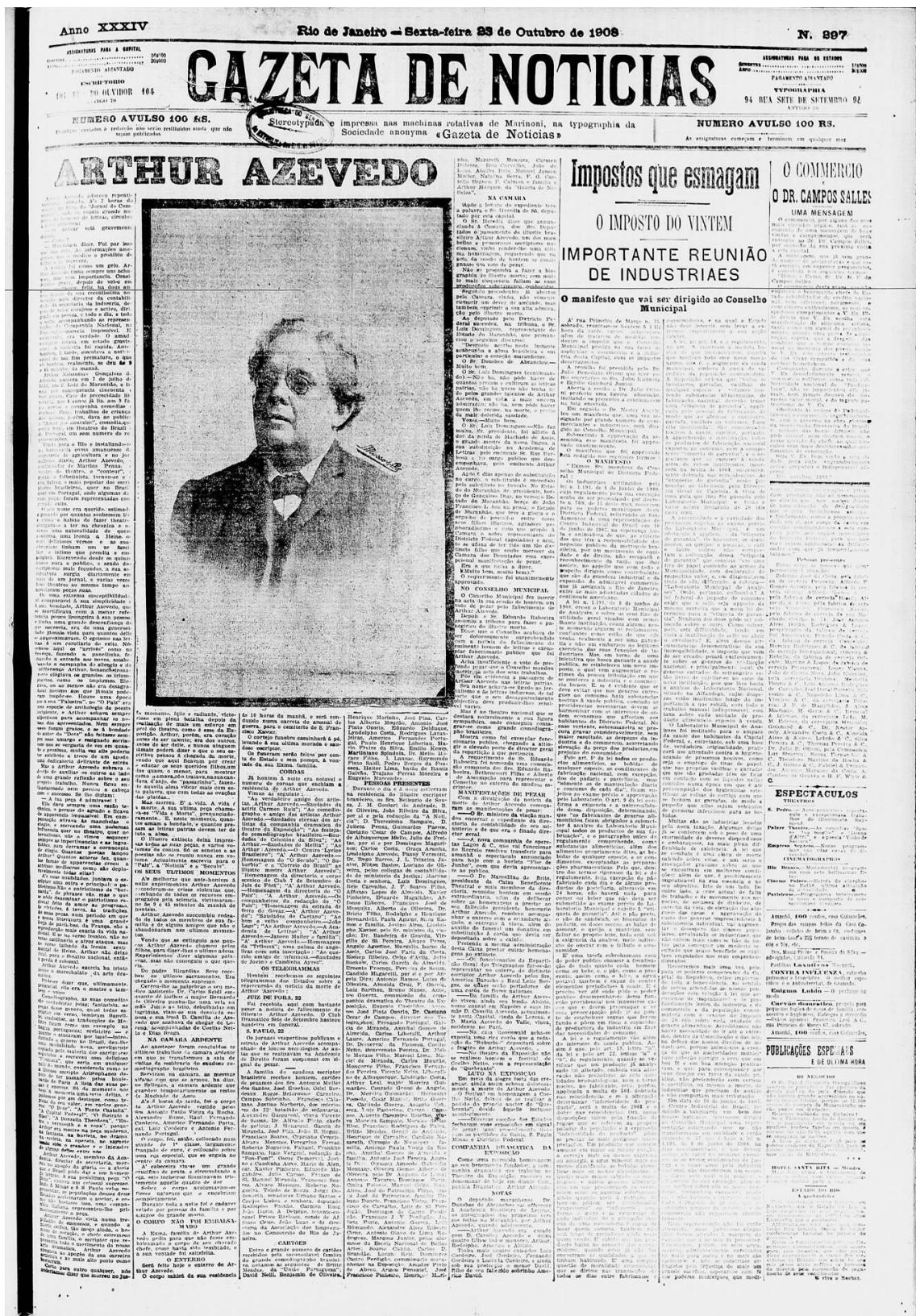


Figura 16 – Primeira página da *Gazeta de Notícias* – um dos mais prestigiados jornais da época – contando sobre a morte de Arthur Azevedo. A folha dedicou uma página inteira para falar do escritor.¹³⁷

¹³⁷ GAZETA DE NOTÍCIAS, 23 de outubro de 1908, XXXIV ano, n. 297, p. 01.

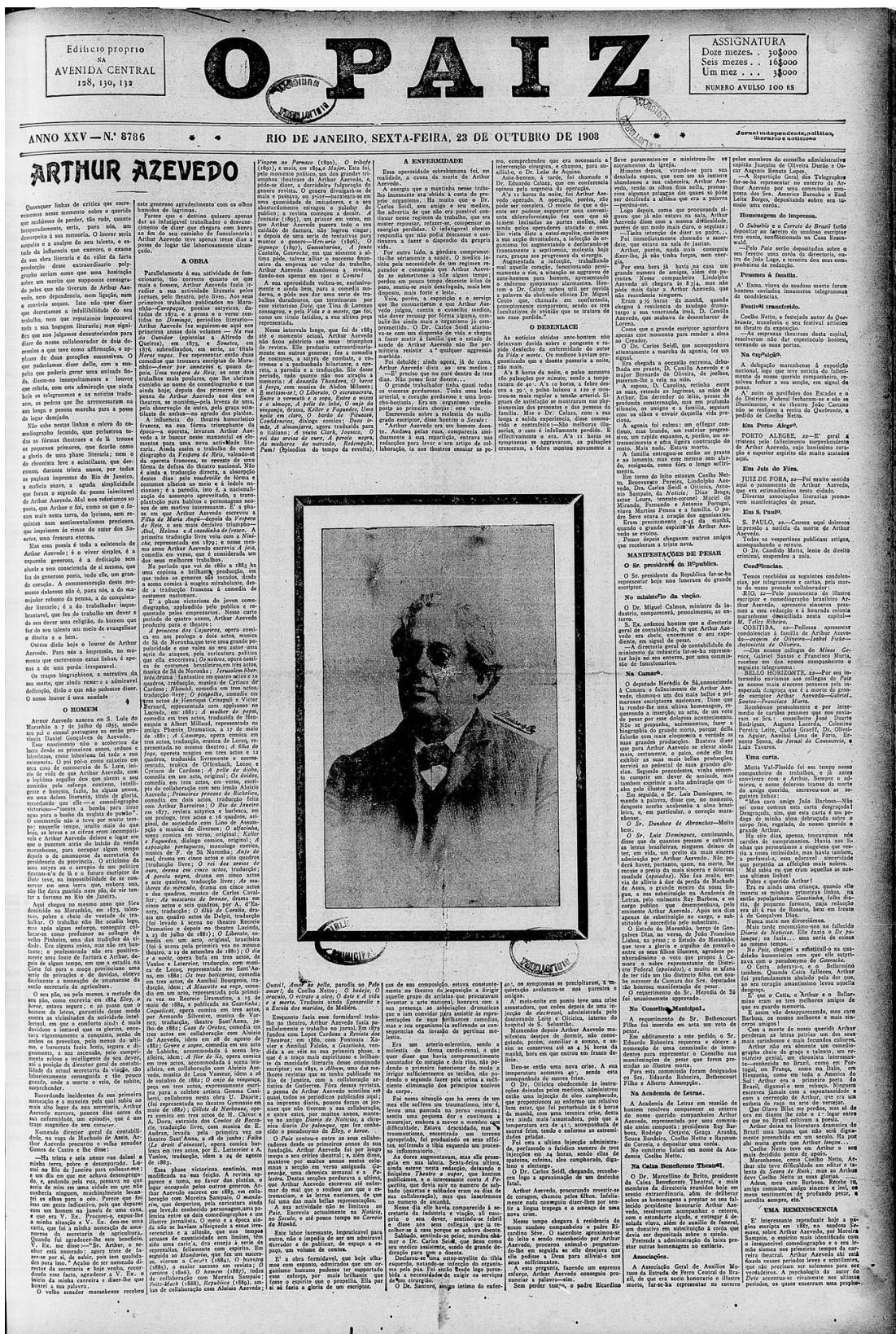


Figura 17 – Homenagem prestada pelo *O País* a Arthur Azevedo. Azevedo era colaborador regular da folha e mantinha boas relações com seus editores, não só por isso, o jornal dedicou as duas primeiras páginas inteiras para contar a história do escritor.¹³⁸

3.2 – Discussões sobre autor e narrador

Dentre as particularidades de Arthur Azevedo, uma que merece análise é a utilização de um pseudônimo nas “Croniquetas”. Esta forma de assinatura era comum aos cronistas e escritores brasileiros do século XIX, inclusive n’*A Estação* outros colaboradores de diferentes seções adotavam a prática e suas motivações eram diversas. Normalmente essa prática não servia para ocultar a identidade daquele escritor, pois era costumeiro a assinatura ser de conhecimento de seus colegas, pelo menos. Dessa forma, o pseudônimo “[...] tratava-se mais de uma estratégia narrativa do escritor, cuja opção por uma dada assinatura construía um personagem, um perfil, um ponto de vista para cada série e veículo no qual colaborava.”¹³⁹.

Sendo assim, para complementar minha pesquisa, resta descobrir se Eloy, o Herói, foi um personagem que possuía fala independente do seu criador ou apenas um nome que partilhava das mesmas ideias de Azevedo. Ao longo da leitura da série, é possível perceber que as ideias defendidas por Eloy, o Herói, se assemelham com as de Arthur Azevedo, principalmente quando o assunto em pauta era a abolição da escravidão ou a dramaturgia. É a partir dessas proximidades e dos distanciamentos entre autor e narrador que a resposta para a questão final da minha pesquisa surge.

Um dos momentos em que Eloy, o Herói, mostra traços do seu criador é quando o assunto de suas crônicas são os palcos fluminenses. N’*A Estação*, Azevedo também era responsável por uma seção dedicada, exclusivamente, a fazer críticas sobre as mais recentes peças teatrais, e ele sempre estendia os comentários daquela coluna para as “Croniquetas”. A tal seção era intitulada “Teatros” e assinada sob o pseudônimo X.Y.Z.. Apesar da assinatura, era de conhecimento das leitoras que Arthur Azevedo era a real identidade do colunista e ele falava sobre isso abertamente em suas publicações.

Durante a leitura das “Croniquetas”, existem momentos em que é impossível diferenciar autor de narrador. Algumas crônicas, por exemplo, não vinham com a assinatura de Eloy, o Herói, mas sim de Azevedo. Os assuntos tratados nessas crônicas em especial, em parte, não eram diferentes dos que o narrador costumava tratar quinzenalmente, não havendo assim motivos aparentes para o mesmo assumir sua real identidade. Pelo contrário, ao longo da série é possível perceber que a identidade do autor

¹³⁹ SICILIANO, Tatiana Oliveira. *O Rio de Janeiro de Arthur Azevedo: cenas de um teatro urbano*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014. p. 145.

daquelas crônicas era bem familiar para as leitoras d'*A Estação*, então uma hipótese que justifica esses casos é a de que o narrador queria ser reconhecido pelo seu público.

Nas “Croniquetas”, além das ideias defendidas por autor e narrador serem as mesmas e os “lapsos” ocasionais entre assinatura com o nome do próprio autor ao invés do seu pseudônimo, os momentos que encontro mais proximidades entre Eloy, o Herói, e Azevedo são aqueles em que a narrativa é dedicada a assuntos pessoais. Quando o narrador falava sobre a atriz francesa Sarah Bernhard – que alcançou sucesso mundial nas últimas décadas do século XIX – é impossível o público leitor não perceber paixão em suas palavras. De fato, Arthur Azevedo era apaixonado pela atriz e sempre que Eloy, o Herói, falava sobre ela deixava essa “admiração exagerada” em evidência. Segue uma crônica como exemplo:

Tornar a ver Sarah Bernhard! Mas era esse o meu sonho dourado, a minha esperança risonha, o meu ideal! E vouvê-la aqui, ali, a dois passos de minha casa, no Rocio, no S. Pedro! Vouvê-la sem ir à Europa, sem passar pelos transes do enjoo do mar, sem me sujeitar a ganância de hoteleiros e cocheiros! Não é isto um sonho, meu Deus? Oh! Se estou dormindo, não me acordem por piedade! Deixem-me sonhar ...

[...] Sarah Bernhard não está no mesmo caso: impõe-se por uma celebridade, só igualada neste século por Napoleão, Garibaldi, Victor Hugo ou Adelina Patti. O seu nome anda de boca em boca em todos os povos e em todas as raças. O seu talento penetrou em toda a parte, levando nas asas da fama, e a sua fisionomia original e inteligente foi universalmente vulgarizada pela fotografia. A sua vida íntima não tem segredos para ninguém: essa mulher pertence ao público, pertence-nos ... apossememo-nos dela, desse divino presente com que Deus e o Ciacchi nos mimoseiam.

Embora! Vá a leitora admirar esse assombroso talento, essa divina Sarah Bernhard, que tanto honra o seu sexo, e não tenha escrúpulos de rasgar, à força de aplaudir, a sua luva aristocrata e fina.¹⁴⁰

Arthur Azevedo, mesmo sendo um homem casado, assumia em seus textos que Sarah Bernhard era seu amor platônico. Esta é uma personagem que aparece em diversas “Croniquetas” e também na seção “Teatros”, pois além de talentosa (o que Azevedo prezava muito), era uma das mais requisitadas atrizes da época. Na citação acima, fica claro que o que a pessoa que escreveu aquelas palavras sentia era muito mais do que admiração pela atriz. Narrativas com esse tipo de declaração eram comumente encontradas naquela seção, mostrando que, em determinados momentos, a paixão de Azevedo era transmitida para seu personagem.

¹⁴⁰ A ESTAÇÃO, 31 de maio de 1886, XV ano, n. 10, p. 04.

Eloy, o Herói, além das “Croniquetas”

Outra fonte que contribui no estudo da identidade por detrás de Eloy, o Herói, é o jornal *Diário de Notícias*. Nele, Arthur Azevedo tinha uma coluna de crônica fixa intitulada “De Palanque”, que era assinada também sob o pseudônimo Eloy, o Herói. Se Azevedo não queria ser reconhecido em alguma das duas colunas, poderia assinar sob qualquer outro pseudônimo, mas optou por usar a mesma assinatura nos dois jornais, aumentando a curiosidade do leitor a respeito daquele nome ficcional.

O *Diário de Notícias* foi um jornal carioca que circulou entre 7 de junho de 1885 a 30 de setembro de 1895, publicado pela tipografia Carneiro, Senna & Cia. Era destinado ao grande público e tanto no seu conteúdo quanto na estética se diferenciava bastante d’*A Estação*. O público também era outro; existiam colunas que agradavam tanto aos homens quanto às mulheres. Como composição do perfil de um jornal informativo, o *Diário* tinha edições diárias e regulares e cada número contava com cerca de 4 páginas divididas por 7 colunas. Quanto ao seu valor, além da folha ser mais barata do que *A Estação*, era possível comprar números avulsos, facilitando sua circulação e aumentando o público leitor, atingindo diversas classes econômicas.¹⁴¹ Foi um dos jornais mais populares da época e isso era refletido na sua tiragem que variava entre 20 mil a 22 mil exemplares.¹⁴²

¹⁴¹ O valor da assinatura do *Diário de Notícias* era de 12\$000 para a corte e de 16\$000 para as províncias. Os números avulsos custavam 40 réis cada um. O valor de assinatura d’*A Estação* era de 12\$000 para a corte e 14\$000 para as províncias, entretanto, enquanto o *Diário de Notícias* contava com edições diárias, *A Estação* era publicada quinzenalmente.

¹⁴² Dessa vez faço a comparação com o jornal mais importante da época: a *Gazeta de Notícias*, que contava com a tiragem de 24 mil exemplares.



Figura 18 – Ao contrário d'A Estação, o Diário de Notícias não tinha uma aparência atrativa e seguia a estética dos demais jornais informativos da época. A série “De Palanque” aparece em destaque na segunda coluna e com seu título em negrito.

O jornal abordava assuntos políticos (nacionais e internacionais), religiosos, noticiava os acontecimentos mais recentes da corte e províncias, informes sobre eventos, contava com várias colunas destinadas a falar sobre economia, haviam seções de entretenimento e também uma parte destinada aos folhetins. Diferente da “Croniqueta”, o “De Palanque” ocupava um lugar de prestígio na folha: aparecia logo na primeira página e na segunda coluna com o título da série em negrito.¹⁴⁴ Partindo para o conteúdo da seção, é possível perceber que era bem semelhante ao que aparecia n’*A Estação*, entretanto o assunto mais abordado por Eloy, o Herói, estava relacionado às artes e aos palcos fluminenses; uma explicação para isso é que, diferente d’*A Estação*, o *Diário de Notícias* tinha diversas seções que falavam sobre política e Azevedo preferia chamar a atenção do seu público para outras temáticas.

A série teve início em 7 de junho de 1885, mas a participação de Arthur Azevedo no *Diário de Notícias* foi tão conturbada e marcada por desavenças com os editores do periódico que o autor preferiu colocar fim ao “De Palanque” em 22 de março de 1887. O “De Palanque” foi uma série de inegável sucesso, tanto que assim que findou sua colaboração no *Diário de Notícias*, Azevedo foi convidado a dar continuidade à seção no jornal *Novidades*. O *Novidades* tinha o perfil semelhante ao do *Diário*, e as crônicas de Azevedo apareciam também na primeira página, com o mesmo título e a mesma assinatura da outra série. Aquela publicação teve início em 26 de março de 1887, com a primeira crônica apresentando a seção (que poderia ter sido acompanhada pelo público leitor enquanto pertencia ao *Diário de Notícias*) e explicando os motivos da saída de Azevedo do *Diário*. A crônica, que dessa vez foi assinada pelo nome Arthur Azevedo, conta:

Nestas colunas tratarei de tudo; menos do que não entendo, analisando frivolamente *quid deccat, quid non*. Apreciação ligeira de um quadro que se expõe, de uma peça que se representa, de um fato que se produz, de um livro que se publica; hoje uma frase lisonjeira a este artista, amanhã uma catanada naquela mão poeta; efêmeras impressões, escritas sem pedantismos nem outra pretensão que não seja a de conversar com o leitor durante alguns minutos; orgulhoso propósito de não deixar desaforo sem resposta, parta de onde partir, – eis o que sempre foi o *Palanque* no *Diário de Notícias*, e o que será nas *Novidades*.

De amanhã em diante firmarei os meus artigos com o meu velho pseudônimo de Eloy, o Herói.¹⁴⁵

¹⁴⁴ As “Croniquetas” apareciam nas últimas páginas do caderno de literatura, no final de cada página, além de ter a fonte menor do que as outras seções.

¹⁴⁵ NOVIDADES, 26 de março de 1887, I ano, n. 61, p. 01.

Como o próprio Azevedo avisou, o “De Palanque” do *Diário* foi o mesmo do *Novidades* e Eloy, o Herói, foi um personagem que defendia as mesmas ideias em ambas as folhas. A série no *Novidades* teve duração curta, sendo sua última publicação em 31 de julho de 1888. A saída de Azevedo do jornal foi amistosa e aconteceu devido a um convite que o mesmo recebeu dos editores do *Diário de Notícias* pedindo o retorno daquela seção para suas páginas. A volta aconteceu no dia seguinte a última publicação no *Novidades* e se estendeu até 24 de janeiro de 1889, quando Azevedo parou de escrever para o *Diário* definitivamente. Essa saída não foi explicada por nenhuma das partes e não houve crônica anunciando o fim da seção, mas é possível que tenha acontecido mais desentendimentos com os editores do jornal.¹⁴⁶

É a partir desses conflitos que Eloy, o Herói, revelava sua verdadeira identidade. O maior desentendimento com os editores do *Diário* se dava devido à falta de espaço para a publicação do “De Palanque”; apesar de ocupar a segunda coluna da primeira página, existiam números em que os editores pediam para Azevedo não estender a sua fala, pois o espaço daquela edição estava reduzido. Acontecia também de o narrador escrever a crônica, enviar para a editora e a mesma não ser publicada no jornal. Isso irritava Azevedo ao ponto de o mesmo contar tudo para o seu público.¹⁴⁷ Uma das justificativas do autor foi a seguinte:

Todas as vezes que o *Diário de Notícias* deixa de trazer o Palanque, há muito quem me chama vadio, e lance à minha conta a ausência do meu artigo. Na rua, de todos os lados, me assaltam exclamações desta ordem: - Então, seu preguiçoso, fez-se hoje sueto, hein?

Pois saibam todos quantos este virem que a culpa não é minha: eu dou o meu artigo todos os dias, pontualmente, religiosamente. A intermitência das minhas rabiscadelas prova pura e simplesmente que o *Diário de Notícias* vai de vento em popa nos mares da publicidade. O deus Anúncio invade despoticamente a folha, e desaloja toda a matéria literária. Os proprietários do *Diário de Notícias* ver-seão hão muito breve obrigados ou a aumentar o formato da folha ou a diminuir o corpo do tipo, - isto se não

¹⁴⁶ O objetivo é trazer o “De Palanque” do *Diário de Notícias* para contrastar com as “Croniquetas” d’*A Estação*, justamente por esses periódicos terem perfis tão diferentes. Já o jornal *Novidades*, era destinado ao grande público, suas edições eram diárias e tinha aspecto estrutural e de conteúdo muito semelhantes aos do *Diário* (até os valores e números de páginas eram os mesmos), fazendo da análise das crônicas nele publicadas pouco enriquecedoras para esta pesquisa, visto que o próprio autor da seção esclarece não haver distinção entre as duas séries.

¹⁴⁷ Os colaboradores da imprensa fluminense oitocentista tinham o hábito de levar ao público suas desavenças, atacando políticos, outros jornalistas e até mesmo os editores das folhas para qual prestavam serviço. O melhor espaço encontrado por esses escritores para palco dessas brigas eram nas crônicas, que já tratavam de assuntos do cotidiano.

quiserem rejeitar matéria paga, que por forma alguma me parece alvitre digno de aceitação.¹⁴⁸

A falta de espaço para publicação também era um problema nas “Croniquetas”, mas a forma que Eloy, o Herói, comentava sobre isso naquelas páginas era mais dócil, bem diferente da fala cheia de rebeldia que aparecia no “De Palanque”.¹⁴⁹ Um exemplo disso está na brevidade que ele justifica a curta narrativa na “Croniqueta” de 30 de junho de 1887: “E termino aqui, porque o paginador da *Estação* recomendou-me que escrevesse muito pouco.”¹⁵⁰.

Em alguns números do *Diário de Notícias*, é possível acompanhar longas discussões de seu autor com escritores de outros periódicos da época. Essas brigas ocupavam vários números do jornal, pois, assim que o escritor em questão respondia às ofensas recebidas, Azevedo publicava uma resposta repleta de xingamentos. Na maior parte desses casos, a crônica aparecia assinada com o nome do próprio autor, no entanto, no “De Palanque” citado anteriormente, o narrador assina com o seu pseudônimo, deixando a ambiguidade de Azevedo em evidência. É interessante perceber que Azevedo não utilizava palavras baixas n’A *Estação* e nem levava essas extensas brigas para as colunas que lá publicava, deixando em evidência a forma que se portava em cada um dos jornais: no *Diário* era mais agressivo e “desbocado”, n’A *Estação* era mais delicado. Isso não quer dizer que o narrador acreditava que as senhoras não compunham o público leitor da sua série no *Diário*, pois o mesmo se referia a elas com o já conhecido “amáveis leitoras” em diversos momentos do “De Palanque”.

Tanto as “Croniquetas” como o “De Palanque” apresentam uma preocupação em comum: a formação feminina. Esse é o ponto que me faz acreditar que aquelas séries tinham os mesmos objetivos. É comum encontrar no “De Palanque” seu narrador convidando as leitoras (ele fazia questão de falar leitoras no feminino quando o assunto eram as peças teatrais ou a arte de uma forma geral) a irem assistir uma peça teatral que acabara de ser lançada e mais do que isso: Eloy, o Herói, tenta convencer aquelas mulheres de que a ida aos teatros é a colaboração mais efetiva em sua formação. A ideia

¹⁴⁸ DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 2 de março de 1886, II ano, n. 269, p. 02.

¹⁴⁹ O “De Palanque” ocupava um lugar de destaque no *Diário de Notícias*, mas a relação do seu narrador com os editores da folha foi ficando desgastada devido aos constantes desentendimentos. Quando acontecia de uma edição ter que reduzir seu espaço de texto, a escolhida era aquela escrita por Eloy, o Herói.

¹⁵⁰ A ESTAÇÃO, 30 de junho de 1887, XVI ano, n. 12, p. 12.

que ele tanto defendia n'A *Estação* de a arte ser o que existe de mais importante no mundo continuava firme.

Quando o Eloy, o Herói, do “De Palanque” fala sobre os espaços que as mulheres ocupavam na sociedade oitocentista, é possível reconhecer a voz do narrador das “Croniquetas”. Um exemplo disso, é o “De Palanque” publicado em 5 de janeiro de 1886, onde o narrador conta sobre uma tal *Primrose League*. A *Primrose League* (*Liga da Primavera*) foi uma organização inglesa fundada por Lady Churchill, em 1883, que tinha como objetivo divulgar – por meio do *boca a boca* e da distribuição de folhetos explicativos – propostas de determinados partidos políticos. Eloy, o Herói, repassa a explicação de Lady Churchill sobre o que é a liga para os leitores e leitoras do *Diário*:

Como estamos em vésperas de eleições para deputados gerais, venho lembrar às Exmas. esposas e filhas dos nossos candidatos que façam também aqui uma espécie de *Primrose League*.

Da *Primrose League* organizada em Londres por Lady Churchill, com o fim de assegurar a eleição de seu marido, só fazem parte senhoras. Foi devido a estes interessantes auxiliares femininos que o jovem ministro conservador conseguiu derrotar em Birmingham, que é uma cidade essencialmente manufatureira, um dos veteranos do liberalismo inglês, o senhor John Bright.

Esta luta eleitoral despertou a curiosidade publica na Inglaterra, e um repórter da *Pall Mall Gazete* foi a Birmingham pedir a Lady Churchill minuciosas informações sobre a organização da liga.

Lady Churchill é uma linda moreninha, de origem americana.

“A *Primrose League*, disse ela, tem apenas três anos de existência, mas conta já muitos milhares de associadas; tem-nas na Índia, na Nova- Gales e no Canadá. Em Birmingham temos quinhentas filiadas. Cento e tantas (provavelmente as mais bonitas) encarregam-se de visitar os eleitores. Cada uma delas incumbem-se de tal seção, de tal rua ou de tal quarteirão. Ainda agora visitaram-se algumas casas de gente pobre. Só uma vez aconteceu ser mal recebida uma das nossas delegadas. Os eleitores ouvem nossos argumentos e leem as nossas circulares com muita atenção. Dizemos-lhes o que pensamos das questões do dia, do livre cambio, da propriedade das terras, da separação da Igreja e do Estado, etc.”

“Quanto a mim, acrescentou Lady Churchill, visitei as principais fábricas da cidade. Os donos desses estabelecimentos, mesmo os que não eram do nosso partido, consentiram de muita boa vontade que eu fizesse discursos, e estes foram religiosamente ouvidos pelos operários.”

“Para falar aos eleitores, as mulheres tem muito mais habilidade que os homens. A princípio não nos tomaram a sério, mas hoje quase todos os candidatos recorrem ao nosso auxílio. Os nossos adversários ameaçam-nos com um processo, mas nós consultamos já os melhores juriconsultos, e por esse lado nada receamos.”

Foi nesses termos que Lady Churchill explicou ao jornalista inglês a organização e os fins dessa singular Liga da Primavera (orelha de urso), que ameaça tornar-se um fator importante da vida política inglesa.¹⁵¹

A crônica citada serve para mostrar que as mulheres daquela época estavam conquistando novos espaços. O narrador encerra sua escrita convidando suas leitoras a seguirem o exemplo de Lady Churchill e formarem uma *Liga da Primavera* brasileira, onde dariam início às campanhas políticas de seus familiares. Eloy, o Herói, também faz questão de evidenciar a cor da pele da fundadora da liga, mostrando que no antigo continente, não só questões relacionadas ao sexo, como também à cor da pele, estão ganhando novas significações, enquanto aqui no Brasil a escravidão não fora abolida e a condição feminina ainda estava fortemente ligada à ideias conservadoras e restritas ao ambiente do lar.

Nas crônicas daquela época, era comum seu escritor fazer propaganda de romances, livretos de poesia, entre outros livros, e nas séries assinadas por Eloy, o Herói, isso não era diferente. O narrador tinha o hábito de divulgar as produções de seu criador, como as peças teatrais escritas por ele, seus livros e também artigos publicados em outros jornais. Quando Eloy, o Herói, não queria se assumir como Azevedo e precisava se referir a ele próprio costumava dizer “meu melhor amigo”. Mesmo nesses casos, os leitores e leitoras das seções já sabiam a jogada e o próprio narrador brincava ao longo dessas narrativas. Na edição de 6 de julho de 1885 do “De Palanque”, por exemplo, é publicada uma carta escrita por Azevedo. A carta conta sobre a tarefa de traduzir uma peça teatral e que por isso Azevedo recebeu diversos elogios, no entanto, o que interessa é a forma que a conversa entre ambos acontece:

Do meu maior amigo, o simpático e estimável escritor Arthur Azevedo, acabo de receber a seguinte carta, que me apresso a publicar:
“Querido Eloy, o Herói. Como te considero o meu maior amigo, é a ti, e só a ti, que me dirijo, chamando a tua atenção sobre um fato que me é bastante penoso. [...]”¹⁵²

Apesar do aparente mistério, no final da crônica Eloy, o Herói, se assume como Arthur Azevedo: “Limito-me a publicar a carta do meu maior amigo, porque, se eu tratasse do assunto como coisa minha, haviam de dizer por aí que era – elogio mútuo – e

¹⁵¹ *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 5 de janeiro de 1886, II ano, n. 213, p. 01.

¹⁵² *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 6 de julho de 1885, I ano, n. 30, p. 01.

não quero graças, principalmente com o *Escaravelho*, que cada vez está mais rabugento e picante.”¹⁵³.

Esse tipo de propaganda era constante naquelas séries e acontecia nas “Croniquetas” também. Na edição de 28 de fevereiro de 1889, Eloy, o Herói, dedica a última parte da sua fala para divulgar a literatura nacional. Aqui é importante perceber a intimidade entre narrador e autor e novamente o certo tom jocoso na escrita:

Também o meu melhor amigo – o Arthur Azevedo – publicou em casa do editor Garnier um volume de *Contos possíveis*, em prosa e verso. Peço para eles a proteção da leitora, que alguns conhece por lê-los. Ou vê-los, na *Estação*. Ninharias sem importância. O próprio autor é o primeiro a não saber explicar porque não as deixou na pasta.¹⁵⁴

Uma crônica que vale a pena trazer para análise é a publicada no “De Palanque” de 15 de dezembro de 1885, mesmo ano que o narrador deu início a série “Croniqueta”. No entanto ela merece destaque não por essa coincidência, mas sim por ser a narrativa com o conteúdo mais pessoal que Eloy, o Herói, já publicou. É um texto extenso que ocupou duas colunas do *Diário de Notícias* e é sequência de uma longa briga entre Arthur Azevedo e o também escritor Valentim Magalhães. Logo no início daquela crônica, o narrador se assume como Azevedo e ao fazer uma comparação entre ele e Magalhães conta um pouco da história da sua vida. Ele diz:

Há dias, a propósito do suicídio do menino Castilho, eu escrevi estas palavras: “Mas, piedade a parte, que homem daria uma criança que pensa em morrer na idade em que as outras crianças só pensam em brincar? Que trinta anos dariam aqueles treze anos?” Valentim Magalhães, num belo e comovente artigo, publicado na *Semana*, achou as minhas palavras “de uma filosofia tão cruel quanto banal”.

Ora, com franqueza, nesta questão é natural que o meu objetivo seja mais exato que o de Valentim Magalhães ...

Eu me explico: O ilustre moço foi criado com todo o mimo, e ainda hoje – francamente – é o tipo melindroso do menino brasileiro; esteve de pensionista num colégio onde nada lhe faltava; frequentou durante cinco anos a academia de S. Paulo, com larga e pronta mesada, e ali conquistou esse pergaminho que é o “Sésamo, abre-te” de todas as posições sociais na nossa terra; logo depois de formado, esposou por inclinação a priminha de quem era noivo desde pequerrucho. Nunca lhe faltaram cuidados de família. Jamais conheceu a *quebradeira*, na acepção fundamental e genuína deste vocábulo medonho.

Agora eu: aos 13 anos, em 1868, justamente na idade que o menino Castilho se enforçou, tiraram-me dos estudos, e “arrumaram-me” numa casa de comércio, donde só saía para ver minha mãe (e estava a duzentos passos dela) de quinze em quinze dias, e onde o meu emprego consistia

¹⁵³ Idem, p. 01.

¹⁵⁴ A *ESTAÇÃO*, 28 de fevereiro de 1889, XVIII ano, n. 04, p. 12.

em varrer duas e três vezes por dia o armazém e o escritório, e de manhã muito cedo dar a bomba num poço e encher uma tina d'água para a mulata do meu patrão tomar banho.

Ordenado nenhum; davam-me casa e comida; naturalmente não achavam pouco ...

Não tenho a ridícula pretensão de fazer aqui a minha autobiografia. Basta confessar que, depois de numerosas peripécias, cheguei ao Rio de Janeiro aos dezenove anos, com um número igual de ilusões e de cartas de recomendação, mas sem vintém no bolso. As ilusões, guardei-as – por sinal que ainda conservo algumas. Quanto as cartas de recomendação, só me servi de quatro, e rasguei as outras quando um senador da minha terra, depois de ler a quarta, em que lhe diziam que eu era um rapaz inteligente e com muita disposição para as letras, ofereceu-se para arranjar-me um lugar de condutor de bonde, e ainda era preciso que eu pedisse emprestados a um usuário os 200\$ precisos para a respectiva fiança. Agradeci e recusei a proteção do grande homem “apesar de que (acrescentei), num lugar de condutor de bonde, como em qualquer outra posição que estivesse reservada aos meus acanhados méritos, eu teria o prazer de ver sempre S. Ex. adiante de mim ...” O que equivaleu a chamar-lhe burro.

Durante muito tempo fui mestre de meninos, adjunto a certo colégio, e os meus únicos recursos eram 40\$000 com que o dono do estabelecimento remunerava (por não poder fazê-lo melhor) as seis horas de serviço diário que eu lhe prestava. Com esse dinheiro eu, que não era nenhum Bocage, tinha que pagar casa, comida, roupa, calçado e tabaco.

E o caso é que os 40\$000 réis e eu entendíamo-nos perfeitamente, se bem que nos separássemos no primeiro do mês, para não nos tornarmos a ver senão dali a trinta dias. Mas o meu bom humor, esse é que, graças a Deus, nunca se separou de mim.

Portanto, não é muito que um sujeito pudesse resistir, e ainda hoje resiste heroicamente, a tantas dificuldades, ponha de parte o sentimento, todo individual, da piedade, quando se trata de comentar publicamente um fato cujo exemplo lhe parece pernicioso.¹⁵⁵

A briga entre os dois teve início com uma crítica que Magalhães fez na *Semana* a respeito de uma publicação feita por Eloy, o Herói, no “De Palanque”. A crítica não foi bem recebida e a partir de então as duas partes trocaram desafetos durante meses. O leitor que acompanhou o desentendimento poderia supor que Magalhães não fazia ideia de quem era o nome por detrás daquela falsa assinatura, entretanto, Azevedo e Magalhães eram amigos íntimos e as ofensas foram levadas para o lado pessoal. Por fim, os dois decidiram por preservar a amizade e encerraram as discussões.

¹⁵⁵ *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 15 de dezembro de 1885, I ano, n. 192, p. 02.

Um narrador entre duas folhas

Em 1886, Azevedo tinha acabado de lançar a peça *O Bilontra*, que teve grande repercussão na corte. Sua divulgação foi alta e jornais como o *Diário de Notícias*, por exemplo, traziam grandes pôsteres com informações da obra. Nas “Croniquetas”, Eloy, o Herói, falou do número como se falasse sobre qualquer outra apresentação, mas no “De Palanque”, o narrador não perdeu a oportunidade de dizer que era de sua autoria. Ele conta:

Poucos ignoram, cuido, que o escritor desta seção é um dos autores do *Bilontra*: não há, pois, estranhar que eu venha, em meu nome e em nome do meu colaborador, agradecer a benevolência e a distinção com que fomos anteontem tratados pela ilustríssima imprensa desta capital.¹⁵⁶

Durante a comparação entre essas duas séries fica claro que Azevedo tinha mais facilidade em se assumir como criador de Eloy, o Herói, no “De Palanque”. Era também naquela seção que ele falava mais vezes sobre sua vida pessoal e acabava se desentendendo com outros escritores. Era uma característica dos jornais de grande circulação apelar para tais intrigas e situações particulares em seções menos formais – como é o caso do “De Palanque” – para agradar seu público, ao contrário das “Croniquetas” que ocupavam as páginas de uma revista destinada à família onde não havia espaço para esse tipo de narrativa. A fala de Eloy, o Herói, tinha que se adaptar ao perfil de cada jornal onde ele publicava.

A melhor maneira para diferenciar a linguagem que o narrador usa nas duas séries é comparando crônicas em que ele trata do mesmo assunto, pegando um exemplo no “De Palanque” e outro nas “Croniquetas”. A história que selecionei teve início no “De Palanque” em 13 de janeiro de 1886, com Eloy, o Herói, contando sobre um relacionamento de desfecho trágico:

O público fluminense comoveu-se ontem com a notícia de um desses fatos horríveis, conhecidos nos noticiários sob a aperitiva rubrica de “cenas de sangue”.

Joaquim Ribeiro Guimarães apaixonou-se por uma interessante menina, chamada Francisca Maria da Conceição. Esta, a princípio, correspondeu-lhe generosamente; desiludida, porém, sobre as vantagens morais do apaixonado, o que aliás se comprehende pela simples leitura da prosa por ele escrita e ontem publicada, desobrigou-se daquele afeto, e deu ao desrezo o pobre Joaquim.

Lágrimas, rogos, suspiros, queixumes, todo esse doloroso cortejo dos amores sem ventura – nada conseguiu abrandar os rigores de Francisca.

¹⁵⁶ *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 1 de fevereiro de 1886, II ano, n. 240, p. 01.

Demais a mais, os tios da pequena não viam com bons olhos o namorado, e ela, que tinha juizinho, não desejava contraria-los, casando contra a vontade deles.

Entretanto, Joaquim não era homem para chorar na cama, que era lugar quente. Outro qualquer, perdida a última esperança, queimado o último cartucho, trataria de consolar-se por *fas* ou por *nefas*: que diabo! Não faltariam outras Franciscas para vinga-lo a ingratidão daquela. Mas ele não pensou assim: comprou um revólver de seis tiros, escreveu outras tantas baboseiras (porque decididamente estas tolices não se fazem sem reclame), dirigiu-se a rua do Visconde de Sapucaby, disparou quatro tiros contra a pobre moça, e tentou suicidar-se com os dois restantes, no que revelou fraca ciência na conta de dividir.

O suicida é sempre um tolo: este axioma só pode ser contestado por tolos; o mais tolo dos suicidas é, porém, o suicida por amor.

E este Joaquim, além de tolo, foi perverso. Estava farto de viver? Pois que se matasse! Mas que torpe egoísmo foi esse de assassinar uma mulher que, não o amando, lhe prestará o inapreciável obséquio de não o aceitar para marido?

Um desgraçado amor fizera dele um homem inútil: a sociedade pouco perde com o seu desaparecimento. Ela, porém, coitadinha, bonita, na aurora da vida, e com todas as disposições para chegar ao crepúsculo, dentro em algum tempo estaria casada, e habilitada a dar cidadãos a esta pátria, que tanto precisa de gente! Quantos homens assassinou Joaquim, assassinando Francisca? Quem sabe?

O pobre rapaz tinha o espírito naturalmente estragado pela leitura dos romances pantafaçudos que todos os dias se hospedam no rodapé dos nossos jornais. Por coincidência, no mesmo dia do crime, o *Jornal do Comércio* incitava um novo romance de Xavier de Montépin, o grande perturbador de cérebros.

Ora, se Joaquim deixasse em paz a desgraçada da moça, e recorresse ao tempo, o grande, o único consolador, daqui a alguns anos rir-se-ia dos seus disparates, e diria aos seus botões: “Como fui tolo!”, quando a visse passar, feliz e despreocupada, com seu marido e seus filhos.

Entretanto, como nem ele nem ela sucumbiram, faço votos ardentes para que escapem ambos, casem-se, tenham muitos filhos, e ensinem a estes que os revólveres só se inventaram contra malfeiteiros e ladrões.¹⁵⁷

A narrativa é um pouco confusa, às vezes dá a entender que o rapaz e a moça morreram, mas no final da história é possível ver que até então os dois sobreviveram ao episódio. Mais tarde, em 31 de janeiro de 1886, a notícia reaparece na fala de Eloy, o Herói; dessa vez nas “Croniquetas” e com novas informações sobre o desenrolar da trama. Ele diz:

As leitoras da *Estação*, seres sensíveis e melindrosos, não deve certamente agradas as ideias que externei do alto do meu *Palanque*, do *Diário de Notícias*, a propósito do drama da rua do Bom Jardim. O caso tem uma pontinha de romance, muito ao sabor das senhoras. Mas coloquem-se suas excelências sob o ponto de vista social, e digam-me pelo amor de Deus o que se pode esperar de uma geração que suspira enterneida ao assassinato e ao suicídio.

¹⁵⁷ *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 13 de janeiro de 1886, II ano, n. 221, p. 01.

J. amava F., e F. até certo ponto lhe correspondeu. Mas um belo dia, ou porque outro lhe falasse melhor ao coração, ou muito simplesmente porque tivesse mais em que cuidar, F. esqueceu-se de J. e mandou-o pentejar monos, como se costuma a dizer quando não se quer dar às histórias uns laivos de romance que elas não tem.

J., em vez de se munir de uma forte dose de resignação, muniu-se de um revólver de seis tiros, foi à rua do Bom Jardim, encontrou F. à porta de uma quitandeira, o que prova de sobejó que a pequena não pertence ao *high-life* do bairro, disparou quatro tiros contra ela e reservou os outros dois para si. Esta divisão de tiros dá uma fraca ideia dos conhecimentos aritméticos de J..

Nem ele morreu nem ela; ficaram ambos gravemente feridos, e acham-se em tratamento no hospital da Misericórdia, onde se namoram através da parede que separa as duas enfermarias. Pelo menos é isso que dá a entender a *Gazeta da Tarde*.

Ai, o coração humano! O coração humano! F., interessando-se pelo homem que tentou assassiná-la, mais uma vez me convence de que Molière foi verdadeiramente um gênio quando inventou a mulher de Sagnarello! E aqui não se trata do clássico *bâton molièresco*, mas do revólver, personagem obrigado de todos os dramas do século XIX.

Tanto J. como F. estão em via de restabelecimento; logo que obtenham alta do hospital, irão ambos naturalmente pedir a um padre que santifique pelos laços indissolúveis do himeneu, aquela união que o sangue tornou imprescindível.

Tudo isso interessa, tudo isso comove e sensibiliza, mas não edifica. Posterguem-se de uma vez para sempre, não as paixões, que paixões hão de existir enquanto houver um animal pensante, mas as lamúrias, o lirismo, a pieguice e a retórica que elas, por via de regra, provocam aos senhores jornalistas de todos os credos. Não há maior desbenefício social do que esse, de lisonjear a mania dos suicidas.

E então dos suicidas que, não satisfeitos de se suicidar a si, suicidam também o objeto amado! Para lá!¹⁵⁸

Na *Estação*, a notícia foi contada de maneira mais clara, preservando o anonimato dos envolvidos – apesar disso ser desnecessário já que aquela notícia estava aparecendo, como o próprio narrador afirmou, porque as leitoras haviam lido a tal publicação de 13 de janeiro de 1886 no *Diário de Notícias* e ficado revoltadas com a forma que Eloy, o Herói, tratou a situação –, mas deixando claro que para o narrador não há nada de romântico no suicídio e que esta não passa de uma ideia e ato tolos.

Então, assim como acontecia nas “Croniquetas”, em algumas edições o “De Palanque” vinha assinado com o nome do próprio autor, ao invés do seu pseudônimo. Acredito que para Azevedo, Eloy, o Herói, não era uma forma de esconder sua verdadeira identidade, mas sim um personagem criado por ele e que parecia funcionar. E quanto a Eloy, o Herói, ser o mesmo personagem, com o mesmo perfil e características, nas duas seções, disso não tenho dúvidas. As maiores características daquele personagem são: a

¹⁵⁸ A ESTAÇÃO, 31 de janeiro de 1886, XV ano, n. 02, p. 08.

luta constante pela abolição da escravidão no Brasil e a inclusão das mulheres no universo cultural e no “De Palanque” essa defesa era muito presente e tinha uma repercussão ainda maior já que seu público contava com um bom número de leitores do sexo masculino que podiam ver as novas demandas sociais. A paixão pela dramaturgia era uma marca de Azevedo e também não deixou de ser passada para seu personagem, sendo raras as crônicas que o assunto não era tratado nas duas séries. Além disso, existiam números em que Azevedo publicava exatamente a mesma crônica nas duas séries, com as mesmas palavras, mostrando que quase não existia distinção entre as “Croniquetas” e o “De Palanque”.¹⁵⁹

Para mostrar como esses casos de o cronista publicar o mesmo texto nas duas séries se davam, selecionei o “De Palanque” de 16 de fevereiro de 1886. A crônica é uma verdadeira propaganda abolicionista. Ele fala:

Fui ontem ao necrotério ver o cadáver da desgraçada Joanna, assassinada pela Exma. Sra. D. Francisca da Silva Castro.

A mártir era uma criança: teria dezesseis anos, quando muito. Os sinais das sevícias são evidentes em todo o corpo, e o termo da autópsia a que ontem se procedeu basta, cuido, para abrir as portas da Casa de Correção à desumana senhora.

O cadáver estava estendido numa das mesas do piedoso estabelecimento. Tinha os braços abertos, como implorando a misericórdia divina para este amaldiçoado país, onde o homem estrangeiro pode vender o nacional. Muitas pessoas que se achavam ontem comigo no necrotério deixavam correr as lágrimas em fio, contemplando esse cadáver, que seria um revolucionário, se nesta população heterogênea, composta de elementos tão diversos e tão apáticos, pudesse haver os espíritos das revoluções.

Quanto a mim, esse cadáver ensanguentado fala mais alto que todas as conferências abolicionistas havidas e por haver; aquelas chagas, putrefactas como a própria escravidão são mais eloquentes que todos os artigos da *Gazeta da Tarde* publicados e por publicar.

Donde se infere que a verdadeira propaganda abolicionista é feita pelos próprios escravocratas. Joanna é uma dessas vítimas sacrificadas a uma grande causa. O seu lugar no Império está marcado entre os grandes mártires da liberdade. Aquilo não é um cadáver: é uma bandeira.¹⁶⁰

Eloy, o Herói, mais uma vez, mostra sua decepção com a inércia da população brasileira a respeito da situação dos escravizados no país. Após uma análise das crônicas publicadas por Azevedo através do seu pseudônimo, posso afirmar que esse é o discurso sobre abolição da escravidão mais forte que o narrador fez em suas séries. Ao que indica, Eloy, o Herói, também pensava assim, tanto que, mais tarde, em 31 de outubro daquele

¹⁵⁹ As diferenças se limitavam a linguagem e à cordialidade que era mais presente na revista destinada às senhoras.

¹⁶⁰ *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 16 de fevereiro de 1886, II ano, n. 255, p. 01.

mesmo ano, copiou o mesmo texto na edição da “Croniqueta”. Uma republicação tanto tempo depois pode parecer sem sentido, no entanto, em outubro, havia sido noticiado que a responsável pela morte de Joanna seria submetida a julgamento no júri da Corte carioca e Eloy, o Herói, aproveitou para contar a história completa às leitoras d’*A Estação*. Outros casos de republicação eram mais imediatos e aconteciam na mesma quinzena, mas justamente pelo tempo que esse caso demorou a ser copiado para a outra série tornou-se mais interessante trazê-lo para análise.

Se Arthur Azevedo e Eloy, o Herói, partilhavam das mesmas ideias e o público tinha conhecimento de quem era o real nome por detrás daquela assinatura, por que Azevedo insistia em utilizar um pseudônimo? As intenções do autor são claras. Acredito que, para ele, a criação de um personagem foi necessária para expor pensamentos coletivos e não individuais. Eloy, o Herói, seria o porta voz de uma parcela da sociedade que se via incomodada com a escravidão, alguns posicionamentos de figuras políticas e o descaso com a educação feminina no país. Apesar dessas questões serem as principais pautas defendidas em qualquer produção de Azevedo, o escritor estava rodeado de outros intelectuais e pessoas comuns que partilhavam dessas ideias. Uma base para esse argumento é a própria utilização da assinatura nas séries “Croniquetas” e “De Palanque”: quando o assunto da crônica era pessoal, o autor costumava assinar com o seu próprio nome, no entanto, quando o mesmo falava sobre questões que abrangiam a sociedade em questão, o pseudônimo é que aparecia.

O próprio nome “Eloy, o Herói” indica a que veio tal personagem. “Eloy” é uma palavra vinda do francês e que significa “o escolhido” ou “o eleito”, nem precisaria do complemento “o Herói” para mostrar o que Azevedo queria dizer com aquele nome. Não existe crônica explicando o pseudônimo, mas não era difícil as leitoras e leitores daquelas séries deduzirem, mesmo sem o mínimo conhecimento da língua francesa, a ligação lógica com a utilização de “herói”. Azevedo coloca seu personagem como uma voz parcial da nação, que acompanha aqueles que buscavam algumas transformações sociais e que acreditavam no progresso brasileiro.

Azevedo publicava séries de crônicas em outros jornais, como *A Vespa*, *Gazeta da Tarde*, *O País*, entre outros, no entanto, naquelas seções ele assinava sob pseudônimos diferentes. Eloy, o Herói, especialmente, foi utilizado nas crônicas do *Diário de Notícias*, *A Estação* e, por um curto período, no *Novidades*. No entanto, estas não foram as únicas

aparições daquela assinatura; em 1867, aos 12 anos, enquanto ainda morava em São Luís, Azevedo já escrevia poemas e crônicas que eram publicados em jornais da região e assinados como Eloy, o Herói.¹⁶¹ Dá onde Azevedo, ainda criança, tirou inspiração para criar aquele nome não é conhecido, mas fica claro que ele utiliza essa assinatura em momentos específicos da sua carreira como escritor: primeiro em uma fase não madura, logo que começou a escrever, e depois quando já tinha conquistado espaço no meio intelectual.

¹⁶¹ De acordo com: ROSSO, Mauro (org., introdução e notas). *Contos de Arthur Azevedo: os “efêmeros” e inéditos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Ed. Loyola, 2009. p. 39.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que ficou para as mulheres?

No momento final da minha pesquisa – após ter analisado a revista *A Estação*, as “Croniquetas” de Eloy, o Herói, as relações entre esse personagem e seu criador e as motivações pessoais e profissionais de Arthur Azevedo que o faziam escrever aqueles textos – cabe fazer um levantamento daquilo que o cronista e a própria revista tentaram transmitir às suas leitoras. Em algumas de suas crônicas, Eloy, o Herói, mostra que as mulheres estão ampliando seu espaço no mercado de trabalho e incentiva o fato, além de demonstrar grande preocupação com o futuro a elas reservado. Ele salienta que a arte é fundamental para uma boa educação e tenta convencer suas leitoras de que a forma mais produtiva de contribuição na sua formação cultural é a ida aos teatros. Partindo dessas observações, é interessante perceber também como esse narrador vê a mulher daquela época e como entende a educação feminina.

Os editores d’*A Estação* costumavam dizer que aquela era a única revista no Brasil que trazia nas suas edições uma parte dedicada à moda e outra à literatura, ou então que ela fora a primeira destinada, exclusivamente, às mulheres. Nada disso era verdade, no entanto, essa era uma forma que a folha encontrou de demonstrar a originalidade do que tinham criado. Sua publicação durou pouco mais de 25 anos, vivenciando os eventos mais marcantes da história brasileira. Posso afirmar que a revista também participou das transformações eminentes, já que era destinada às mulheres e o movimento em busca da liberdade feminina ganhou força justamente durante aqueles anos.

Fazia parte do editorial daquele periódico tratar de assuntos “amenos”, pois esses eram, tradicionalmente, ligados aos interesses femininos. Isso aparecia também nas falas dos escritores que colaboravam no caderno de literatura, principalmente na de Arthur Azevedo, que tinha mais liberdade para conversar com o seu público nas “Croniquetas”. Especialmente no caso dessas crônicas, essa alegação se mostrou equivocada: o que acontecia na prática era que esses escritores tratavam daqueles assuntos que não eram amenos, e ao falarem que eles não interessavam às mulheres, só faziam provocá-las.

A revista (considerando a parte literária) não teve de fato caráter revolucionário no que se refere à “emancipação do sexo feminino”, mas contribuiu naquele processo,

assim como vários outros jornais dedicados às mulheres que levavam discursos, mesmo que sutis, sobre a independência daquele sexo e proporcionavam reflexões a respeito de tais questões. Mais importante do que a forma que falavam, se posicionando a favor ou contra o assunto, era falar e não ignorar que a situação feminina causava incômodo em determinados grupos sociais. Eloy, o Herói, fazia um pouco mais do que isso: suas crônicas, espaço que mais se falava sobre o tema, servia de alerta e mostravam as possibilidades de igualdade entre os sexos. Mesmo que o narrador fizesse provocações e demonstrasse pontos de ambiguidade durante sua fala, existiam momentos em que ele se posicionava em completa defesa da liberdade daquela categoria.

O que a revista conseguiu efetivamente foi modificar a forma que aquelas leitoras viam a cultura, fazendo-as se interessar (mais do que já se interessavam ou de uma maneira mais sofisticada) por música, quadros, poesias, teatros, entre outras formas de arte. As “Croniquetas” também tiveram sucesso nesse quesito. Nesta pesquisa, compreender parte do processo em busca de autonomia para as mulheres foi resultado do tema principal, que foi a formação por elas recebidas durante o período de crônicas que selecionei. Para mim, esses dois pontos foram inseparáveis, pois proporcionar acesso à educação para aquele grupo significava romper com as restrições a elas impostas e é por isso que Eloy, o Herói, chamava tanto a atenção do seu público para a importância de uma formação que fosse de qualidade. Acredito que um dos motivos para esse narrador exaltar às artes daquela maneira era porque, até então, a maior parte das instituições de ensino básicos e profissionalizantes ainda estavam de portas fechadas para as mulheres. Ele também defendia que esse tipo de conhecimento, o artístico, era importante para ambos os sexos, além de ser algo no que ele trabalhava (o criador desse personagem era escritor e teatrólogo) e agradava seu gosto pessoal.

A imagem que Eloy, o Herói, fazia de suas leitoras era de mulheres que iam frequentemente ao teatro, liam os livros por ele indicados, mas que não tinham o menor interesse por política (ou que precisassem, pelo menos, de um estímulo para despertar o gosto pela temática). Depois de analisar as “Croniquetas”, posso afirmar que seu narrador acreditava que seu público era composto, quase que exclusivamente, pelo “belo sexo” e é possível ver durante suas narrativas uma vontade legítima de transformar a realidade daquelas mulheres: primeiro despertando nelas o interesse para assuntos políticos, depois refletindo acerca dos problemas de cidadania feminina.

FONTES

PERIÓDICOS

A ESTAÇÃO: Jornal ilustrado para a família.

A NOTÍCIA.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS.

GAZETA DE NOTÍCIAS.

NOVIDADES.

O PAÍS.

OBRAS LITERÁRIAS

AZEVEDO, Arthur. *O escravocrata*. [S.l.]: Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/escravocrata.pdf. Acesso em: 27/12/2017.

SITES

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia. Disponível em: <http://www.academia.org.br/>. Acesso em: 10/11/2016.

ACERVO O GLOBO. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 15/12/2017.

CONSTITUIÇÃO IMPERIAL. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constiticao/constituicao24.htm. Acesso em: 20/12/2017.

FUNARJ. Disponível em: <http://www.funarj.rj.gov.br/sobre-a-funarj/>. Acesso em: 01/12/2017.

JUSBRASIL. Disponível em: <https://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/>. Acesso em: 15/12/2017.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleitor/glossario/termos/lei-saraiva>. Acesso em: 20/03/2017.

TRIPADVISOR. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/>. Acesso em: 18/12/2017.

BIBLIOGRAFIA

CANDIDO, Antônio (org.). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Edusp, 1965.

CANO, Jefferson; CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo; RAMOS, Ana Flávia. “Narradores do acaso da Monarquia (Machado de Assis, cronista)”. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARVALHO, José Murilo de (org.). *A construção nacional: 1830-1889*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

CHALHOUB, Sidney, NEVES, Margarida de Souza, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *História em causas miúdas: Capítulos de História Social da Crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

CHALHOUB, Sidney, PEREIRA, Leonardo (org.). *A História Contada, capítulos de história social da literatura*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1998.

CHALHOUB, Sidney. “A crônica machadiana: problemas de interpretação, temas de pesquisa”. *Revista Remate de Males*. Unicamp, 2009.

CHARTIER, Roger. “Estratégias editoriais e leituras populares”. In: *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora da Unesp, 2004.

CRESTANI, Jaison Luís. “O perfil editorial da revista *A Estação: jornal ilustrado para a família*”. Revista Anpoll, Vol.1, nº25, 2008.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. "De historiadora, brasileiras e escandinavas. Loucuras, folias e relações de gênero no Brasil (séculos XIX e XX)". *Tempo*, v. 5, 1998.

DARNTON, Robert. “As notícias em Paris: uma pioneira sociedade da informação”. In: *Os dentes falsos de George Washington: Um guia não convencional para o século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DUARTE, Constância Lima. "Feminismo e Literatura no Brasil". In: *Estudos Avançados*. 17 (49), 2003.

ENGEL, Magali Gouveia; SOUZA, Flavia Fernandes de; GUERELLUS, Natália de Santanna (org.). *Os intelectuais e a imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2015.

FREIRE, Maria Martha de Luna. “Introdução” e “As múltiplas faces da mulher moderna”. In: *Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora: FGV, 2009.

GARZONI, Lerice de Castro. *Arena de combate: gêneros e direitos na imprensa diária (Rio de Janeiro, início do século XX)*. Tese de doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas, 2012.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo, Cia das Letras, 2002.

_____. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e gênero*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. “Segunda História: A última vontade de Dona Inácia: o patriarcado confirmado”. In: *Caetana diz não: história de mulheres da sociedade escravista brasileira*. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

JINZENJI, Mônica Yumi. *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de & VELLOSO, Mônica Pimenta (org.). *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no segundo reinado*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

MATOS, Maria Izilda Santos de & BRANCO, Pedro Vilarinho Castelo (org.). *Cultura, corpo e educação: Diálogos de gênero*. Editora Intermeios, 2011.

MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

MENCARELLI, Fernando Antonio. *Cena Aberta: A absolvção de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo*. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 1999.

NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: Memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

PEDRO, Joana Maria. "Relações de gênero como categoria transversal da historiografia contemporânea". In: *Topoi*, v.12, n.22, jan-jun, 2011.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. "A realidade como vocação: literatura e experiência nas últimas décadas do império". In: GRINBERG, K. & SALLES, R. (org.). *O Brasil Imperial, volume III: 1870 – 1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

_____. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. 2^a edição.

RONCADOR, Sônia. "As criadas de Júlia: empregadas domésticas no imaginário literário da *Belle Époque* brasileira". In: *A doméstica imaginária: literatura, testemunhos e a invenção da empregada doméstica no Brasil (1889-1999)*. Brasília: Editora da UnB, 2008.

ROSSO, Mauro (org., introdução e notas). *Contos de Arthur Azevedo: os “efêmeros” e inéditos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Ed. Loyola, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCOTT, Joan Wallach. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez, 1995.

SICILIANO, Tatiana Oliveira. *O Rio de Janeiro de Arthur Azevedo: cenas de um teatro urbano*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014.

SILVA, Ana Cláudia Suriane da. *Moda e Literatura: o caso da revista A Estação*. Tradução publicada pela: Revista de Moda, Cultura e Arte, 2008.

SILVA, Esequiel Gomes da. "De Palanque": as crônicas de Arthur Azevedo no *Diário de Notícias (1885/1886)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Fábrica de contos: ciência e literatura em Machado de Assis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

_____. *Contos de Machado de Assis: Leituras e leitores do Jornal das Famílias*. Unicamp: dissertação de mestrado em História, 2005.

_____. “*A locomotiva intelectual*”: a publicação dos contos de Machado de Assis nos periódicos fluminenses. 2006. Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVIII/pdf/ORDEM%20ALFAB%C9TICA/Daniela%20Magalh%E3es%20da%20Silveira.pdf>.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Mauad, 1999.

TEIXEIRA, Ivan. *O altar & o trono: Dinâmica do poder em O Alienista*. Cotia, SP: Ateliê Editorial: Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.